FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 9 DE MAIO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 080

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE S.S
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 4 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Á sua chegada a Setubal, o sr. Presidente da Republica presta continência á bandeira, em frente dos Paços do Concelho, perante numerosa multidão que ali se aglomerava. Depois de passar revista á guarda de honra, o sr. almirante Américo Tomás foi recebido na Camara Municipal, numa sessão solene

A caminho do Algarve

o Chefe do Estado inaugurou

o hospital regional de Setúbal

com a presença de quatro membros do Governo

SETUBAL, 9 — Para inaugurar as obras exteriores do porto de Portimão e de rega da região do Alvor, o Chefe do Estado deslocou-se hoje expressamente ao Algarve, prosseguindo, assim, no seu propósito de tomar conhecimento directo de vários e importantes melhoramentos, de decisiva influência na prosperidade económica do País, aproveitando a passagem por esta cidade para inaugurar o novo hospital regional.

O sr. almirante Américo Tomás, envergando a farda da Marinha, acompanhado de sua esposa e dos componentes da sua Casa Militar, e dos ministros do Interior, das Obras Publicas, da Saude e das Comunicações e subsecretário de Estado da Agricultura, director-geral dos Serviços Hidráulicos, comandante da P. S. P., presidente da comissão executiva da U. N., director da P. I. D. E., famílias e secretários dos membros do Governo, distribuidos por 14 automóveis, atravessou o Tejo no «ferry-boats» «Monte da Caparica» que partiu da estação do Sul e Sueste no Terreiro do Paço e chegou ás 9 e 10 a Cacilhas, onde era aguardado por muito povo. O Largo Costa Pinto encontrava-se embandeirado e nele formaram as corporações dos bombeiros do concelho, crianças das escolas primárias, pescadores, rancho «Mar e Sol», da Costa da Caparica, filiados da Mocidade Portuguesa, etc. O almirante Américo Tomás recebeu ali vários ramos de flores.

Os governador civil de Setubal, presidente da Camara Municipal de Almada, comandantes militar da P. S. P. e da G. N. R. do distrito e de Infantaria 11, e demais autoridades apresentaram cumprimentos ao sr. Presidente da Republica, que passou revista á guarda de honra formada por bombeiros, depois de ter passado por entre alas de crianças, que agitando bandeirinhas e aclamando-o, sobre ele lançaram pétalas de flores ao mesmo tempo que explodiam turbilhões de morteiros e foguetes. Apesar da chuva quase torrencial que caía, as homenagens ao Chefe do Estado eram entusiásticas.

Em Cacilhas, constituiu-se o cortejo presidencial e ministerial, perseguido por centenas de carros de todos os géneros.

Marcha em grande velocidade a caminho de Setúbal

Debaixo de chuva, o cortejo seguiu para Setubal, em grande velocidade a fim de que o programa fosse cumprido com inteiro rigor. Atravessando sucessivas povoações, ultrapassando estradas estreitas e

(Continua na 14.ª página)

Vai recomeçar

na Câmara dos Comuns

o debate ácerca da pena de morte

LONDRES, 9. — A execução de Ronald Marwood vai reabrir nos Comuns o debate sobre a abolição da pena de morte. Sydney Silverman, deputado trabalhista e chefe do movimento «abolicionista» anunciou que deporia na próxima segunda-feira, na mesa da Camara, uma moção lamentando que Marwood não tenha sido perdoado pelo ministro do Interior.

Sydney Silverman, na sua moção, denuncia as anomalias da lei e alude a um facto lamentável que se deu alguns dias antes da condenação de Marwood: um jovem que estrangulara a sua noiva, com premeditação, só foi condenado a 5 anos de prisão. Cinco dias mais tarde, Marwood, que numa questão entre embriagados, tinha morto um polícia com uma arma que lhe passara um companheiro ocasional, foi condenado á forca. — (France Presse).

Nota do dia

PUNHOS DE RENDA

Um alfaiate de Roma pretende revolucionar a moda masculina. Segundo os modelos que vai propor aos elegantes do seu país, os homens passarão a usar bordados nas dobras das calças e nas algibeiras dos casacos. Para os fatos masculinos serão utilizados, segundo esta nova concepção da indumentária, tecidos nobres, como o brocado e o veludo, em padrões futuristas ou romanticos, com desenhos abstractos e florinhas vistosas estampadas. Voltar-se-á ao galante século XVIII dos punhos de renda, dos coletes de fantasia e dos bofes franzidos e repolhudos. Os conjuntos passarão a designar-se por um nome simbólico ou discretamente alusivo aos vultos da actualidade, aos acontecimentos da política, aos progressos da Técnica e ás ultimas descobertas da Ciência: «Da Terra á Lua», «De Hiroshima a Bikini», «As ilusões de MacMillan», «A surpresa de Ike», «Viagem a Marte em Sputnik de 1.ª classe», etc. Foi este alfaiate engenhoso que confeccionou recentemente dois fatos de estilo italiano para Kruchtchev. Se a moda pega, o primeiro-ministro soviético não deixará de se apresentar já na próxima conferência de alto nível vestido segundo os modelos propostos pelo costureiro de Roma com um conjunto que se poderia denominar, por exemplo, «Bem prega frei Tomás». E a conferência não deixará, por certo, de ser influenciada pela nova indumentária, que contribuirá deste modo, com as suas cores vivas, para refrescar as ideias e conter os impulsos belicosos. Com algibeiras bordadas, o sr. Kruchtchev não terá coragem de meter as mãos no chapeu alto do vizinho, para extrair de lá, como um prestidigitador consumado, os coelhos de orelhas murchas ou as simbólicas pombas da paz. E com punhos de renda, a linguagem não deixará de ser cortês e persuasiva. Mas se o não for, que importa. Com uns punhos de renda — já o sr. dr. Julio Dantas o disse primorosamente em verso —, até a ofensa é linda!

A mulheres

Vivem mais tempo do que os homens

por **May Clayton**

Ler na 7.ª página o primeiro artigo da série

O AZAR DO GATO

HANWELL (Inglaterra), 9. — A Sociedade Protectora dos Animais anunciou que «Micky» um gato preto, fugiu de uma clínica veterinária poucas horas antes de ser lido o testamento do seu antigo dono, que lhe deixou 500 libras (cerca de quarenta contos). — (A. N. I.).

Para a história das Fundações portuguesas (4)

Catorze mil contos para combater

os males sociais acarretados

pelos problemas da cegueira

A guerra e os problemas que a antecederam, o frenesim dos negócios e os altos interesses da finança trouxeram-nos este homem que já tinha atrás de si um passado bafejado pelos deuses. Vinha para tratar de negócios e também em busca de uma paz e de um repouso que a sua pátria — a Roménia — já não podia oferecer-lhe. Hoje, tem 75 anos. Passou para ele a idade febril e impulsiva das realizações materiais. Martin Sain, hoje acolhido á sua Casa dos Plátanos, no Estoril, tem agora mais tempo para se olhar dentro de si, depois de ter olhado de olhos bem abertos, para ver o que ia á sua roda.

Alguma vez terá porém, medita-

(Continua na 6.ª página)

O sr. Aristide Sain, do conselho administrativo da Fundação criada por seu pai, o sr. Martin Sain

Nas barbas da Polícia

LONDRES, 9. — Apesar da vigilancia exercida pela Polícia, os gatunos conseguiram, durante a noite, roubar um camião carregado com 223 caixas de «whisky» escocês da melhor qualidade, que se encontrava perto da doca londrina de Bermondsey para ser exportado. — (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO..

Valor terapêutico

dos frutos e dos vegetais (5)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A vitamina C é a mais abundante de todas, a que se encontra em maior percentagem nos frutos que a natureza, pródiga em ervas e em plantas medicinais, oferece e indica ao homem como alimento natural.

Encontrou-a e estudou-a o profes Gyorgy, da Universidade de Szeged, no sumo de laranja e nas folhas de couve (ácido ascórbico, 1928-33), mas foi Haworth e colaboradores, após curiosissímas investigações, que identificaram e estabeleceram a fórmula química. É muito vasta a acção biológica déste composto. Na dose de um miligrama diário isenta as gestantes e jovens indivíduos de uma enfermidade penosa: o escorbuto e mantém o ritmo normal de crescimento.

É bem conhecida a actividade antiescorbútica dos sumos, legumes verdes e frutos, razão da riqueza destes em factor C.

Cristais de ácido ascórbico foram

(Continua na página 4 do nosso suplemento)

Visado pela Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

HISTÓRIAS DE COBRAS

ANDAM as terras e as gentes alarmadas. As víboras, desentranhadas de rochas e restolhos, assaltam homens, mulheres e caça miúda. A província (e as Beiras, especialmente) estão cheias de histórias e lendas de cobras e lagartos (as cobras atacam os homens, os lagartos, com seus instintos sedutores, atacam as mulheres..). Mas estas que se contam agora nos jornais, independentemente do sexo de atacantes e atacados, são alarmantes na sua verosimilhança. A primeira das histórias passou-se em Valpaços e foi o «Século», nosso prezado colega, que, relatando-a e invocando sagrados deveres de assistência, mobilizou vontades (a partir do ministro da Saúde) para salvar a vida a Maria da Cruz. A sua vida perigara, quando uma víbora a mordeu. Foi a aplicação do soro antiofídico, conseguido através desse movimento de solidariedade, que lhe deu a vida que começava a faltar-lhe. Santa Catarina da Serra (Chainça) também tem a sua história. Passou-se com Carmina Marques que ao atravessar um faval foi atacada por uma víbora. Sózinha, matou o reptil e sózinha, arrastando-se, como ele, conseguiu chegar onde lhe dessem tratamento. Mais comedida, porém, foi a cobra de Santo António da Charneca. Apanhou um coelho tamanino que não chegou a sugar, graças ao cão do pastor Urbino Guilherme. A'quela valeu-lhe a morte, com forte dança de varapau...

FEIXE DE NOTÍCIAS

O Chefe do Estado presidiu ás celebrações do 131.º aniversário do nascimento do fundador da Cruz Vermelha, assistindo ao acto luzido e significativo os ministros da Defesa e Interior. O prof. Castro Freire evocou a figura extraordinária de Henri Dunant, cuja vida agitada e cheia de sacrifícios, não o impediu de ser nobre e generoso.

* Sousa Costa, nome grande das letras portuguesas, viu-se ontem rodeado de amigos e admiradores que lhe foram testemunhar apreço e amizade. Na Sociedade de Geografia, tendo o dr. Guilherme Pereira da Rosa a presidir á sessão, a poetisa Maria Helena falou com sensibilidade e admiração do homem e do escritor que celebra agora 50 anos de actividades literárias. Sousa Costa agradeceu e o dr. Guilherme Pereira da Rosa felicitou a conferente e o homenageado, congratulando-se pelo brilho da homenagem.

* A Camara pronunciou-se a respeito dos prémios municipais de arquitectura. Casas bonitas de fachada? Espera-as o Prémio Valmor. Casas de tipo funcional, bem divididas, modernas, solucionando problemas de hoje? Aí está o Prémio Municipal de Arquitectura (edificações). Simplesmente, o juri, por unanimidade, resolveu não dar o primeiro (e lá terá as suas razões...) atribuindo por unanimidade o Prémio Municipal de Arquitectura ao prédio edificado pelos arquitectos Manuel Maria Cristóvão Lajinha, Pedro Anselmo Braancamp Cid e João de Barros Vasconcelos Esteves.

* Dois acidentes provocados pela água, cada qual com seu drama para lembrar: no lugar de Canedo (Pardilhó) um menino de 2 anos (filho de Joaquim da Silva Rodrigues) saiu de casa e foram-no encontrar morto numa vala; em Barqueiros, o drama teve mais extensão: uma mulher (Isaura Macedo), devido ás águas da chuva, foi arrastada pela corrente; outra, entrevada (Maria Carvalho), foi retirada a custo da residência inundada. Em Porto do Rei, a enxurrada foi tanta que arrastou António Pinto (52 anos, carregador da C. P.). Como sinal da morte, deixou o guarda-chuva a boiar nas águas paradas.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o prof. Caeiro da Mata, o governador do distrito autónomo da Horta; dr. José Augusto Correia de Barros e prof. Fernando Frade Viegas da Costa e D. Fernanda Reis. No seu livro de cumprimentos inscreveram-se o patriarca das Índias Orientais; o reitor da Universidade Técnica de Lisboa; general Francisco Holbeche Fino e dr. Vasco Taborda Ferreira, delegado á Conferência de Direito Internacional Privado da Haia. * Com o Presidente do Conselho trabalhou o sr. ministro do Ultramar. * A Polícia de Viação e Transito descobriu o autor de um crime de atropelamento, ocorrido entre Póvoa de Varzim e Famalicão. A vítima era João erreira da Costa (54 anos, Barcelos) e o autor Horácio Carneiro de Jesus, que acabou por confessar a sua culpa. * Dizem de Carregueiros (Tomar) que no lugar do Casal das Lameirinhas uma faísca fulminou oito ovinos do rebanho pertencente a Joaquim Bernardo. * Também devido a uma faísca, ficou paralítica dos membros inferiores Ana de Morais (Vale de Madeiros). Trabalhava no campo e acolhera-se aos ramos de um carvalho.

Rosa dos Ventos

Só nos Estados Unidos! Uma companhia de autocarros de Washington estava em crise, á beira da falência. O milionário Oscar Roy Chalk, um dos norte-americanos com mais iniciativa dos nossos dias, comprou-a, por uma soma considerável, disposto a endireitar o negócio. Que medidas tomou para esse fim? Só a imaginação americana (ai de nós, Europeus, povos cansados!...) tem destes rasgos colossais. O sr. Roy Chalk não olha a despesas: começou por mandar pintar os seus autocarros de cores berrantes — verde e vermelho — contratou um lote de moças género «exciting» para hospedeiras e organizou nada menos do que uma grande parada através da nobre capital, com 100 autocarros, 67 dos quais com ar condicionado, quatro orquestras, um formigueiro de «pin-ups», «clowns» e bailarinas de calypso... Resultado: no decurso do ano findo, a companhia em questão teve um lucro de 250 milhões de dólares. O sr. Chalk ficou a ganhar.

*

Há quem chame aos nossos dias tempo de angustia. O pavor dos cataclismos nucleares, a ameaça de uma nova guerra, a delinquência juvenil nos grandes centros, a generalização do cepticismo e da desesperança parecem os males maiores de um século apocalíptico, apesar dos que, fervorosa e obstinadamente, acreditam no futuro. Verifica-se, entretanto, através de um inquérito do magazine americano «U. S. News and Word Report», que há cerca de 100 anos — e tal não deixa de ser tranquilizador — já o medo era a preocupação dominante. E já se falava em agonia cósmica; já um excelente burguês de Nova York, o sr. George Strong, na época aurea do «gang» dos «Coelhos Mortos», se alarmava com os sinistros sinais dos tempos: «O perigo que nos ameaça chama-se «barbarie». Há duas décadas que giramos em torno de um precipício. A vida humana, a propriedade, a lei, já nada é respeitado. A descrença invadiu todos os espíritos. O nosso universo encontra-se em decadência e a destruição da nossa civilização está iminente!». Ora o cataclismo ainda não veio!

*

O óleo de fígado de bacalhau, que é o terror de tantas crianças, pode vir a ser um medicamento para adultos. Um médico inglês e um dos seus colegas holandeses descobriram, depois de numerosas experiências feitas com animais, que a absorpção do óleo de fígado de bacalhau reduz a percentagem de colesterol no sangue.

Como se sabe, a presença de grandes quantidades de colesterol é considerada pela maior parte dos cardeologistas como um dos factores que provocam o trombose coronária. Deste modo, prevê-se que num futuro próximo os médicos receitarão óleo de fígado de bacalhau aos seus doentes de coração a título preventivo.

*

Entre amigos:

— Já sabias que a Julieta se vai casar?

— Ah! E quem é o feliz mortal?

— Eu!... Porque, afinal, já não se casa comigo.

Os componentes do curso de 1934

Reuniu-se o curso de 1934 do Colégio Militar

No Colégio Militar reuniu-se, hoje, o curso saído em 1934 que comemorou este ano as suas bodas de prata. Dos sessenta e nove alunos de então, estiveram presentes cerca de cinquenta, além do director e subdirector daquele estabelecimento e do coronel Benjamim Luazes, herói das campanhas do Sul de Angola, que foi durante muitos anos professor daquele Colégio. Entre outros componentes do curso de 1934, em que predominam oficiais de Marinha e do Exército, compareceram os srs. tenente-coronel aviador Figueiredo Cardoso, majores Cavaleiro, Silveira e Pinto Soares, o professor catedrático de Coimbra Mendonça de Albuquerque, o industrial Vieira da Rocha, os médicos drs. Figueiredo Leite e João José Paredes, o comandante da T. A. P. Sequeira Marcelino, os engenheiros Tomás Figueiredo, Azambuja Martins, arquitecto Sequeira Zilhão e dr. António Costa Cabral. Após a colocação de flores no monumento do Largo da Luz, foi celebrada uma missa pelo capelão do Colégio.

Ás 11 e 30, o coronel Benjamim Luazes descerrou, nos claustros do Colégio, uma lápide alusiva, com os dizeres «Camaradagem, gratidão e saudade»; ao desfile em continência do batalhão colegial perante os alunos do curso de 1934, seguiu-se um almoço de confraternização que foi presidido pelo brigadeiro Pereira de Castro e pelo subdirector daquele colégio. Da India, Angola e Moçambique chegaram vários telegramas de antigos alunos.

A noite, o curso de 1934 reune-se novamente, jantando num restaurante da Baixa.

Tomou posse o novo presidente do Município de Porto de Mós

PORTO DE MÓS, 9 (Pelo telefone) — Nos Paços do Concelho desta vila, efectuou-se hoje o acto da posse do sr. dr. Manuel Brito Cruz no cargo de presidente da Camara Municipal de Porto de Mós, cerimónia a que compareceram delegados de todos os organismos oficiais e particulares do distrito e do concelho e uma larga representação de Mira de Aire, onde o empossado reside há alguns anos e exerce a sua profissão de médico municipal.

Ao acto, que foi muito concorrido, presidiu o sr. governador civil de Leiria. Usaram da palavra vários oradores, a quem o novo presidente agradeceu as palavras de estímulo e elogio.

TÁGIDE

O Vosso Restaurante Music-Hall de Lisboa

APRESENTA

A mais pequena das grandes fantasistas cómicas francesas

MICHELE TAXYL

As duas famosas parelhas de danças modernas

LES JITTER STAR'S

Campeões de «Rock and Roll»

O Fado na linda voz de

HELENA TAVARES

com os seus guitarristas privativos JORGE FONTES e JOSÉ MARIA NÓBREGA
(Maiores de 17 anos)

●

Conjunto Tágide com ALEX WILLIAM'S, FERNANDO ALBUQUERQUE, TOBIAS VALIDO, RODRIGUES e MAMEDE

Animadora LAURA VILLA

Conjunto Palm Beach com FERNANDO POTIER, PEPE COSTA, ROCHA e FREITAS

ALMOÇE — JANTE E CEIE

No Vosso Restaurante de Music-Hall de Cascais

PALM BEACH

PASTELARIA HÚNGARA
SÓ NO
Chicote
PRAÇA DO AREEIRO, 3-A
Telefone 720201

TRAFARIA
Todos os domingos partidas do CAIS DO SODRÉ de hora a hora, das 7.30 ás 17.30

O HOTEL EMBAIXADOR
apresenta hoje em estreia
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
GIANNA QUINTI
vedeta da canção italiana
(Maiores de 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções
Chá completo 25$00

ASPIRINA BAYER

Seja esperta!
Faça um vistão!
Mude de chapéu e de vestido a cada passo com pouca despesa. Modifique-os, tinja-os e avive-lhes a cor, em casa, com as famosas tintas RAPOSA, a marca alemã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos. As tintas RAPOSA para tingir em casa, estão à venda, em todas as drogarias.

Encerramento
do IV Congresso Luso-Espanhol de Dermatologia

COIMBRA, 9 (Pelo telefone) — Prosseguiram esta manhã, na Faculdade de Medicina, os trabalhos do IV Congresso Luso-Espanhol de Dermatologia, com uma sessão a que presidiu o prof. dr. Espírito Santo.

Foram apresentadas comunicações pelos srs. professores Henrique de Oliveira e Renato Trincão e dr. Artur Leitão; prof. Obermayer; prof. Juvenal Esteves e dr. Hermano Neves; prof. Pereiro Miguens e dr. Sicília.

O professor Ayres de Sousa, pronunciou uma conferência sobre «Angioarquitectura da pele», após o que foram encerrados os trabalhos.

Os congressistas partiram, depois, para a Figueira da Foz, onde se efectuou um almoço regional; e á noite haverá um banquete na Faculdade de Medicina desta cidade.

CASAS PARA POBRES
na ilha da Madeira

Um decreto publicado no «Diário do Governo», autoriza a Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal a proceder á construção de cento e vinte habitações destinadas ás famílias de modestos recursos que serão desalojadas em consequência das obras do aeródromo da ilha da Madeira.

Visitaram Sintra
os oficiais dos dois barcos de guerra franceses

Os comandantes franceses Dartigues e Garmier, vários oficiais e oficiais-alunos, que fazem parte das guarnições do cruzador-escola «Jeanne d'Arc» e do aviso «La Grandière» e o primeiro-tenente Manuel Monjardino Gomes Nemésio, partiram hoje de manhã para Sintra, onde lhes foi oferecido um almoço, pelas autoridades navais portuguesas.

Esta tarde, os cadetes da Escola Naval do Alfeite visitaram o «Jeanne d'Arc».

Das 18 e 30 ás 20 e 30 horas, os antigos combatentes franceses residentes em Lisboa oferecem um «cocktail» em honra das tripulações dos dois barcos.

Das 21 á 1 hora, haverá, na Embaixada de França, um baile oferecido aos oficiais-alunos pelo embaixador e pela condessa Bernard de Menthon.

Amanhã, dia da festa de Joana d'Arc, os dois navios estarão embandeirados. Às 9 e 30, os dois comandantes franceses assistirão, na igreja de São Luís, á missa solene comemorativa; e ás 10 e 45, presenciarão, no consulado da França, á cerimónia evocadora do fim da ultima guerra. Das 15 ás 17 horas, os dois navios — que se encontram atracados ao cais da Rocha do Conde de Obidos — estarão patentes ao publico.

Em ALENQUER o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por intermédio do nosso agente D. ODETE GRANADA.

Interesses dos operários da indústria fosforeira

O ministro das Corporações, dr. Veiga de Macedo recebeu esta manhã as representantes da secção feminina do Sindicato Nacional dos Operários da Industria Fosforeira que foram apresentar saudações e tratar de diversos problemas de ordem social relativos á classe.

A delegação constituida pelas sr.as D. Alice de Jesus Caldeira, Cecília Machado Passos e Alda da Conceição Ribeiro, fez-se acompanhar pelos dirigentes do Sindicato.

O dr. Veiga de Macedo, que estava acompanhado pela dr.ª Manuela Silva e pelos drs. Qurino Mealha e Santa Clara Gomes, dos Serviços Sociais do Ministério, depois de ter agradecido as saudações que lhe foram tributadas numa mensagem lida pela sr.ª D. Alice de Jesus Caldeira, anunciou novo passo no Plano de Formação Social e Corporativo e que diz respeito á criação de missões sociais que trabalharão junto dos centros fabris e darão especial assistência ao trabalho feminino.

Ainda este ano, será organizada, em Lisboa, uma missão social feminina que terá por objectivo estudar medidas de rotecção e educação das operárias da capital.

O dr. Veiga de Macedo convidou depois os representantes do Sindicato Nacional dos Operários da Industria Fosforeira para um colóquio no qual estes lhe expuseram os seus problemas. Depois de ouvir atentamente e se esclarecer sobre alguns pontos, aquele membro do Governo prometeu solucionar, na medida do possível, os casos que lhe tinham sido equacionados.

A situação dos empregados
de escritório da C. P.

O pessoal dos escritórios dos Serviços Centrais e Regionais da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses dirigiu ao sr. ministro das Corporações uma exposição assinada por 929 interessados.

Nessa exposição, acompanhada de tabelas e quadros sobremodo significativos, em que os ordenados do pessoal de escritório da C. P. são comparados com os de algumas grandes empresas portuguesas similares, como a Carris, a C. U. F., os T. A. P. e com os dos funcionários publicos, expõe-se a precária situação económica dos signatários. Chama-se ainda a atenção para a situação dos empregados de escritório em relação a outros funcionários da C. P. e para outros problemas que os afecta e pedem para ele o remédio eficaz por parte do ministro das Corporações.

MARIA CÂNDIDO
é o grande êxito
do **Casino Estoril**

Joia perdida
pela arquiduquesa da Áustria
foi tomada por uma fantasia

NOVA YORK, 9. — Estava em poder de um jovem cantor de vinte anos a joia da arquiduquesa de Austria perdida na terça-feira durante o baile de gala á portuguesa no Hotel Sheraton.

Val Servino apresentou-se ontem, á noite, no hotel, para entregar a joia — um broche cravejado de pérolas e rubis que pertence ao tesouro imperial austriaco — e declarou tê-la achado na sala de baile, durante a festa organizada no Hotel Sheraton pela infanta D. Maria Antónia, irmã do duque de Bragança.

O cantor disse ter guardado o broche por pensar que se tratava de uma joia de fantasia, sem valor.

Os arquiduques da Austria encontram-se actualmente em Washington. — (A. N. I.).

Aviso aos receptadores

A 5.ª secção da Polícia Judiciária está a proceder a diligências no sentido de identificar o autor ou autores de um furto levado a efeito, nos primeiros dias de Abril ultimo, numa vivenda da Avenida Brás Fernandes, em S. Pedro do Estoril, de onde os gatunos furtaram, entre outros objectos e roupas diversas, um esquentador Cel E 13-561 a gás cidla, cobertores de lã, toalhas de mesa, uma das quais de linho adamascado, outra de plástico e outra com bordados da ilha da Madeira, jogos de guardanapos, camisas de homem de meia manga, próprias para Verão, pijamas, etc.

A Polícia Judiciária tem já conhecimento de que alguns desses objectos foram negociados, pelo que convida todas as pessoas que os possam ter adquirido, a comparecer na sua sede, a fim de confessarem o logro em que caíram; caso contrário, recairão na alçada da lei e serão pronunciadas como receptadoras.

Alguns melhoramentos
inaugurados em Ovar pelo ministro da Justiça

OVAR, 9 — (Pelo telefone) — A residência dos magistrados desta vila, que já se encontra habitada há cerca de seis meses, foi hoje oficialmente inaugurada, com a presença do ministro da Justiça, que aqui veio, também, para inaugurar o dispensário antituberculoso e uma enfermaria-abrigo. Aquele membro do Governo visitará, ainda ,os trabalhos de construção do novo hospital e, á noite, inaugurará a luz eléctrica em Torrão do Lameiro.

O Município de Ovar oferecerá um jantar de homenagem ao prof. Antunes Varela, que amanhã regressará a Lisboa.

As investigações
àcerca do crime da Rua Jardim do Regedor

O assassino do equatoriano Alvarado, ocorrido na Rua do Jardim do Regedor, a que o «Diário de Lisboa» largamente se tem referido, interessou vivamente a opinião publica e continua a ser investigado pela Subdirectoria de Lisboa (3.ª secção) da Polícia Judiciária, cujos componentes das três brigadas desenvolvem grande actividade, procedendo a buscas, interrogando detidos, quer de dia, quer de noite. Essa actividade faz-se sentir mais de madrugada. Na sede da corporação, mantiveram-se até cerca das 5 e 30, o inspector que está a orientar as investigações e os seus auxiliares que interrogaram vários suspeitos.

Procurámos conhecer pormenores das investigações, no que a P. J. pudesse divulgar, mas não o conseguimos. Apesar das diligências feitas, não foi possível estabelecer qualquer contacto com o inspector dr. Geraldo Cardoso.

Pelo que sabemos, a Polícia tem-se visto na necessidade de efectuar prisões, numa tentativa de esclarecimento, as quais, á excepção de uma, não têm sido mantidas.

Isto significa, como temos acentuado, que os investigadores estão a seguir numerosas pistas, o que vem confirmar a complexidade de que se revestem os crimes desta natureza.

O desastre de viação
que vitimou um artista ambulante

Para a família de saltimbancos vítima de desastre de viação na estrada Bragança-Vimioso, que ficou sem os seus modestos haveres e sem a companheira e mãe dos seus componentes, enviou-nos a sr.ª D. Maria Emília Gil, 60$00, «produto de subscrição entre modestos empregados de escritório. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

UMA CAMIONETA
derrubou a fachada dum edifício

GUIMARÃES, 9 — Uma camioneta da carreira de Povo Lanhoso-Porto, conduzida por Imael Rodrigues ao desviar-se de outro veículo foi embater numa loja de vinhos de que é proprietária Candida Rodrigues, derrubando toda a fachada do edifício. A camioneta ficou com a frente destruida. Não houve feridos.

ÚLTIMAS

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

SALVADOR

APRESENTA A REVISTA DA ALEGRIA E DA POPULARIDADE!

ÀS 20.30 e 22.45
ADULTOS M/17 ANOS

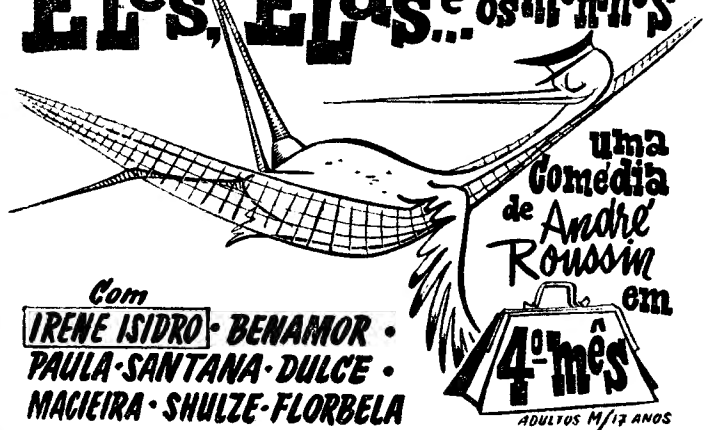
AMANHÃ ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

---

no teatro MONUMENTAL Vasco Morgado apresenta

ELes, ELas... e os meninos



uma Comédia de André Roussin em 4º mês

Com IRENE ISIDRO · BENAMOR · PAULA · SANTANA · DULCE · MACIEIRA · SHULZE · FLORBELA

ADULTOS M/17 ANOS

GRAÇA! ESPÍRITO! MALÍCIA!

Todas as noites ás 21.45 h. — AMANHÃ, á tarde, ás 16 h

Teatro INFANTIL

HOJE e AMANHÃ á tarde, ás 18.30 h.

UM ESPECTÁCULO DE ENCANTO

M/4 ANOS

COM AS PEÇAS

O GATO de BOTAS

E

DEPENDURADO NA LUA

PREÇOS: 3.º Balcão frente 5$00
2.º Balcão a 10$00—Plateia a 15$00

Pasapoga

A «BOITE» DA MODA
AMBIENTE SELECTO

SABADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas
com todo o elenco de atracções

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

Ultimas exibições dos grandes exitos

O ESCULTURAL E APLAUDIDO BALLET ALECOS ALVAREZ

O NOTÁVEL CONJUNTO CINCO BRIZAS DE ESPANHA

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

EM BREVE — EM ESTREIA: PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL:

O GRANDE, ESTUPENDO E FAMOSO BALLET NIKOLSON

E A EXCEPCIONAL SUPER-ATRACÇÃO TRIO LA CAVA

UM ELENCO SENSACIONAL, INTEIRAMENTE NOVO

Beatriz

Villaret

Costinha

HOJE, em 2 sessões, ás 20.30 e 22.45

NO

VARIEDADES

Beatriz COSTA e João VILLARET

Pela primeira vez juntos, á frente de uma grande companhia, triunfam na revista popular de retumbante êxito!

CHAMPANHE SALOIO

com COSTINHA, PILAR CLEMENS e CAMILO DE OLIVEIRA, no «compére»

(Adultos — Maiores de 17 anos)

Amanhã, domingo, ás 16 h.: ESPECTÁCULO À TARDE

SÃO LUIZ
TEL. 27172

15.15 - 18.15 (p. r.) 21.30 (M/17 anos)

Picante... Malicioso... Ousado...

FRUTOS DE VERÃO

com Edwige Feuillére e Henri Guisol

EDEN
TEL. 20768

Às 15.30, 18,30 e 21.45 (M/12 anos)

Um filme português diferente

A LUZ VEM DO ALTO

com Maria Dulce — Roberto Camardiel e Curado Ribeiro

Uma história com o realismo profundo de uma verdade humana.

ALVALADE
Telefone 63080

15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

A deliciosa comédia francesa

FRUTOS DE VERÃO

com Edwige Feuillére e Henri Guisol

ODEON
Telefone 26283

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Um excitante filme de aventuras e «suspense»

JOGANDO COM A SORTE

com Errol Flyn e Gia Scala

ROYAL
TEL. 845037

Às 21 (M/12 anos)

Eastmancolor

NOITES DE SCALA DE MILÃO

c/ Caterina Valente

A CARGA DOS LANCEIROS

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

A VERDADE EM PRIMEIRA MÃO

com «sir» Alec Guiness

TIVOLI
TEL. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

Um famoso filme de «suspense»

FIM DE SEMANA NO ASCENSOR

com Jeanne Moreau e Maurice Ronet

Amanhã, ás 11 h., Ses. Clás. «Cativos do Mal (M/17 anos).

POLITEAMA
TEL. 26305

15.15 - 18.15 e 21.30

Grandioso êxito

Uma sensacional história de amor, desonra, audácia e castigo

OS BARQUEIROS DO VOLGA

com John Derek e Elsa Martinelli

Totalscope — Eastmancolor

(Maiores 12 anos)

CONDES
TEL. 22523

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Passado na mais encantadora paisagem das ilhas selvagens do Mediterraneo

A GRANDE ESTRADA AZUL

com Yves Montand e Alida Valli

CAPITÓLIO
TEL. 27493

A's 21 (M/12 anos)

Colorido

ESTRADAS DO INFERNO

com John Waine

Superscope — colorido

TESOURO SUBMARINO

com Jane Russel

LIZ
TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)

2 F. Cinemascope

MULHER ARDENTE

Irene e o mordomo

RESTELO
Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)

Panoramico Techn.

QUERIDO JOEY

com Frank Sinatra

IMPÉRIO
Tel. 55134/5

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

3.ª SEMANA

(M/17 anos)

O admirável filme de Cayatte que é um acontecimento na vida cinematográfica

O ESPELHO DE DUAS FACES

com Michèle Morgan e Bourvil

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

Burt Lencaster
Clark Gable

Os dois gigantes da tela em

OS TUBARÕES DO PACÍFICO

Um filme de grande «suspense». Um drama no fundo do mar!

MONUMENTAL
TEL. 55131

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

3.ª SEMANA

A mais alegre e picante comédia do ano!

A ESTREANTE ENDIABRADA

com Rex Harrison e Kay Kendall

ROMA
Telef. 727778

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

A batalha sem tréguas de um investigador honesto e corajoso

O CRIME DA 10.ª AVENIDA

com Richard Egan e Jan Sterling

AVIS
Tel. 47163

15.30, 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

4.ª SEMANA

O filme mais deslumbrante e mais romantico do ano

OLHOS NEGROS

com Johana V. Koczian, Ivan Desny e Ewald Balser

TERRASSE
TEL. 20917

A's 21 (M/17 anos)

O MEU MAIOR PECADO

PÃO, AMOR E...

CINEMA IDEAL

Às 21 (M/12 anos)

Conselho de guerra

Sempre em meu coração

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, ÀS 21 e 45 (12 anos)

A OBRA-PRIMA DE ALFREDO CORTEZ

UM NOVO ÊXITO

SAIAS

COM A COLABORAÇÃO DO GRUPO DE PAULITEIROS DE MIRANDA

Direcção de PEDRO LEMOS ■ UM NOTÁVEL ELENCO

TRINDADE

Só mais alguns dias

AMANHÃ: ÚLTIMO DOMINGO

ÀS 21 e 45 (17 ANOS)

A peça que é assunto de todas as conversas

À ESPERA DE GODOT

DOMINGO NÃO HÁ «MATINÉE»

OIÇA

MARIA CÂNDIDO

NO CASINO ESTORIL

E NUNCA MAIS A ESQUECERA

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por VITOR MANUEL PIRES DA SILVA.

DOÇARIA CASEIRA no BAR RIBATEJO

Uma Pega 6.50 — Café de Balão — P. do Areeiro, 11 - D

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

No Teatro da Trindade, foram suspensos os ensaios da peça «Lucy Crown». Até final da temporada, e dado o êxito que a sua representação está a obter, manter-se-á em cena a peça «A' espera de Godot».

—A convite da Camara Municipal de Guimarães, a companhia do Teatro Avenida, a actuar no Porto, desloca-se na terça-feira próxima àquela cidade, a fim de representar o original de Raul Brandão, «O gebo e a sombra».

—Para interpretar uma das figuras do filme «O primo Basílio», em rodagem nos estudios do Lumiar, foi contratado o actor Luís de Campos.

—«Noivo de Viseu», «Lola», «Almeida» e «Anjinho» são os numeros que o actor Raul Solnado vai desempenhar na revista «Mulheres á vista!», em ensaios no Teatro ABC.

—No dia 5 do próximo mês, realiza um espectáculo no Porto o grupo de bailados «Verde-Gaio».

—No corrente ano deverá ser representada, provàvelmente no Teatro Monumental, uma peça de Jean Anouilh.

—A companhia Maria Della Costa, que no seu Teatro em S. Paulo, acaba de alcançar grande êxito com a representação da peça «Zimba», ainda este ano virá a Lisboa. Sandro Polónio está em negociações para realizar uma temporada no Capitólio.

—Na peça «O grande industrial», em adaptação radiofónica que está a ser transmitida pela Emissora, toma parte a actriz Maria Salomé.

—Sofreu adiamento, na sua apresentação na TV, marcada para a próxima terça-feira, a peça de Shakespeare, «Dois cavalheiros de Verona».

—A companhia brasileira da actriz Cacilda Beker, em Outubro do corrente ano dará alguns espectáculos em Lisboa, segundo consta, no Tivoli.

No Trindade

Últimas representações de «À espera de Godot»

Está a despedir-se do publico, no Trindade, o espectáculo com a peça «A' espera de Godot», obra-prima de Samuel Beckett que deu a Francisco Ribeiro, o encenador, e a Ribeirinho, o actor, ensejo para uma assombrosa encenação e uma criação memorável.

Além de Ribeirinho, intervêm no desempenho, Fernando Gusmão, Costa Ferreira, Armando Cortês e João Lourenço

«Mulheres à vista»

brevemente no Teatro ABC

Do sensacional conjunto artístico que o empresário José Miguel contratou para desempenhar a nova revista de Nelson de Barros e José Viana, «Mulheres á vista!», destaca-se a parelha de bailarinos formada por Yola e Paulo, artistas de excepcional classe que, em Portugal e no estrangeiro, têm conquistado entusiásticos aplausos. Assim, no elenco de «Mulheres á vista!» nada falta para atrair o publico, desde um grupo de artistas teatrais portugueses de primeiro plano, composto por Leónia Mendes, Aida Baptista, José Viana, Raul Solnado, Carlos Coelho e Max, que reaparece depois da sua digressão pelos Estados Unidos, de uma grande e popular artista da rádio e televisão, Maria de Fátima Bravo, a um conjunto de vedetas internacionais que começa pela estrela de revistas e do «music-hall» da Itália, Lina Belmonte, e acaba na famosa actriz cómica brasileira Berta Loran, depois de passar por quatro deslumbrantes estrelinhas da «Cinecitta»: Gipsy, Magda, Fanny e Grazia. Destacam-se ainda, no elenco de «Mulheres á vista!», Daniel Garcia e um formoso grupo de modelos, discipulas e «girls».

No Monumental

continua «Eles, elas ...e os meninos»

Dia a dia cresce de interesse a peça de André Roussin, «Eles, elas... e os meninos», a primeira deste autor a ser representada em Portugal. «Eles, elas... e os meninos» está em cena no Teatro Monumental, há onze semanas, sempre com enchentes consecutivas. A interpretação está a cargo de um excepcional elenco de primeiras figuras, destacando-se Irene Isidro, Alvaro Benamor e Maria Paula, tendo a seu lado os artistas Henrique Santana, Maria Dulce, Florbela Queirós, Virgilio Macieira e Maria Schulze.

No S Jorge

exibe-se «Os tubarões do Pacífico»

Na tela do São Jorge projecta-se esta semana, um filme emocionante, desenrolado nos abismos profundos do mar e tendo como protagonistas dois dos mais queridos e populares artistas do cinema americano: Clark Gable e Burt Lancaster.

«Os tubarões do Pacífico» — assim se chama o filme — descreve-nos a história de um submarino que, durante a segunda guerra mundial, é incumbido de interceptar os «comboios» de navios japoneses.

O filme oferece-nos, do principio ao fim, momentos de grande emoção, galvanizando os sentidos com o poder brutal das cenas bélicas, da mais viva e dramática realidade, recheada de magnifico conteudo humano.

No Império

«Noites de Cabíria», na sessão clássica

A famosa obra de Federico Fellini, «Noites de Cabíria», considerada como das mais sublimes produções da arte cinematográfica,

(Continua na página seguinte)

«A luz vem do alto», no Eden

Já está suficientemente definido o que é um mau filme, mas parece divulgada a ideia de que são os temas que contam. De outro modo, o S. N. I. não teria subsidiado uma obra do autor de «O homem do dia». O subsídio, que poderia permitir a criação de um cinema novo por parte de alguns elementos do movimento cineclubista (agora oficialmente aplaudido), possibilita filmes que nada acrescentam, que desencorajam e que chegam a confundir o publico.

Se o argumento é de William Bendix (ignoramos qual a situação geográfica das figuras de «The light comes from heaven») se dois dos actores (Roberto Camardiel e Félix Fernandez) são espanhóis, se há naquela aldeia alguns traços de um neorrealismo italiano mal entendido, o filme repete alguns erros basilares do pior cinema português. Mas «A luz vem do alto» é um filme mais perigoso que «O homem do dia» com o seu rótulo de «obra séria». O oxigénio que se pode respirar nos pinhais de «A luz vem do alto» pode embriagar algum publico desprevenido, que só conhece o anidrido carbónico. Mas á intriga folhetinesca e sul-americana acrescenta-se uma realização confusa, retalhada de influências que negam qualquer validade á película. «A luz vem do alto» é uma espécie de «Dom Camilo» zangado. Mas se «Bernardo», enorme, monstruoso, inactual, impossível, não tem a sã alegria de Pepone, o padre Manuel, estilizado e diáfano, está a grande distancia de Dom Camilo. Quanto ao «pequeno mundo», Henrique de Campos apaga-o completamente. Para além das figuras centrais, retóricas e frenéticas, apenas se divisa um povo esquissado e convencional, inacreditável no rancho folclórico (que oferece um bolo de pastelaria), mais provável na sequência do encontro de Bernardo com os amigos.

Uma jovem grande proprietária regressa de um convento de Espanha e seu tio, rabelaisiano nas gargalhadas e carneriano no físico, quer que ela case com seu filho para que as propriedades se unam. Mas a jovem conhece um engenheiro que se faz passar por fotógrafo paisagista e fica muito admirada quando vem a saber que ele é dono do solar Canavarro. O rabelaisiano incita o filho e este espera a jovem e quer atentar contra o seu pudor. Mas um pequeno pastor vê a cena e corre a prevenir o engenheiro Canavarro, que se lança para o seu automóvel. O filho do rabelaisiano, supondo ter assassinado a jovem, foge. A jovem, que não foi violada, vinga-se querendo casar com o filho do rabelaisiano. Mas o padre Manuel actua. A jovem casa com o engenheiro Canavarro. O outro jovem é preso. O rabelaisiano, que empunhava um chicote, converte-se á maneira de Pepone.

E' sobre este punhado de figuras que Henrique de Campos assesta as suas camaras, fixando epidermicamente estas coisas em verdades redundantes e graves.

«A luz vem do alto» tem um significado. Representa algo esta necessidade que Henrique de Campos sentiu de deixar para trás «O homem do dia» e subir á serra. Mas prova também que, se é urgente galgar a montanha e encher os pulmões de oxigénio, é necessário também que isso não seja feito por aqueles que até agora fizeram o contrário. Subsidiar esta escalada alpinística representa barrar o caminho aos que a fariam, porventura, com maior agilidade e eficiência e encher de destroços um trajecto que se quer sem impedimentos. A Beira Alta enche de força e de sol as páginas de Aquilino Ribeiro mas não cabe no filme de Henrique de Campos.

A interpretação é irregular. A truculência de Roberto Camardiel, em si mesma de interesse, é quase frustrada por uma dobragem que também prejudica a calma actuação de Felix Fernandez. Maria Dulce tem qualidades mas não resistiu a esta heroina de folhetim radiofónico. Mário Pereira tem uma interpretação razoável e consegue ficar de pé. Curado Ribeiro estremece na pele deste lamentável «engenheiro Canavarro». Fernanda de Sousa e Beatriz de Almeida, bem. A fotografia, de João Moreira, tem imagens agradáveis. O fundo musical é gongórico. Trabalho inteligente de Fernando Fragoso.

«Azulejos de Portugal», de Baptista Rosa, com fotografia de Aquilino Mendes, é um resumo da evolução do nosso azulejo, que tem algumas lacunas graves e um muito certo fundo musical.

Assim, por exemplo, esqueceram-se os azulejos de Pomar, Alice Jorge, Maria Keil, focando-se, sem se citar o nome dos autores, obras de Barradas e Querubim Lapa.

No final do espectáculo foram ao palco receber palmas e flores Maria Dulce, Beatriz de Almeida, Fernanda de Sousa, Curado Ribeiro e Feliz Fernandez e Henrique de Campos.

A. P. F.

(Para maiores de 6 anos)

Arenas de Algés

(Sur Mer)

Domingo, 10 de Maio ás 17 horas

TRADICIONAL GARRAIADA

Corneo-Fraternização
Médico-Veterinária

2 — EM CAVALOS — 2
José Maldonado Cortes
António Joaquim Capela

4 — SEM CAVALOS — 4
João Anginho—Isaías Vaz— Machado Faria — Barroso da Silva

16 — BANDARILHEIROS — 16
2—GRUPOS DE FORCADOS—2

Haverá um intervalo cómico (mesmo cómico): GRANDE VACANAL INTRA-NACIONAL DO EX-TOIRIL. Por qualquer motivo alterado este programa pode ser imprevisto

BILHETES DESDE **7$50**

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Telef. 32889

Adultos M/17 anos

HOJE (até de madrugada) **Grande Noite de Fado.** e uma parada de **Fadistas** em homenagem á atracção nacional Conjunto

RAPAZES DO RITMO

Fados, canções e desgarradas. Animadores **Filipe Pinto** e **Fausto Ribeiro.**

Amanhã, grandiosa «matinée»

Restaurante Solo

Filha da Ti Jaquina

TODOS OS DOMINGOS
ALMOÇOS COM FOLCLORE
DANÇAS E BAILE
ÓPTIMA COMIDA
(6 ANOS)
CARRICHE
OLIVAL DE BASTO
a 500 metros do autocarro

BAILE E VARIEDADES

HOJE, no Centro Espanhol — R. Nova da Trindade, 20 — pelas 22 horas

Grandioso baile com variedades

Conjunto **SOUSA MACHADO** com os seus vocalistas **La Rua** e **José Negreira**

O produto desta festa reverte totalmente a favor do Posto Clínico do Casa Pia A. C.

JANTE
no **CASINO ESTORIL**
E OIÇA
MARIA CÂNDIDO

SENSACIONAL EXITO
DA ESTUPENDA ESTREIA DE ONTEM
HERMANOS RUIZ
EM VIBRANTES BAILADOS

RITZ CLUBE
EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 17 ANOS)

EM PLENA APOTEÓSE DE APLAUSOS: ROSALIA y MESTRES

CARMEN XARRIÉ y ALFONSO LIÑARES

BALLET LUISA TORRES y ZINGARO

e, ainda, todo o elenco, com
VILAÇA
E A SUA ORQUESTRA

No Salão Típico: CEIAS com FADOS E GUITARRADAS

BAR D. QUIXOTE

Rua da Trindade, 9 — Telef. 27109 — (Adultos M/17 anos)

Apresenta a partir de hoje no Caveau o grande animador e cantor: JOSECA

Avisam-se os habituais frequentadores que no Caveau não há musica aos Domingos.

Circo Arriola-Paramés

Tel. 765371 — PRAÇA DE ESPANHA — FEIRA POPULAR

O RETUMBANTE ÊXITO DO MOMENTO

A Família Arriola

OS PRODIGIOSOS ARTISTAS NOS SEUS MAIS AFAMADOS E INCRÍVEIS EXERCÍCIOS À FRENTE DO MAIOR ELENCO DE CLASSE NUM ESPECTÁCULO DE COR E FANTASIA

BAGDAD

A VERSÃO NO AMBIENTE ORIENTAL PLENO DE FANTASIA E LUXO — QUE ARRIOLA-PARAMÉS APRESENTA TODOS OS DIAS EM «MATINÉES» E À NOITE

Hoje «Matinée» às 16,30 e à Noite às 21,45

VENDA DE BILHETES: NO CIRCO A PARTIR DAS 12 HORAS E NAS AGÊNCIAS: PRAÇA DOS RESTAURADORES — D'AVILA, NA RUA PORTAS DE SANTO ANTÃO — AGENCIA ABELHA, NA AV. DE ROMA, 4-C E NA BILHETEIRA AMBULANTE DO CIRCO, NO LARGO DE D. JOÃO DA CAMARA (Junto ao Teatro Nacional)

«Matinées» para mais de 6 anos
À noite » » » 12 »

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

será exibida na quarta-feira, ás 18 e 30, na sessão clássica do Império, no prosseguimento da homenagem a Fellini que «Gente de cinema fala de filmes» lhe está a promover. Giulietta Masina, considerada a maior actriz do Mundo, e a protagonista admirável de «Noites de Cabíria», tão admirável que o Governo italiano a distinguiu com o «Prémio da Bondade».

«Music-hall»

O novo programa da Tágide

O espectáculo apresentado pela Tágide reune amplas condições de agrado, devido á variedade de estilos e a um vincado ritmo, condições essenciais que o «music-hall» moderno não dispensa.

Os «Jitter-Stars», dois rapazes e duas raparigas, constituem um endiabrado numero de «rock». Boas acrobatas que aliam a esta difícil especialidade um sentido notável de dinamismo, expresso através de atitudes verdadeiramente envolgantes. Este conjunto está destinado a alcançar grande êxito, entre nós, dado que os aplausos foram suficientemente expressivos.

Michele Tuxil demonstrou que os seus 39 quilos e 1 metro e 50 de altura(conforme se anunciou) desafiam o talento dos maiores. Trata-se, na verdade, de uma fantasista exuberante, no jeito de Danny Kay; as suas actuações, algumas caracterizadas por uma irresistível comicidade, provaram o estofo de uma grande artista. O publico gostou e aplaudiu, sem reservas, o que é bom sinal.

O «show» conta ainda com a presença de Helena Tavares, acompanhada pelos seus guitarristas privativos. Mais uma vez, Helena Tavares cantou o fado, com raro sentimento e assinalada distinção.

O conjunto Tágide, com a vocalista Laura Villa, animou o espectáculo, executando musica para todos os gostos e que é um convite para dançar. — *S.*

Coliseu

Só hoje e amanhã, «Fronteiras em Chamas», um dos mais vibrantes filmes de aventuras de todos os tempos

Prossegue a carreira triunfal da superprodução em 15 episodios e 3 partes «Fronteiras em Chamas», realizada por Spencer Bennet, e interpretado por Jack O'Mahoney, Dickie Moore e Peggy Stewart. Filme vibrante, intenso, que mantém o publico em estado de assombro e surpresa permanente. «Fronteiras em chamas» narra as aventuras heróicas de Bufalo Bill. Amanhã, á tarde e a noite, ultimo dia do sensacional programa.

TUNA ACADÉMICA

de Lisboa

Está marcado para o dia 24 do corrente, num restaurante da Amora, o almoço de confraternização dos antigos componentes da velha Tuna Académica de Lisboa e do respectivo orfeão. Estas reuniões, que se efectuam anualmente, têm por fim manter os estreitos laços de amizade e camaradagem existentes entre os antigos tunos, desdes os bancos das escolas que frequentaram há dezenas de anos.

Ainda se recebem inscrições pelos telefones 773394 e 726792, ou, por escrito, para a Rua Tenente Espanca 38.

LUTA NO COLISEU

No próximo dia 14, a organização internacional «Empresas Reunidas» dará inicio, na vasta sala do Coliseu, a um gigantesco Torneio Internacional de Luta (Catch), no qual tomam parte os mais categorizados atletas da especialidade.

Este torneio, sem duvida, uma das mais importantes competições desportivas que se têm realizado, entre nós, reveste um aspecto inédito: a apresentação todos os dias, de um lutador misterioso, que actuará de mascarilha, reservando absoluto incógnito.

É um encanto
a voz de
MARIA CÂNDIDO

O filme «Hiroshima, meu amor» provocou em Cannes o efeito de uma bomba

CANNES, 9. — «Hiroshima, meu amor», rebentou como uma bomba, ontem á tarde.

O filme de Alain Resnais — a sua primeira longa metragem (co-produção franco-japonesa) — que figurava na lista proposta pela comissão francesa de selecções, mas que, não tendo conseguido ir além do 3.º lugar depois do «Les 400 Coups» e do «Orpheu Negro», não pôde ser retido, foi apresentado, extra concurso, perante uma sala á cunha, onde causou sensação.

« Magnifico » — declarou Jean Cocteau, presidente de honra do festival — «Resnais provou que se esquecera totalmente do publico».

O argumento e o diálogo são de Marguerite Duras, a autora da «Barragem contra o Pacífico», adaptada á tela por René Clément.

Trata-se de um drama de duas personagens: uma jovem francesa de Nevers encontra em Hiroshima um japonês pelo qual se apaixona, revivendo, a quinze anos de distancia, o seu primeiro amor: o que ela sentiu durante a ocupação por um soldado germanico, morto na véspera da libertação.

«O nosso objectivo não foi nem patriótico nem antipatriótico — explicou Marguerite Duras. — Os que lançaram a bomba sobre Hiroshima, os seus 110.000 mortos e os que raparam o cabelo á jovem, filha de um farmaceutico de Nevers, são todos vitimas dessa alucinação: a guerra».

A película começa por dois corpos enlaçados. As duas personagens — Emmanuelle Rivas e Eiji Okada — não saberão nunca os seus nomes e ficarão sempre, um para o outro: «a Nevers e o Hiroshima». Como todas as obras de Alain Resnais — a sua curta metragem «As estátuas também morrem», que obteve o Prémio «Jean Vigo», em 1954, continua proibida pela censura — «Hiroshima, meu amor», fará correr muita tinta.

Jean Dutourd, autor do «Bon Beurre» declarou, a propósito do filme: «É detestável, essa película», ao mesmo tempo que Georges Sadoul dizia: «Nunca me senti tão interessado». — (F. P.).

Curso de Deontologia

Profissional do Ultramar

A secção da juventude universitária católica do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos promove uma série de lições sobre deontologia profissional ultramarina.

A primeira dessas lições realiza-se hoje ás 21 e 30 e intitula-se «Milandos», sendo conferente o dr. Afonso Mendes.

No dia 15, o dr. Costa Freitas fala das «Relações entre os administradores e empresas particulares»; no dia 18, é o dr. Ferraz de Freitas que fala de «Evolução da mulher indígena» e no dia 20 o padre Albino da Silva Pereira versa o tema «Valores positivos e negativos do conceito de negritude».

MUSEU NACIONAL

de Arte Antiga

Na próxima terça-feira, ás 17 e 30, realiza-se no Museu Nacional de Arte Antiga a inauguração de uma exposição de arte de Gandhara. Assiste o sr. Presidente da Republica.

Na quinta-feira seguinte, o encarregado de Negócios do Paquistão, sr. Aslam Malik, realiza uma conferência, acompanhada da projecção de dois filmes, sobre o «Paquistão de hoje: a serra e o homem».

No dia 16, o sr Myron Mulkiel Jirmounsky, realiza outra conferência sobre a «Arte de Gandhara, no Paquistão».

Almoço do pessoal

do Subsecretariado da Aeronáutica

Os oficiais, engenheiros, arquitectos e funcionários que trabalham no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, em numero de cento e setenta, tiveram hoje o seu almoço de confraternização, na Casa das Arribas, na Praia Grande, agora muito ampliada, e que reabre amanhã para o publico.

A história das Fundações portuguesas

(Continuação da 1.ª página)

do: «Felizes os que podem olhar e ver... Por que deles será o reino dos ceus...».

Acaso, porém, todos terão olhos para ver?

Alguém, um dia, foi recordar ao homem que tudo pode dentro da Sacor — foi ele quem, em 1938, criou em Portugal a Sociedade Anónima da Refinação de Petróleos em Portugal mas a rede dos seus interesses estende-se á Bélgica, França, Luxemburgo, Inglaterra e Panamá — que havia na nossa terra cerca de 14 mil Portugueses que, sendo cegos, muitas vezes tinham de recorrer á caridade publica ou pesar terrivelmente, nos orçamentos de quem os tem a seu cargo.

Um olhar sobre a pobreza

Quantos desses cegos pobres têm, porém, condições para viver por si próprios? Quantos poderão conquistar uma profissão e dela fazer um rendimetno próprio e alheio?

Algumas vezes a Liga de Profilaxia da Cegueira, a que os drs. Mário Moutinho e Henrique Moutinho têm dado carinho, competência e eficiente função, pusera problemas referentes aos cegos abandonados á sua condição. O Rotary Clube ajudara-os. Mas o problema da cegueira continuaria a ser um dos graves pesos-mortos da economia e um desprestigio para o nosso património moral, se não viesse abrir-lhe novas perspectivas a generosa colaboração do sr. Martin Sain.

Uma dádiva de cerca de 15 mil contos serve de base á Fundação Raquel e Martin Sain e diga-se de passagem que tal dádiva não é singular na vida de quem a concede. Entre outros dos seus donativos, contam-se uma subvenção anual para uma bolsa de estudos a favor dos alunos do Instituto Superior Técnico; cinquenta e três aparelhos

Na Fundação vai funcionar curso de telefonistas cegas. Esta trabalha na própria sede da instituição

de telefonia para os hospitais de Lisboa, destinados ao recreio de doentes; um aparelho de radiografia do cérebro, para o hospital dos Capuchos — este oferta da senhora Sain—; por sugestão do sr. Martin Sain, a favor do Instituto de Alta Cultura, a cedência de acções da Sacor, no valor aproximado de 12 mil contos; cedência, por dez anos, dos seus vencimentos na Soponata, a favor de três bolsas de estudo para o Instituto Superior Técnico, Instituto de Ciências Económicas e Financeiras e Ministério da Marinha; 1.100 contos, a favor do Hospital dos Tuberculosos de Torres Vedras — e muitas outras verbas anuais que nem por serem menores serão de menos significado social.

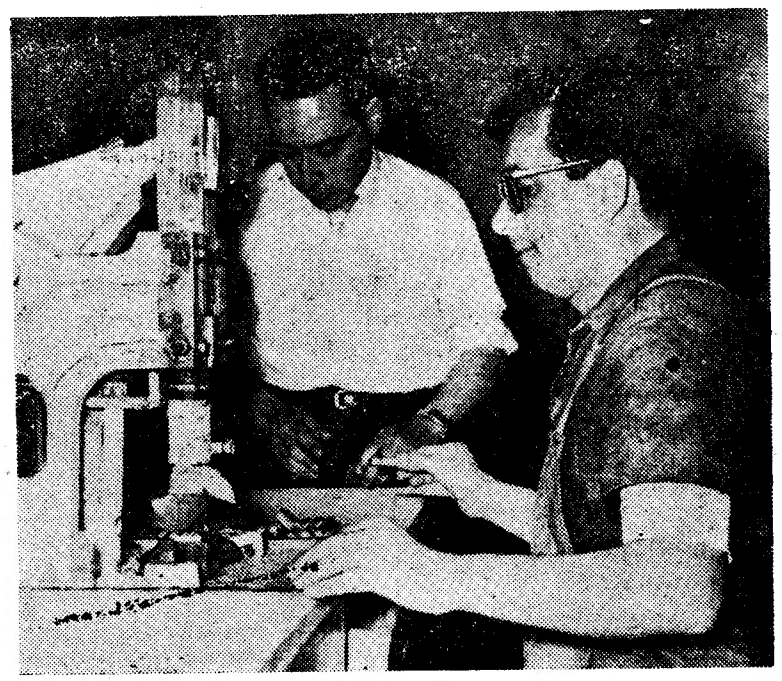
Como nasce uma grande obra

Que se propunha, então, fazer a Liga de Profilaxia da Cegueira, era bem modesto, tendo em conta as enormes necessidades do meio. Pediu ajuda e o sr. Martin Sain perguntou quanto queriam. O pedido era modesto — não são os Portugueses pobres no pedir? — e o sr. Sain achou, de facto, que pediam pouco.

Cinquenta, trezentos mil escudos?

Mas, afinal, porque não pensar em fazer uma «coisa em grande»? E o sr. Sain propôs 500 mil dólares — meio milhão de dólares, 14 mil contos...

Alonjavam-se as vistas, alargavam-se os projectos. Nascia aí a Fundação Raquel e Martin Sain, uma instituição que tem por finalidade educar e ocupar os cegos e, mais do que isso, assegurar-lhes possibilidades de trabalho remunerado. Indo, porém, além do generoso plano educativo, poderá ter fins caritativos, educativos, culturais ou



Dois cegos, integrados numa organização fabril pela Fundação Sain, aprendem a fazer sabonetes

cientificos, relacionados com a situação dos cegos em Portugal.

Fundamentalmente, o seu património é constituido pelos bens expressamente afectados pelo fundador á instituição constituidos por 10 mil obrigações da Sacor, de 5 por cento no valor nominal de 10 mil contos e ainda por 4 mil em numerário. Mas outros bens, por legado ou doação poderá vir a aceitar, pois, diante dos grandes problemas surgidos já se considera abaixo das necessidades o património da Fundação Sain.

A sede da Fundação está há cerca de dois meses instalada num amplo 2.º andar da Rua D. Carlos I, 45. Tudo ali, por enquanto, é provisório. Mais tarde — logo que o terreno esteja escolhido, adquirido e os projectos aprovados — erguer-se-ão os «ateliers» da instituição.

A Fundação Sain será especialmente uma escola técnica, para que os cegos aprendam a trabalhar, ao lado dos que vêem. Não é verdade que, em certas profissões, produzem mais do que os outros dotados de vista?

Mas, mesmo assim, se o cego não é pobre de pedir, tornou-se um fardo para a economia familiar; se pede e aufere bons lucros — na Baixa trespassam-se por bons pares de contos de reis lugares de pedir e pode até suceder que a caixa de um dos que toca ou canta pelas ruas renda diáriamente bons centos de escudos — não deixará de ser o mesmo peso para a economia do País, pois ganha, com as plantas adventícias, sem produzir trabalho util.

Foi, pois, a compreensão de tais problemas e o desejo de dignificar, profissionalmente o cego, reintegrando-o na sociedade e na economia, que deu origem á Fundação Raquel e Martin Sain.

Rosários de sofrimento

Os caminhos dessa recuperação social, que há-de enriquecer-se destes valores humanos desaproveitados, podem ser muitos e de variedade sugestiva, imprevista. Para já, as centenas de cegos que tem ido inscrever-se na Fundação terão á sua disposição cursos de telefonista — a Companhia dos Telefones tem demorado a instalação do P. B. X. — com lições ministradas pelo mesmo funcionário que ensina as meninas da companhia; dactilografia, correspondência por meio de «Braille»; serralheria, costura, «ménage» e cozinha; «ensemblage»; ou ajustamento; embalagens; leitura e escrita, cultura geral.

Naturalmente, logo que estejam construidos os «ateliers» — irão para Cabo Ruivo? — será possivel alargar muito o ambito da aprendizagem, enobrecer as aptidões dos cegos, dando-lhes profissões dignamente remuneráveis.

Por agora, em plena fase de instalação e «recenseamento» — quantos, tão cheios de riqueza interior, quantos tão cheios de esperança, quantos dominando o seu mundo de ilusões, quantos vencidos pelos seus complexos de desdita e miséria! — já é possivel manter cursos de orientação, de ginástica e de correspondência «Braille» sem falar daqueles que ingressaram numa oficina e fazem o seu curso de readaptação.

Cada um que chega abre o seu coração, porque sente, logo no primeiro contacto, que encontra outro coração para o entender.

— Que idade tem? Como cegou? De que vive? Que sabe fazer?

E vem um rosário triste e ao mesmo tempo heroico de verdades, confissões que ás vezes sabem a fel e a sofrimento.

Muitos cegaram porque em pequenos tiveram sarampo. Outras vezes foi um tiro de pedreira que os cegou...

O desastre no trabalho e a falta de conhecimento de preceitos de higiene e sanidade estão na base da cegueira. Será por isso que o Norte é mais afrontado pelos problemas dos cegos?

Por isso — poderá pensar-se — e porque o Norte, cheio de feiras, mercados e romarias oferece campo piedoso á mendicidade. Aí acorrem, por isso, cegos pobres de todo o País. Mas a Fundação Sain, precisamente, propõe-se acabar com os «cegos de pedir».

Não há asilos para os incapacitados pela idade?

Passará a haver escolas — até escolas-pilotos que irão de terra em terra levar noções de actualidade ás instituições congéneres, porque não? — escolas onde todos encontrem pão, amor, felicidade. A felicidade de poder montar um lar e viver do seu trabalho.

TARDE ARTÍSTICA

nos Inválidos do Comércio

Amanhã realiza-se na Casa de Repouso de Inválidos do Comércio, continuando as comemorações do seu aniversário, uma «tarde artística» cuja organização e direcção estão confiadas á professora e poetisa D. Maria Helena de Carvalho e com a colaboração da própria organizadora, da actriz Corina Freire e dos seguintes artistas e amadores de teatro, canto e musica: Alfredo Amorim, Cilina Cruz, Clô-May, cultora do folclore brasileiro, Ester Torres, Fernanda Silva, Ilda Isolina, Joaquim Fernandes, Lucília Maria, Maria Morena, Narciso Sampaio, Natalina Proença, Nazária Esteves, Ribeiro da Fonseca, Teresinha Santos Carvalho, Tony Santos, Vitonel Ferreira, Vitor Moreira e o Grupo Musical de Santa Cecília.

Novo campo de jogos

de Castelo Branco

Pelo ministro das Obras Publicas, foi autorizado o inicio da obra de construção do campo de jogos de Castelo Branco, executada em regime de comparticipação com o Estado e orientada e fiscalizada pela Direcção dos Serviços de Urbanização.

Um momento da passagem de modelos

Passagem de modelos
no restaurante Alvalade

Há três dias que no salão de confecções dos Grandes Armazens do Chiado se estão sucedendo passagens de modelos que entre nós constituem, pela graça, pela elegancia e pelo bom gosto, senão rigorosamente uma novidade, pelo menos um dos grandes acontecimentos mundanos da «saison» no domínio da móda e da alta-costura. Na verdade, é já uma tradição daquele estabelecimento apresentar ao publico nesta época uma colecção de «toilettes» digna dos pergaminhos de qualquer grande centro cosmopolita. O que este ano se tornou particularmente notado foi o encanto dos modelos que vestiram esse meio cento de deslumbrantes vestidos, da autoria dos srs. Manuel Nunes dos Santos e Agostinho Borges, com a colaboração valiosa da mestra de corte D. Maria Policarpo. Realçando os atractivos dessa parada de sedas e formas deliciosas, todos os adornos em que se enleva o eterno feminino: malas, peles, sapatos, joias, etc.

Esta sensacional amostra de elegancia primaveril torna a surgir hoje, ante os olhos do publico de Lisboa, no restaurante Alvalade.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição retrospectiva de Sousa Cardoso no S. N. I.

O Ministério da Educação Nacional e o Secretariado Nacional de Informação estão a organizar uma exposição retrospectiva de Amadeu de Sousa Cardoso. Ccom cerca de centena e meia de obras, vindas de Paris e da Biblioteca-Museu de Amarante, e cedidas por particulares, o certame é de grande importancia para a nossa arte actual e revela o génio de Sousa Cardoso. Uma das telas foi cedida pelo Museu de Arte Moderna de Paris.

O certame abre no dia 11, ás 16 horas, repetindo-se no Porto. O Museu de Arte Moderna de São Paulo pediu ao Secretariado Nacional de Informação o empréstimo de algumas obras de Sousa Cardoso para organizar uma sala com telas do pintor português.

Grupo Português de Aguarelistas

Termina amanhã, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a exposição do Grupo Português de Aguarelistas. Este certame está patente ao publico das 11 ás 19 horas.

Sapataria Douro

Convida a «élite» a visitar hoje a sua exposição de novidades para Homem e Senhora.

Av. Casal Ribeiro, 13 — LISBOA

Chegaram a Evora
restos mortais dalguns membros da família Cadaval

ÉVORA, 9 — (Pelo telefone) — Chegaram a esta cidade, em autocarros-funebres, os restos mortais de D. Jaime Caetano Alves Pereira de Melo, D. Nuno Caetano José Carlos Alvares Pereira de Melo, D. Maria da Piedade Caetano Alvares Pereira de Melo, D. Jaime Segismundo José Alvares Pereira de Melo e de D. Nuno Maria Caetano Alvares Pereira de Melo, da família dos duques de Cadaval, que faleceram em Pau (França) e agora transladados para o panteão da família na igreja eborense dos Loios.

Almoço de homenagem
ao professor jubilado dr. Raul de Carvalho

Realizou-se hoje, no Restaurante de Montes Claros, um almoço de homenagem ao dr. Raul de Carvalho, professor jubilado da Escola Superior de Farmácia e seu antigo director. O almoço foi organizado por um grupo de ex-alunos daquela Escola e a ele assistiram 110 pessoas, entre professores e antigos alunos.

Estavam presentes o prof. dr. Joaquim Mendes Ribeiro, actual director da Escola, dr. Aluísio Marques Real, director dos serviços farmaceuticos do Hospital Escolar, dr. Carlos da Silveira, presidente do Sindicato Nacional dos Farmaceuticos, dr. Alberto Rolla, director dos laboratórios da polícia científica, e os profs. Ramos Bandeira, de Coimbra, e Nogueira Prista, do Porto.

Referiu-se ao homenageado, que no final agradeceu, o prof. dr. Mendes Ribeiro e o dr. Manuel Lopes, antigo assistente do prof. dr. Raul de Carvalho.

HOSPITAIS CIVIS
Posse de um assistente de Neurologia

O enfermeiro-mor dos Hospitais Civis, sr. dr. Mário Carmona, deu hoje posse, no seu gabinete ao sr. dr. Domingos Machado, que recentemente foi aprovado em concurso para assistente da Clínica de Neurologia. Ao acto, assistiram muitos médicos, enfermeiros e amigos do empossado.

O sr. dr. Mário Carmona fez o elogio do sr. dr. Domingos Machado e desejou-lhe muitas felicidades no exercício do seu cargo.

No final, o empossado recebeu as felicitações dos seus colegas e amigos. O pessoal de enfermagem entregou-lhe ramos de flores.

Não vive em Lisboa

Vá para a linha do Estoril que lhe dá outra personalidade. Bonitos andares a estrear com vista de mar, campo e praia a 8 minutos. Alugam-se a 750$00 na Avenida Ferreira Lobo — Caxias — Frente á Igreja.

O transporte é baratíssimo, com assinatura apenas $50 em cada sentido.

Amanhã no Pavilhão dos Desportos

GRANDE FESTIVAL INTERNACIONAL DO PENTEADO E DA BELEZA FEMININA

Organizado pelo CLUBE ARTÍSTICO DOS CABELEIREIROS DE PORTUGAL e pela CASA **L'ORÉAL**, de Paris

Pela primeira vez, em Portugal, participam no mesmo certame os mais famosos cabeleireiros nacionais e estrangeiros (franceses, italianos, espanhois, marroquinos, argelinos, etc.).

Horário — Das 15 às 19 horas: passagem de modelos infantis e demonstração da arte de pentear. Às 21,30 horas, GRANDE GALA, com um desfile de elegância de 1959, apresentação pelo **campeão do Mundo de 1958 de penteados «Haute-Fantaisie» e Variedades,** com a presença de excelentes atracções nacionais e estrangeiras.

Locução de Leite Pereira e Artur Agostinho

O GRANDE FESTIVAL INTERNACIONAL DO PENTEADO E DA BELEZA FEMININA é um verdadeiro acontecimento mundano digno das grandes capitais europeias

ESTORIL ★★★★★★★★★★ **PISCINAS-TAMARIZ** Adultos e Crianças **REABRIRAM** ★★★★★★★★★★

ÁGUA DO MAR COM FILTRAGEM E TRATAMENTO CONSTANTE

SERVIÇO DE RESTAURANTE E BARS

AS MULHERES VIVEM MAIS TEMPO DO QUE OS HOMENS — (I)

Será porque consultam o médico com maior frequência ou devido à sua própria constituição?

por MAY CLAYTON

E' um facto universalmente reconhecido que a mulher vive mais tempo do que o homem.

Aparentemente, parece tratar-se de uma característica inerente á natureza, essa de a fêmea sobreviver ao macho, característica comum á maioria dos animais, incluindo insectos, vermes, ofídeos, pássaros e peixes.

A longevidade da fêmea tem dado lugar a muitos debates sobre a razão de ser de tal facto. Pergunta-se até irònicamente qual dos dois sexos deve ser considerado o «sexo fraco». Mas as perguntas sérias que se impõem são: Porque vive a mulher mais tempo que o homem? Haverá forma de prolongar a vida do homem?

Nesta série de artigos, três conhecidos especialistas de Boston dizem-nos quais os pontos de vista da Ciência sobre tão importante assunto. São eles a dr.ª Grete Bibring, chefe do corpo de psiquiatras do Beth Isreal Hospital, o dr Robert T. Monroe, ginecologista, cujo livro «Doenças da Velhice» é considerado obra clássica da Medicina, e o dr. Howard B. Sprague, cardiologista e antigo presidente da Associação Cardiológica Americana.

Estes ilustres cientistas tendem a concentrar as suas opiniões nas diferenças biológicas dos dois sexos. Até que as pesquisas científicas definam mais concretamente o papel do estado emocional, eles recusam-se a aceitar a crença de que o pobre homem tem vida mais curta por ser emotivamente gasto por ela própria.

Os aspectos emocionais do problema não são completamente vetados por este trio de especialistas, que apenas desejam prevenir que os resultados obtidos neste ponto estão ainda apenas esboçados e sujeitos a especulação.

Consideremos as estatísticas norte-americanas:

Em qualquer idade, o índice de mortalidade do homem americano é maior que o da mulher;

A mulher sobrevive ao homem numa média de 6,3 anos, segundo os ultimos apuramentos. A duração da vida do homem está fixada em 66,7 anos de média, a da mulher em 73.

Mais mulheres que homens

As estatísticas indicam que nos Estados Unidos há mais milhão e meio de mulheres que de homens. Supõe-se que esta diferença subirá em 1975 para os dois ou três milhões, o que significa portanto um numero crescente de velhas e de viuvas.

Tais cifras não querem dizer que o homem não tenha beneficiado do avanço realizado na Medicina desde 1900. A vida dos dois sexos prolongou-se, mas as mulheres parecem ter tirado maiores benefícios dessas conquistas. Mesmo no período a partir de 1940, verificou-se um declínio mais acentuado do índice de mortalidade das mulheres entre os 5 e os 84 anos.

Nos princípios do século, havia mais homens que mulheres nos Estados Unidos, em parte devido á imigração dos solteiros. Mas as epidemias e os nascimentos tiveram papel preponderante nas vidas dos dois sexos.

Em 1900, as mulheres sobreviviam aos homens numa média de dois anos. Nesse tempo, a duração média da vida era de 46 anos para os homens e de 48 para as mulheres.

Desde então os riscos mortais no momento do parto foram largamente reduzidos, dando lugar a um aumento considerável da longevidade da mulher.

O cancro é o grande inimigo da mulher nos seus anos reprodutores, e todo e qualquer avanço que a Medicina faça nesse campo contribuirá para aumentar as probabilidades de longa vida.

Conquanto esse flagelo seja ainda a causa primordial da mortalidade das mulheres até aos 55 anos, a média desceu. O homem não foi tão feliz, especialmente porque o cancro dos pulmões nos homens aumentou.

Que representa tudo isto para o dr. Monroe, que há trinta e quatro anos exerce medicina e é internacionalmente conhecido no campo da geriatria?

O dr. Monroe é um dos fundadores do Centro da Idade de Nova Inglaterra, centro pioneiro do estudo de 600 indivíduos entre homens e mulheres acima dos 50 anos, todos relativamente saudáveis e sem cadastro hospitalar.

—Ninguém até hoje descobriu a razão por que todas as espécies geram mais machos do que fêmeas, nem porque estas vivem mais tempo do que eles.

As investigações no campo das hormonas deram á Ciência algumas luzes, mas subsistem muitas perguntas ainda sem resposta.

As mulheres possuem mais hormonas sexuais femininas denominadas estrogénios, os homens mais hormonas sexuais masculinas denominadas androgénios. São elas que determinam muitas das diferenças entre os dois sexos.

Estas hormonas sexuais podem constituir um facto preponderante na longevidade da fêmea — opina o dr. Monroe.

Os homens sofrem mais

O índice de mortalidade entre os homens, por doenças cardíacas, é mais alto que o das mulheres, entre as idades dos 30 aos 60 anos, e os homens são atacados mais cedo.

Antes da menopausa, quando os estrogénios estão mais activos, crê-se que estas hormonas sexuais femininas protegem as mulheres dos perigos de uma doença cardíaca prematura, pois esse mal ataca mais as mulheres após a menopausa. As mulheres sofrem do coração oito a dez anos mais tarde que os homens.

—Têm, além disso mais complicações cardíacas á medida que envelhecem — afirma o dr. Monroe — mas sofrem-nas mais tarde que os homens, e estes morrem mais cedo por virtude desse mal.

—A obesidade, a elevada tensão arterial e altos níveis de colesterol parecem mais prejudiciais ao homem do que á mulher, o que não quer dizer que não haja doenças de coração ou elevadas tensões arteriais que causem a morte nas mulheres. Simplesmente, tais doenças não as vitimam tão frequentemente ou tão cedo.

—Conquanto se atribua ás hormonas importante papel na longevidade feminina, aqueles que se apressam a ministrar hormonas sexuais femininas aos homens para correcção desta diferença de mortalidade, ainda não chegaram a resultados muito convincentes—diz o dr. Monroe. E acrescenta:—No entanto, nos casos de cancro, pode-se por vezes modificar o índice do crescimento da doença com a aplicação de hormonas sexuais.

Os médicos servem-se delas frequentemente para retardar a propagação do mal.

Outra circunstancia interessante neste assunto da longevidade é a tendência das mulheres a consultarem os médicos com maior frequência do que os homens o fazem.

O dr. Monroe é de opinião que tal se deve ao facto de «as senhoras parecerem ser mais conscientes dos sintomas ou deficiências». Acha também que as mulheres são menos propensas a procurar distracções para se esquecerem dos seus males. E os homens distraem-se a trabalhar.

—Quando um homem procura o médico, os sintomas são em geral mais graves — diz o dr. Monroe.

Entende este sábio que, se os homens se deixassem observar com maior regularidade, teriam mais possibilidades de viver por mais tempo.

No parecer do dr. Monroe, os estados emocionais não são responsáveis pelo encurtamento da vida.

—Se o fossem, então as mulheres morreriam mais cedo, e tal não se dá, conquanto elas pareçam ressentir-se mais das crises emocionais do que os homens.

E, sobre o assunto, conclui:

—A dificuldade está em que o estado emocional varia de indivíduo para indivíduo. Como podemos assim medir-lhe os efeitos?

O PRETO NO BRANCO

Considerações sobre as letras

de RAMADA CURTO

E' claro que não me refiro ás de cambio. Refiro-me ás outras, á poesia, ao ensaio mais ou menos filosófico, ao romance, á novela e ao Teatro, enfim as letras «literae» como vem do latim. Eu penso que, á parte a literatura policial, as histórias de policias e ladrões, todo o resto está por toda a parte em franca decadência. Ou porque um mundo acabe ou outro comece, o que utiliza é saber coisas, e não ler coisas de ficção. A rádio e a televisão ou o disco que ensina a falar linguas e faz ouvir cantigas, tudo isso são coisas que poupam tempo. Quanto a poemas é mais fácil ouvir as declamadoras e os declamadores do que ler livros de versos que ainda por cima não são versos. Pensou-se e repetiu-se que as belas letras são como as flores e os frutos das civilizações mas até não sei onde li que a literatura, as artes em geral, em vez de serem frutos e flores, são a raiz das civilizações. Eu li isto em qualquer filosofo que dava as razões deste asserto. Efectivamente cumpre aos filosofos dar razões mesmo que sejam das grandes tolices. Há por exemplo quem pense que a pintura concreta foi vantajosamente substituida pela fotografia. Por felicidade a abstracta não cede os seus pinceis ás lentes das objectivas. Há retratos a óleo muito parecidos. Para mim não basta a parecença porque então prefiro o Picasso, que esse será maluco ou brincalhão mas não é fotógrafo.

O certo é que por estas e por outras razões a actual civilização está desenraizada. Está suspensa entre formas de arte que já não dizem nada e outras que ainda não dizem o bastante. E é claro que os homens da minha idade ficam atarantados com as formas embrionárias do que está para chegar e ainda não chegou, e o que já foi, já passou e por isso não é. Mas não é para os novos porque os velhos são reaccionários, olham para trás. Quem tem razão são os novos e esses gostam, compreendem e aplaudem. Eu quando isto me sucede atribuo á minha incapacidade de sentir, de perceber, de gostar, certa musica, certa pintura, certa poesia, em geral certa literatura modernissima atribuo tudo isso á esclerose. Eu não sei bem o que isto seja mas calculo que é uma doença que ataca os vários orgãos e ás vezes dá na cabeça. Por exemplo: há um novo autor dramático e nós os Portugueses, refiro-me aos também novos, que são cultos, são interessados, são inteligentes, deliram de entusiasmo. Sim, isto é que é teatro com T grande; isto é que é talento; isto é que são peças! Ou isto é que são óperas; isto é que é musica; isto é que é pintura, é arte, é beleza! Isto é tudo do tempo deles que para isso são novos. Eu encolho-me todo na minha insignificancia e penso: cá está a esclerose! O que eu tenho é varizes nos miolos! Mas á sucapa e para não ofender ou melindrar ninguém penso: mas eles dizem isto a sério? Mas isto nem sequer é simbolismo, será quando muito «cebolismo» que vem de cebola. E há outro extremo — é o classicismo. Voltar-se ao Eschylo, ao Eurinedes, ao Sofocles, que foram eternos e geniais. Eu também admirei o Gil Vicente na aula do sexto e do sétimo anos do liceu, regida pelo padre Sá e Oliveira que foi meu mestre, meu amigo e meu colega. E ainda hoje sei de cor «feiras o carão que trazeis dourado, ó presidentes do Crucificado lembrai-vos da vida dos santos pastores do tempo passado». Eu sei de cor, porque felizmente não perdi a memória inteiramente. Mas sob esse aspecto não iria ver, porque não sou alemão, o Fausto do Goethe sem a musica do Gounoud. O Teatro com subsidio e tudo não é um serviço de extensão universitário. Nem tanto ao mar nem tanto á terra. Educar é justo, «levantar o nivel», de acordo, mas o que será preciso é conquistar o publico. Será assim que ele se conquista? Eu apesar de não ser desta geração compreendo as suas ansiedades e as suas exigências. O Victor Hugo diz nas Contemplações: «O' generations aux brumeuses haleines».

A minha geração não é tão «brumosa» como isso. Há gente desse tempo. E o que eu desejava é que a actual geração não fosse toda para os desportos ou não trocasse o Teatro pelo Cinema, pela Rádio e pela Televisão. Cumpram-se os fados se assim tiver de ser. Que os fados também conquistaram o publico — os fados e os fadistas. Há escritores de teatro, há actores de merecimento cultos e artistas. E' questão de «acompanhar o movimento», não desdenhando até certo ponto o ponto de vista nacional, se é que nós ainda podemos ter uma literatura não exportável mas que, quando existiu, não fazia má figura ao lado das estrangeiras do tempo. E friso que eu não escrevo estas linhas pensándo no facto de ter escrito peças. Para o efeito eu sou apenas um bacharel formado em Direito, que nem sequer chegou ao tempo a licenciado e muito menos a Doutor, por extenso. Isso para mim seria «sylva exoterica para raros apenas» como dizia o Eugénio de Castro. E repare-se ainda que, se eu também sou Silva, é com i vulgar e não com ipsilão. Eu sou um membro dos inumeráveis «silvas» que vêm na lista dos telefones e que não sou critico nem tenho opiniões válidas em coisas de literatura dramática. Como as coisas vão, o que há de positivo são as boas intenções de quem actua no assunto. E, é claro, o subsidio. A menos que seja necessário fazer uma campanha de educação dos dramaturgos adultos para ver se há teatro português. Eu não me matriculo. Já dei o que tinha a dar e tenho exame da quarta classe de dramaturgia.

Uma omissão no decreto

que condecorou Carvalho Araujo

Foi agora publicado um decreto que rectifica, na parte respeitante ao comandante do caça-minas «Augusto Castilho», o teor do original do decreto de 28 de Novembro de 1918, que galardoou os feitos praticados a bordo do referido caça-minas afundado em combate com um submarino alemão em 14 de Outubro de 1918, a 200 milhas dos Açores e que permitiu o salvamento do paquete «S. Miguel». Consistindo o lapso na estranha omissão de uma entrelinha — entre outras oportunamente introduzidas no original do mesmo diploma — respeitante á concessão do 2.º grau da Ordem da Torre e Espada ao primeiro-tenente José Botelho de Carvalho Araujo, que agora ficou aclarada pelo presente decreto.

Nasceram em Moçambique

dois irmãos siameses que não sobreviveram

LOURENÇO MARQUES, 9. — Uma mulher indigena deu á luz dois irmãos siameses. Ligados pelo ventre, não resistiram e vieram a falecer no hospital da Missão de S. José, em Lhanguene. — (A. N. I.).

Alguns dos modelos que amanhã estarão presentes no Festival do Penteado e da Beleza Feminina

Lisboa tomada de assalto

pela famosa «linha gata»

trazida por cabeleireiros estrangeiros

Encontram-se em Lisboa para participar no Grande Festival Internacional do Penteado alguns artistas cabeleireiros internacionais que vêm apresentar aos Portugueses as ultimas criações e explicar a nova «linha gata», inovação que é devida ao «Syndicat Haute Coiffure Française et Coiffure Création», como hábito-moda para a Primavera-Verão deste ano.

Nos salões do Clube Artístico dos Cabeleireiros no momento da apresentação dos gentis modelos cujos cabelos vão ser tratados e burilados pelos dedos de figuras conceituadas na «coiffure» mundial, Albert Pourrière, presidente de honra do Clube Artístico de Paris, confidenciou-nos:

—A «linha gata» caracteriza-se, essencialmente, pela sua harmonia de linhas, pela sua donairosa leveza, pelo modo, sentidamente feminino, como inocula um juvenil perfume nas silhuetas mais femininas. Esta «linha» possui um atributo maravilhoso: o seu volume, doseado no alto da testa, proporciona largos movimentos, e traz para o rosto todo o ar de uma preguiçosa e dolente gata, espreguiçando-se sob o sol primaveril.

O mestre famoso, que quarenta

(Continua na 11.ª página)

As eleições

da direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório do Porto

A propósito da notícia que publicámos no passado dia 5, com este mesmo titulo, em que nos referimos ao recurso pendente no Supremo Tribunal Administrativo, recebemos, do sr. David Saturnino, a carta que, a seguir, transcrevemos:

«Cumpre-me, como primeiro recorrente, penhoradamente agradecer a local publicada, e enviar a V. Ex.ª complementares informações e solicitar ligeira rectificação.

O recurso contencioso, provido por unanimidade pelo Supremo Administrativo, foi baseado em «vicios de violação da lei e desvio do poder».

O Ministério Publico, «em cumprimento de instruções que superiormente lhe foram dadas» recorreu para o Pleno Administrativo

O recurso, onde já foram apresentadas as necessárias alegações, tem o n.º 1076, sendo relator o sr. juiz-conselheiro dr. António Simões Correia.

O solicitador mandatário dos recorrentes, ora recorridos, não é de Lisboa nem se chama Figueiredo de Matos, mas sim o solicitador do Porto, sr. Fernando de Matos».

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PROPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

Os mergulhadores lo

a parte dianteira

do «Dakota» afundado na b

No decorrer das suas pesquisas no sentido de serem localizados e recuperados os destroços do avião «Dakota», que têm decorrido sob a orientação superior, do sr. comodoro Paulo Viana, comandante da Força Naval do Continente conseguiu-se já chegar a conclusões concretas sobre a área onde se despenhou o avião.

Para isso, o comodoro Paulo Viana, baseou-se no rumo do avião e num estudo sobre a rota que os corpos percorreram desde o momento da queda, até ao local, onde foram encontrados, levados pelo vento e pelas correntes. Estabeleceu-se desde logo o centro de uma zona de umas três milhas de lado, para no momento presente se cingir apenas a 400 metros. Nessa zona, que tem sido cuidadosamente rocegada por uma formação de três dragaminas mais tarde uma flotilha de navios da mesma classe e ainda duas fragatas, que no decorrer da sua actuação conseguiram recolher no momento em que flutuavam uma roda e ainda muitos outros destroços, que acabaram por servir de base para uma limitação da área, para a segunda fase, que teve início no pasado dia 4 do corrente.

Ali têm navegado o draga minas oceanico «S. Jorge», a fragata «Corte Real», o contratorpedeiro «Dão» e o patrulha «S. Nicolau» que fizeram a pesquisa e a detecção de alvos no fundo, os dragaminas costeiros «Vila do Porto» e «Santa Cruz» para rocegas, serviços de vigilancia das áreas assinaladas com bóias—

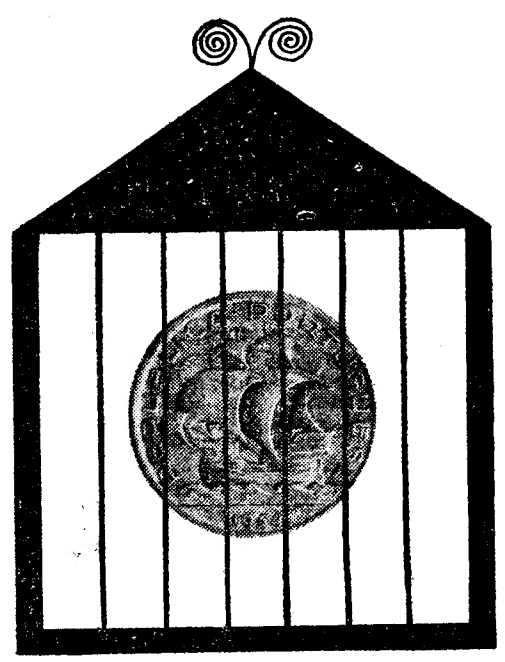
dia e n
Pedro»
ção de u
embarca
redes d
foi mon
sível, a
compost
em trab
ta Delga
«Aveiro
da Dire
mersíve
Por s
ral do
do em
de mer
cadores
O «D
tectaram
a prese
fundo.
Os d
insistên
os per
ram o s
do com
que lhe
Os tr
nuando
lhadore
ção a v
onde se
dos pes
utilizad

Não r
«D

O co
tem m

(Co

SEGURO POPULA DE VIDA



uma mo
que se g
um
Seguro
Popular
que se
alcança

50$
por

companhia de seguros
IMPÉRIO
rua Garrett, 56 - Lisboa

...adores localizaram ... dianteira da fuselagem ...ndado na baía de Cascais

...esquisas ...zados e ...lo avião ...lo sob a ...r. como... ...ante da ...e conse... ...ões con... ...se des...

...uio Via... ...avião e ...que os ...e o mo... ...tal, onde ...dos pelo ...Estabele... ...de uma ...de lado, ...e se cin... ...Nessa zo... ...osamente ...o de três ...uma flo... ...classe e ...no decor... ...seguiram ...que flu... ...a muitos ...aram por ...limitação ...fase, que ...4 do cor...

...ga minas ...gata «Cor... ...ro «Dão» ...que fize... ...ção de al... ...as costei... ...nta Cruz» ...vigilancia ...n bóias—

dia e noite—e outras missões. «S. Pedro» para a direcção e orientação de um pequeno grupo de cinco embarcações de pescadores com redes de arrasto, «Rosário» onde foi montada uma sonda ultra-sensível, ao serviço de uma brigada composta por três oficiais peritos em trabalhos hidrográficos; «Ponta Delgada», em apoio ao rebocador «Aveiro», base dos mergulhadores da Direcção dos Serviços de Submersíveis.

Por sua vez a Administração-Geral do Porto de Lisboa tem mantido em estado de alerta os serviços de mergulhadores, cábrea e rebocadores.

O «Dão» e a «Corte Real» já detectaram por ecos dos seus Sonar's a presença de massas metálicas no fundo.

Os dragaminas prosseguem com insistência nas suas rocegagens e os peritos hidrográficos terminaram o seu levantamento, fornecendo com todo o rigor os elementos que lhes foram solicitados.

Os trabalhos prosseguem, continuando os pescadores e os mergulhadores com verdadeira abnegação a verificar, os diversos pontos onde se sentem prisões nas redes dos pescadores, que estão sendo utilizadas.

Não restam dúvidas de que o «Dakota» está desfeito

O comodoro Paulo Viana, que se tem mantido no mar, vercadeira-

(Continua na ultima página)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T.M.G.) DE HOJE—Em Portugal continental, o vento era moderado do Sudoeste. O céu estava encoberto e chovia, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a Norte do Cabo Finisterra.

Temperaturas ás 9 horas (T. M. G.): Porto e Coimbra, 14°; Lisboa, 15°; Portalegre, 12°; Faro, 16°; e Funchal, 18°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste, passando a moderado de Noroeste e soprando, por vezes, com rajadas; períodos de chuva passando a tempo de aguaceiros.

O ministro da Educação Nacional inaugurou em Coimbra a «Sala Ferreira Lima»

COIMBRA, 9 *(Pelo telefone)*.— Na Faculdade de Letras, sob a presidência do reitor da Universidade, professor Maximino Correia, e com a assistência do professor Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, efectuou-se a inauguração da «Sala Ferreira Lima», que encerra a mais preciosa colecção garrettiana existente em Portugal, que pertenceu ao escritor e bibliófilo coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, director do Arquivo Histórico Militar, de Lisboa.

Este escritor manifestou sempre o desejo de que essa colecção fosse destinada ao Instituto de Estudos Portugueses da Faculdade de Coimbra. Como, porém, não pudesse cumprir essa vontade, por a morte o arrebatar, deu-lhe execução sua filha, sr.ª D. Maria Lina Ferreira Barreiros, falecida em Outubro de

(Continua na 11.ª página)

As brigadas da Intendência continuam a reprimir as matanças clandestinas

Continua a ser vigiado activamente o abate de reses sem inspecção sanitária, destinadas ao consumo, visto o perigo que tal prática constitui para a saude publica.

Em centros populacionais da província têm sido levantados processos contra vários infractores, entre os quais figuram: 2 negociantes de gado, de Pomares (Arganil), que tinham despachado para uma firma talhante de Sacavém, 5 cabritos já esfolados, sem inspecção; 1 talhante de Granja Nova (Tarouca), por abate duma rês suina e outra ovina; 3 indivíduos de Safara (Moura), os quais abateram um boi, depois de toureado, e venderam a carne ao publico, sem a prévia inspecção; o proprietário duma pensão de Vila Real, que abateu um suíno para consumo da casa; um talhante do lugar de Adémia, em Trouxemil (Coimbra), que no seu talho abateu 1 cabrito; um talhante de Silvares (Fundão), por abate dum cabrito; um talhante de Ervedosa do Douro, por abate duma rês ovina; um retalhista de mercearia, da Comporta (Alcácer do Sal), a quem foram apreendidos 28 quilos de toucinho gordo, proveniente de abate ilegal. Foi ultimado um processo contra um industrial de porcinos, da Asseiceira Pequena (Mafra), por ter abatido 17 suínos, com o peso total de 867 quilos, sem que préviamente os tivesse submetido á inspecção veterinária.

No Entroncamento foi processado um talhante do mercado municipal, em cujo estabelecimento foi encontrada uma rês ovina abatida clandestinamente e que, inspeccionada, foi considerada imprópria para consumo.

O tribunal condenou o cortador Augusto de Almeida Faria, da Amadora, arguido de matança clandestina de borregos e falsificação dum carimbo da inspecção sanitária, em 12 meses de prisão correccional, remíveis a 10$00 por dia, e 400$00 de imposto.

PROEZA DE PIRATAS

entre Macau e Hong-Kong

HONG-KONG, 9. — Informam de Macau que quatro homens mascarados que estavam a bordo de um junco interceptaram outro junco que navegava de Macau para Hong-Kong e roubaram 1.000 taeis de ouro que pertenciam aos tripulantes. Lançaram o ataque perto da ilha de Lintin, a uns 23 quilómetros a Sueste daquele território português. — (F. P.).

Um mês crucial — (6)

Os motivos de divergência insanável aparecem, na véspera da reunião de Genebra, com um relevo inquietante tanto mais inquietante quanto são escassas as probabilidades de acordo, mesmo formal, a respeito das questões fundamentais relacionadas com o presente e o futuro da Alemanha, o mesmo é dizer com o presente e o futuro da Europa. E' pueril falar de segurança europeia antes de estabilizada a situação naquele país, e a estabilização deixou há muito de ter qualquer traço que a identifique com a reunificação. Esta pertence a um passado a que a diplomacia ocidental teimou em dar foros de actualidade.

Ultrapassada essa etapa da evolução do Mundo no pós-guerra, tendo em conta as realidades que condicionam a situação neste momento, posta de parte a ideia de realizar eleições livres na Alemanha, de libertar os satélites, e de fazer recuar a União Soviética para as suas fronteiras de 1939, o Ocidente encontra-se numa encruzilhada, hesitando entre as perspectivas de desordem que acarretará o prolongamento do imobilismo, sob qualquer forma,, e os riscos de negociar com os Sovietes. Para os dirigentes ocidentais é, de momento, impossivel enveredar pela estrada de uma negociação a fundo com os Sovietes.

Nem puderam articular para isso uma politica coerente e firme, nem nos seus países a opinião publica se encontra suficientemente preparada para aceitar soluções que seriam tidas á conta de intolerável apaziguamento. Na fase de transição em que se encontram, malogradas as teses do imobilismo simbolisado pelo secretário de Estado, Foster Dulles, e pelo chanceler Adenauer, reconhecem a necessidade, e mesmo a urgência, de resolver os problemas pendentes na Europa há catorze anos, mas não vêem maneira de o fazer sem perda de prestigio.

Em vez de realidades buscam fórmulas que permitem ladear os obstáculos que consideram intransponiveis, sem graves transtornos. Domina-os a incerteza, preço pelo qual está a ser paga a politica seguida desde o termo das hostilidades. Evitar um agravamento da situação é o seu objectivo imediato, ao mesmo tempo que a urgência de fazer sobreviver o seu sistema de alianças os obriga a concessões reciprocas e paralizantes. Nesta viragem da história verifica-se que não é oportuno pôr a questão do fundamento e viabilidade dessas alianças, num mundo em transformação incessante. E no entanto como se verifica pela iniciativa britanica, ela que, no Ocidente, gera as preocupações e as exigências que não será possivel iludir prolongadamente

A diplomacia soviética não ignora os motivos profundos que enfraquecem os seus interlocutores. Conhecendo-os procuram explorá-los a fundo nas conversações previstas. E' natural que destas não resultem consequências positivas mesmo em escala insignificante e que, optando pelo mal menor, os dirigentes ocidentais consigam interromper o processo acelerado de declinio das alianças até chegar a altura de as reformar em obediência aos imperativos da situação criada depois da conferência de alto nível que em Julho de 1955 esteve reunida em Genebra.

Isso não evitará que no campo ocidental as divergências se acentuem e as suas repercussões tomem forma e proporções que obriguem, em pouco tempo, a rever drasticamente a orientação seguida até aqui. Entre o imobilismo do passado e o movimento, que as iniciativas soviéticas impõem, o intervalo será preenchido por soluções de emergência impostas pelo adversário. Falar de reunificação da Alemanha, de libertação dos satélites, de concessões reciprocas, é tão supérfluo como falar de guerra nuclear com a intenção preconcebida de a não fazer.

A hora das realidades soou. São estas que se farão sentir em Genebra, na conferência de alto nível, se para esta houver lugar, como se fizeram sentir desde que, em 27 de Novembro, foi enviada ás nações ocidentais a primeira nota soviética, precursora da crise que se acentuou desde então de forma declarada ou subreptícia. Perdidas as vantagens da iniciativa diplomática e de margem de superioridade estratégica que correspondeu ao monopólio atómico, essas realidades não são tranquilizadoras.

Celebrou-se nas Lages o Dia das Forças Armadas dos Estados Unidos

ANGRA DO HEROISMO, 9. — Com a presença do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Beleza Ferraz, e do chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas, general Costa Macedo, celebrou-se hoje, no aeroporto das Lajes, do Dia das Forças Armadas dos Estados Unidos. Além de parada conjunta luso-norte-americana, realizou-se, conforme o programa, uma demonstração de eficiência dos serviços do aeroporto das Lajes.

O general Beleza Forjaz foi recebido com a sua comitiva no comando militar da Terceira, tendo, depois, apresentado cumprimentos ao governador do distrito, dr. Teotónio Machado Pires. Mais tarde, esteve no castelo de S. João Baptista, onde lhe foram prestadas honras militares pela respectiva guarnição, constituida pelo Batlahão Independente de Infantaria 17, e visitou as obras do novo aquartelamento do batalhão, a inaugurar no dia 28. — (A. N. I.).

Pretendem vender ouro, pratas ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRATA, 257

O

ULAR

uma moeda
que se guarda
um
Seguro
Popular de Vida
que se
alcança

50$00
por mês

Declaração

A Gerência da Casa QUINTÃO, da Rua Ivens, 30 — Lisboa, tendo conhecimento que indivíduos mal intencionados andam pela Província vendendo TAPETES e CARPETES como pracistas da referida casa, vem declarar que, nem tais indivíduos são seus empregados, nem tão pouco utilizou ou utiliza tal sistema de vendas.

Aqui fica o aviso às pessoas incautas, para que não sejam ludibriadas por gente sem escrúpulos.

PISCINAS
PRAIA DAS MAÇÃS
REABREM HOJE SÁBADO

DESPORTOS

A VOLTA À ESPANHA, EM BICICLETA

Cardoso ficou muito maltratado numa queda

e os organizadores não tomaram providências

O desgaste físico é evidente em todos os corredores

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

De RODRIGO G. SANZ

SANTANDER, 9. — A atribuição do «Prémio do Asar» a Sousa Cardoso, na etapa de ontem, terá resolvido realmente o assunto? Há certas duvidas.

A queda do Português foi tão oportuna e ocorreu no meio de uma oposição tão cerrada que bem se poderá julgar que não tenha ocorrido simplesmente porque a estrada estava molhada e a subida era íngreme.

Não há penalizações da organização contra qualquer corredor. Mas o facto é que o Português foi drásticamente afastado de um prémio que muitos julgavam estar ao seu alcance — e nós somos desse numero — e que muitos outros receavam igualmente estar ao seu alcance — e Suarez era desse numero.

Para cobrir a étapa, 15.ª da «Vuelta», partiram 51 corredores — houvera, pouco antes, a notícia de que a luta de Coppi contra uns quantos milhões de pesetas tivera um final que muito agradou, certamente, á organização: para descanso desta, Coppi desistiu. Veio até ao ponto de largada — talvez para provar que a sua doença era imposta — e anunciou que, devido a dores intensas de que sofria, nas costas e espáduas, abandonava a competição.

Como se esperava, a etapa começou a correr-se com grande monotonia. A chuva era forte e os esforços da véspera ainda contavam. E foi o começar a rodar-se em pelotão, sem que ninguém forçasse o andamento. Manzaneque, por exemplo, ficou para trás por duas vezes, a contas com avarias mecanicas, e em nenhuma das duas teve dificuldade em recolar.

Pouco depois, andados 48 quilómetros, desistia Chaussabell. E logo a seguir, na descida de Orduña, iniciava-se a primeira fuga, lançada por San Emetério e apoiada por Campillo — fuga a que ninguém ligou importancia, por se tratar de elementos muito atrasados — 46 e 47 minutos do «camisola amarela», respectivamente — e assim conseguiram manter-se sempre na vanguarda, até á meta.

Entretanto, no pelotão, mantinha-se a expectativa pela subida da montanha. Suarez continuava em boa posição, no meio dos seus companheiros de equipa, e Van Looy rodava mal, acusando o esforço da véspera. Vomitava com frequência e tomou várias vezes chá, mesmo em marcha.

Em Castro Urdiales a passagem do pelotão faz-se com 35 minutos de atraso sobre o horário previsto. San Hemetério e Campillo passaram com 25 minutos de atraso e 10 sobre o pelotão — e atingiram o alto de Alisas, com 14 minutos de avanço sobre os restantes.

Quando o pelotão átingiu a subida, Sousa Cardoso lançou imediatamente o seu ataque, que, inesperado e antecipado, apanhou de surpresa os restantes. O Português conseguiu rápidamente uma vantagem de duzentos metros, mas sairam do pelotão alguns ciclistas, comandados por Suarez, que alcançaram o Português e lhe travaram a marcha, reconstituindo-se o grupo.

A subida continuou, com Marigil a comandar, seguido por Suarez e Sousa Cardoso na terceira posição. Já perto do alto deu-se um ataque de Marigil e de Rivière. E iniciou-se o «sprint». Pouco depois, Sousa Cardoso ficou no solo, á margem da estrada, junto a um precipicio, queixando-se de que o lançaram ao chão e de que o poderiam matar. A máquina ficou danificada, sendo necessária a substituição da roda da frente. E perdeu-se para ele a possibilidade de disputar um lugar na passagem do alto do Alisas.

Entretanto, os restantes terminam a subida. E Suarez foi o primeiro do pelotão a culminar o Alisas, seguindo-se, pela ordem, Rivière, Karmany, Van Genechte, Segu, Brankart, Aspuru e Rohrbach.

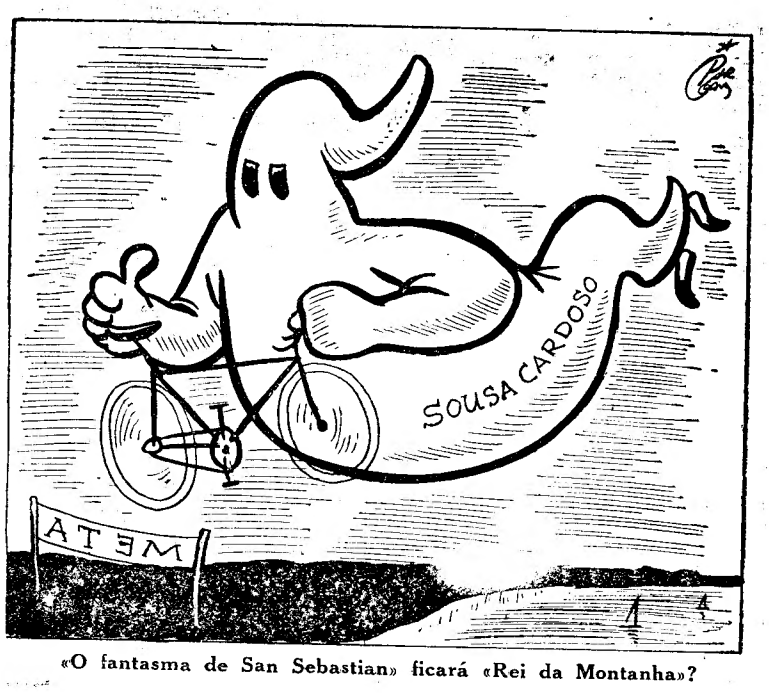
Na descida, cuidadosa devido á névoa, com os corredores a correrem entre nuvens densas, só um se mostrou mais animoso: Van Looy que alcançou alguma vantagem. Mas depressa teve de abandonar essa tentativa e voltou a ser alcançado.

E pouco depois conseguia alcançar o pelotão o Português, que continuou a protestar contra o que lhe fizeram, acusando abertamente Suarez e os seus companheiros de equipa, sem se intimidar pelas frases duras que lhe lançam.

Os seus protestos continuaram até á meta, onde voltou a queixar-se aos dirigentes e organizadores. Mas ninguém o atendeu e o próprio director da prova declarou que a culpa da queda lhe pertenceu, por ter embatido na roda de um ciclista que iria á sua frente, Botella, que, no entanto, não estava entre os primeiros quando se deu o acidente.

Sousa Cardoso, que não sofre qualquer lesão grave, entrou na meta com o braço direito muito ferido, a espádua e o joelho do mesmo lado com escoriações, não sendo de recear que os seus ferimentos o obriguem a desistir.

O «sprint» para a meta foi ganho por Van Looy, que não precisou sequer de se impor fortemente: bastou-lhe arrancar bem umas pedaladas para convencer todos de que poderia ganhar. E não teve oposição tão cerrada como habitualmente.



«O fantasma de San Sebastian» ficará «Rei da Montanha»?

"Vuelta" termina amanhã

com uma etapa de grande dureza que decide o "Prémio da Montanha"

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

Devido á desistência de Chaussabel e ao atraso de alguns outros, Sousa Cardoso subiu mais dois furos na classificação e é agora, a duas etapas do fim, 30.º, da classificação, a 1 hora 3 minutos e 56 segundos do «camisola amarela», que é António Suarez. Ontem, a diferença entre os dois era exactamente a mesma.

Na etapa de hoje, de Santander para Bilbau, há 75 quilómetros de subida quase constante, até ao «Puerto del Escudo», de primeira classe para o Prémio da Montanha. Devido á estreita marcação de que é alvo, não é natural que o Português consiga coroá-lo em primeiro lugar se a subida se fizer em pelotão; por outro lado, com o moral abalado pelo golpe que ontem sofreu, é pouco natural — até devido ás suas condições físicas, que não serão, certamente, as melhores, depois de duas quedas em dois dias consecutivos — que consiga destacar-se logo de inicio e repetir a proeza do seu famoso contra-relógio a caminho de San Sebastian.

Não é de esperar, por isso, que Sousa Cardoso tenha hoje acção destacada. A não ser que o desespero e a revolta lhe dêem forças inesperadas... Mas a tirada tem 185 quilómetros e há muito terreno a descer, depois «Del Escudo».

A «Vuelta» termina amanhã com seis contagens para o «Prémio da Montanha»

A «Vuelta» termina amanhã, com uma tirada em redor de Bilbau — edição correcta e aumentada da tirada que em volta de Lisboa se costuma correr, com passagem por Sintra. A diferença é que, nesta, há

(Continua na página seguinte)

O «Nacional» da 3.ª Divisão

Começa a 2.ª fase

com 16 grupos na liça

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão entra amanhã na sua segunda fase, sem duvida, bem mais importante, porque nela intervêm, apenas as 16 equipas que melhor comportamento tiveram ao longo das 14 jornadas da primeira fase.

Mas, não principia tão bem como se esperava esta fase da prova. E a contrariedade surge na zona C, porquanto o Vilafranquense apresentou uma reclamação quanto á qualificação de os «Leões» de Santarém e o caso não foi resolvido a tempo de o S. L. Olivais ter um adversário.

São, portanto, apenas, sete os encontros previstos para amanhã:

Régua-Ovarense
Beira Mar-Paredes
Naval-União de Coimbra
Académico Viseu-S. B. C. Branco
Casa Pia-Torres Novas
Lusitano-Elvas
União de Mortemor-Silves.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 16 horas.

Revestem-se de particular interesse os desafios da Régua, Aveiro, Lisboa (Pina Manique), Vila Real de Santo António e Mortemor-o-Novo, nos quais se defrontam equipas que pertenceram a séries diferentes—circunstancia que muito dificulta os prognósticos.

Na Figueira da Foz e em Viseu os jogos são «reprises». Mas, nem por isso, deixam de oferecer motivos de farto interesse.

HIPISMO

O Concurso Internacional de Roma

ROMA, 9 — No Concurso Hípico Internacional, que está a disputar-se nesta cidade, a vitória no Grande Prémio das Nações pertenceu á equipa dos Estados Unidos, com 12 faltas. A seguir classificaram-se a Itália, 12 faltas e a França, 15.

Portugal ficou em 11.º lugar, com 129,6. — (F. P.).

«TAÇA DE PORTUGAL»

Seis equipas devem ficar eliminadas

mas admite-se a existência de empates

A 1.ª eliminatória da fase final da «Taça de Portugal» tem marcada para amanhã a disputa dos jogos respeitantes á 2.ª mão e que devem ser decisivos, de uma maneira geral, embora se admita a existência de empates, no total de golos registados, no conjunto dos dois encontros.

São adversários amanhã (indicam-se os resultados da 1.ª mão):

Benfica-Spt. Covilhã (2-2)
Leixões-Sporting (0-3)
V. Setubal-F. C. Porto (1-7)
Atlético-Oriental (2-2)
Académica-Portimonense (3-2)
Almada-Vila Real (1-3)
Torriense-Chaves (2-2)
Montijo-Spt. Braga (3-7)
V. Guimarães-Juventude (1-1)
Tirsense-Caldas (0-0)
Oliveirense-Lusitano (1-6)
Belenenses-Peniche (1-1)

Doze equipas estão empates em golos e seis delas, as visitadas, reunem todas as possibilidades para passarem á fase imediata, não obstante se prever uma série de despiques rijos, integrados perfeitamente no espírito da prova.

Nos unicos três jogos, que se disputam em Lisboa (Benfica-Spt. Covilhã, Belenenses-Peniche e Atlético-Oriental) qualquer dos visitados necessita do triunfo para poder continuar na competição. Concede-se um amplo favoritismo aos «azuis», que actuam num campo relvado, de largas dimensões, e julga-se que os «encarnados» e alcantarenses, apesar de todas as réplicas entusiásticas, também são capacíssimos de triunfar. No entanto, recorda-se a tradicional oposição que os Covilhanenses costumam oferecer ao Benfica, no Estádio da Luz...

Em Lisboa:

Benfica—Sp. Covilhã
Belenenses—Peniche
Atlético—Oriental

Nas outras três igualdades, admite-se a desvantagem dos visitantes, entre os quais o Tirsense pode começar a justificar o ápodo de «tomba-gigantes».

*

O F. C. Porto, Sporting de Braga e Lusitano jogam sem quaisquer preocupações, apesar de irem aos campos dos adversários. O mesmo acontece em relação á Académica que, em Coimbra, deve reforçar a margem do golo a mais que conquistou em Portimão.

O Vila Real, com dois golos de vantagem, experimentará dificuldades em Almada. Talvez seja este um dos encontros que obrigue a desempate.

O Sporting, vencedor por 3-0, figura também no rol dos favoritos, dado que não se acredita numa capacidade ofensiva impressionante por parte dos homens do Leixões, cujo sector defensivo é o mais sólido e regular.

A jornada de amanhã, portanto, é daquelas que não pode deixar indiferente todas aquelas pessoas que apreciam as emoções fortes.

O Torneio de Competência

Os jogos de passagem de Divisão têm também amanhã mais uma ronda, por sinal, de interesse, defrontando-se:

Barreirense-Boavista
Salgueiros-Olhanense
Farense-Cuf

Recordam-se as classificações actuais: Boavista e Cuf, 6 pontos; Barreirense, 5; Farense, 4; Olhanense, 2 e Salgueiros, 1 ponto.

Naturalmente, o embate do Barreiro afigura-se o mais importante, porquanto o Boavista está na iminência de ser ultrapassado pela turma de José Augusto, previsão, aliás, susceptível de se concretizar.

A Cuf, que actuará em Faro, pode destruir as pretensões do grupo algarvio e se tal acontecer os «primodivisionários» ficarão lançados para se fixarem nos dois primeiros postos.

Salgueiros e Olhanense disputam um encontro sem significado para o esclarecimento da tabela da classificação.

TÉNIS DE MESA

A equipa do Real Madrid chega a Lisboa no dia 15

Está prevista para o próximo dia 15, a chegada da equipa do Real Madrid que, na ampla sala do Lisboa Ginásio, defrontará o Belenenses, num jogo que está a despertar muito interesse. O conjunto espanhol apresentar-se-á na máxima força para o que se submeteu a intensa preparação. Na mesma noite o Belenenses promove um torneio individual feminino, com a participação das melhores jogadoras portuguesas.

Os bilhetes encontram-se á venda, a partir de hoje, na secretaria dos «azuis», «Spril Sports» e «Socidet».

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — 5.ª jornada do «Nacional» da I Divisão com os jogos: Sporting-Vasco da Gama, em S. Bento, ás 21 e 30 horas; F. C. Porto-Benfica, na Constituição, e Barreirense-Académica, no Barreiro, todos ás 21 e 30 horas.

FESTIVAL MISTO — No rinque de Paços de Arcos, a partir das 21 horas, realiza-se o terceiro festival misto dos seis organizados pela coligação «Belenenses, Sporting, Paço de Arcos e Sintra», com o seguinte programa:

Belenenses-Sintra e Sporting-Paço de Arcos, em hóquei em patins; e Belenenses-Sporting, em voleibol feminino.

GINÁSTICA — No G. C. P., ás 21 e 30 horas, ultimas provas de selecção da equipa nacional para o encontro com a Espanha.

HANDEBOL—Prossegue o «Regional» (variante de 7), defrontando-se, no recinto da Madre de Deus, a partir das 20 e 45 horas: Amoreiras-Ginásio do Sul, Hóquei-Liberdade (Campolide) e Paço de Arcos-Ateneu.

HOMENAGEM — Por iniciativa da direcção do Futebol Benfica, é homenageado o antigo atleta da colectividade Fernando Adrião, o primeiro guarda-redes da selecção nacional de hóquei em patins e que se encontra em Lisboa como treinador dos jogadores lourenço-marquinos.

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.—Prosseguem as várias competições que a Mocidade Portuguesa tem em curso.

AUTOMOBILISMO — Continua a prova «Mil quilómetros do Benfica», com as seguintes provas: ás 10 horas, 3.ª prova complementar (Prova de Maneabilidade-Velocidade), na Praça do Império; ás 20 e 45, início da Prova de Regularidade, entre Carregado e Bucelas; ás 21 e 51, chegada do concorrente n.º 1 ao Estádio da Luz e disputa da prova final (Prova de Arranque e Lançamento).

BASQUETEBOL — Começa a fase final do campeonato de juniores da A.B.L., com os encontros: Queluz-Belenenses, Tabacos-Algés, Ateneu-Benfica, Sporting-C. Ourique, Liberdade - Nacional, Benfica - Cruzquebradense, C. Pia-Atlético, Oriental-Sporting, Lisboa Ginásio-Carnide, Paço de Arcos-Maria Pia e E. Física-Sacavenense. Folga o Rio Seco.

CICLISMO — Os amadores-juniores disputam o campeonato regional de equipas, no sistema contra-relógio.

A distancia a cobrir é de 100 quilómetros, pelo seguinte trajecto: Estádio Alvalade (circular sul), Lumiar, Odivelas, Caneças, Belas, Algueirão, Granja, Lourel, Terrugem, Carvoeira, Ericeira, Mafra, Malveira, Lousa, Loures, Carriche, Estádio Alvalade (circular sul). As partidas começarão a ser dadas ás 7 e 30 horas, com intervalos de 15 minutos.

DESPORTO CORPORATIVO—No campo de Belém, continuam os campeonatos de futebol (2.ª Divisão) e de tiro ao alvo.

DESPORTO UNIVERSITARIO—1.ª jornada da fase final do campeonato de futebol: ás 9 horas, Agronomia-I. N. E. F., ás 10 e 45 — Económicas-Exército, ambos no Estádio Universitário.

FESTIVAIS — Em homenagem ao Clube Desportivo de Paço de Arcos, pela conquista do título de campeão do Sul: Belenenses-Sintra, em hóquei em patins, ás 21 horas; Belenenses-Sporting, em voleibol, ás 22 horas; Paço de Arcos-Sporting, em hóquei em patins, ás 23 horas.

HANDEBOL — Começa a segunda volta do campeonato nacional de handebol de onze, com o desafio Pórto-Salgueiros, no Porto.

RAGUEBI — Principia a «Taça Portugal», com os desafios seguintes: C. D. U. L.-Benfica, no Estádio Universitário, ás 11 h.; Belenenses-Sporting, no Restelo, ás 11 h.

A taça «Fancisco Silva» oferece os jogos: Internacional-Agronomia, nas Telheiras, ás 10 e 30 h.; Belenenses-Sporting, no Restelo, ás 9 horas.

TENIS DE MESA — Prossegue o campeonato regional (individual) de infantis.

TIRO A CHUMBO — No «stand» do Lumiar continuam os torneios semanais do C. P. Tiro a Chumbo.

VELA — Prosseguem os torneios da Brigada Naval e do Algés e Dáfundo.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Sporting-Benfica pela 1.ª vez em 1958-59

A 2.ª jornada da segunda fase do 19.º Campeonato Nacional de Juniores inclui quatro desafios do maior interesse. São amanhã visitadas as equipas que há oito dias foram visitantes. Isto quer dizer que todas as equipas se estreiam para o seu publico nesta fase da competição.

Teremos, pois:

F. C. Porto-Leixões
Acad. Coimbra-Boavista
Olhanense-Portalegrense
Sporting-Benfica

Os dois primeiros desafios respeitam á Zona Norte e, implicitamente, os dois ultimos pertencem á Zona Sul.

Nas duas zonas o «panorama» da jornada é igual. Num lado, em Coimbra e em Lisboa (Alvalade) defrontam-se equipas vencedoras na jornada anterior, invulgarmente empenhadas em vencerem, porquanto isso lhes assegura o comando da classificação, neste caso, de uma «poule» rapidíssima, da maior importancia. No outro lado, no Porto (Antas) e em Olhão estão frente a frente as equipas vencidas há oito dias, movidas pela mesma necessidade de um triunfo que lhes evite tomarem conta da «lanterna-vermelha», o que será um desabar de esperanças de qualificação para a «finalíssima».

Na maioria dos casos (jogos do Porto, Coimbra e Olhão) o favoritismo é concedido aos grupos que jogam em casa. Relativamente ao jogo de Lisboa, com o aliciante das duas equipas rivais nunca se terem defrontado, nesta época, o vaticínio é mais dificil, não custando a aceitar a ideia de que a luta dê o primeiro empate desta fase da prova.

PROVAS DA A. F. L.

Os 22 jogos de amanhã

Embora menos intensa do que nas ultimas jornadas, a actividade dos filiados da A. F. L. é, ainda apreciável na «ronda» de amanhã. A despeito de limitado o numero de desafios respeitantes ao campeonato distrital da 3.ª Divisão e ao Torneio Popular de Futebol, o programa marca, mesmo assim, 22 encontros, Teremos, pois:

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — Série A (jogo em atraso): Queluz-Linda-a-Velha, em Belas, ás 16 h.; *Série B* — Malveira-Povoense A. C., no campo das Seixas; Tojal-Caneças, no campo da Meia Laranja; Loures-Castanheira, no campo da Areeira; Ponte de Frielas-Camarate, no campo do Bonjardim; Pinheiro de Loures-Bucelenses, no campo «major Arsénio, Rosa Bastos»; Zambujalense-Vialonga, no campo «Conde de Mendia» — todos ás 16 h.

Campeonato distrital de juniores da 2.ª Divisão (fase final) — 7.ª jornada — Série A: Sintrense-Linda-a-Velha, em Sintra, ás 10,30 h.; Casa Pia-U. Algés, em «Pina Manique» (treinos); E. Amadora-Sporting, na Amadora — ambos ás 11 h. *Série B* — Oriental-Santa Catarina, no campo «Eng.º Carlos Salema», ás 10.30 h.; Vilafranquense-Operário, em Vila Franca de Xira; Sacavenense-Santa Iria, em Sacavém — ambos ás 11 h.

Prova Distrital de Principiantes — Série A — E. Amadora-Palmense, na Amadora, ás 9,45 h.; Atlético A-Orintal, na Tapadinha; Torriense-Belenenses, no campo das Covas — ambos ás 10,30 h.; Sporting-Casa Pia, no Estádio «José Alvalade» (treinos), ás 11 h. *Série B* — Sacavenense-Atlético B, em Sacavém; U. Povoense-Benfica, no campo do Telhal — ambos ás 9,30 h.; Vila-franquense-Vialonga, em Vila Franca de Xira, ás 9,45 h.; Alhandra-S. L. Olivais, no campo da Hortinha, ás 10,30 h.

Torneio Popular de Futebol—Série B (jogo atrasado) — Lisboa F. C.-União, no campo «José Ramos», ás 16 h.

Jogos Olímpicos de Inverno

O Comité Olímpico Português recebeu o convite oficial do «comité» organizador para a participação nos 8.os Jogos Olímpicos de Inverno que se realizam em Squaw Valley (Califórnia), de 18 a 28 de Fevereiro de 1960.

A Volta a Espanha

(Continuação da página anterior)

nada menos de seis contagens para o «Prémio da Montanha»: Elgueta, aos 47 quilómetros (3.ª categoria), Alto de Udana, aos 76 (2.ª), Alto de Azcarate, aos 110 (2.ª), Alto de San Miguel, aos 120 (3.ª), depois um troço plano de 55 quilómetros e logo a subida para o Alto de Sollube, aos 192 quilómetros (1.ª), e, a terminar, aos 217 quilómetros, o Alto de Santo Domingo (3.ª), com a meta em Bilbau, corridos 222 quilómetros.

A importancia desta etapa é tal que um ciclista modesto poderá, numa fuga bem sucedida, com a vitória nos diversos altos, cotar-se entre os primeiros do «Prémio da Montanha» — talvez até em primeiro, se os restantes que para o Prémio têm pontos não conseguirem um só. Sousa Cardoso vai ser, certamente, o mais vigiado de quantos cá andam e Rivière tentará destronar Suarez. — R. G. S.

CLASSIFICAÇÕES

Individual

		H.	M.	S.
1.º	SUAREZ (Licor 43)	72	02	58
2.º	Segu (Kas)	72	04	04
3.º	Van Looy (Bélgica)	72	10	17
4.º	Everaert (Geminia.)	72	13	41
5.º	Busto (Peugeot)	72	21	56
6.º	Riviède (Geminiani)	72	23	57
7.º	Couvreur (Bélgica)	72	27	22
8.º	Otaño (Peugeot)	72	29	32
9.º	Vloeberg (Bélgica)	72	30	15
10.º	Rohrbach (Peugeot)	72	31	25
11.º	Galdeano (Espanha)	72	35	07
12.º	Marigil (Licor 43)	72	36	44
13.º	Campillo (Espanha)	72	37	07
14.º	San Emetério (Kas)	72	37	36
15.º	Van Looveren (Bél.)	72	39	00
18.º	Geminiani (Gemin.)	72	47	19
24.º	Loroño (Espanha)	72	55	23
25.º	Karmani (Kas)	72	58	23
26.º	Manzaneque (L. 43)	72	58	41
27.º	Bauvin (Geminiani)	73	01	28
28.º	Brankart (Geminia.)	73	04	14
30.º	S. CARDOSO (Port.)	73	06	54
37.	Robinson (Geminia.)	73	11	31
50.º	(ult.) Ferraz (Box.)	74	11	51

POR EQUIPAS

		H.	M.	S.
1.º	BÉLGICA	217	07	54
2.º	Peugeot	217	22	53
3.º	Raphael Geminiani	217	24	57
4.º	Licor 43	217	33	42
5.º	Kas	217	40	03
6.º	Espanha	218	07	37
7.º	Boxing	219	52	31

PRÉMIO DA MONTANHA

1.º	SUAREZ (Licor 43)	32
2.º	Rivière (Geminiani	28
3.º	SOUSA CARDOSO	24
4.º	Geneschten (Peugeot)	22
5.º	Karmany (Kas)	18

O VII Lisboa-Madrid em atletismo começa a disputar-se esta tarde

A coincidir com a saída do nosso jornal começa a disputar-se, no Estádio «José Alvalade», o VII Lisboa-Madrid, em atletismo, competição que coloca frente-a-frente os melhores valores da modalidade.

O programa de hoje, cujo início está marcado para as 16 e 45 horas, com o lançamento de martelo, engloba, a partir das 17 e 30 horas, as seguintes provas: 400 metros barreiras, peso, 200 metros, 800 metros, 3.000 metros obstáculos, disco, comprimento, 5.000 metros e 4 × 400 metros.

Amanhã, ás 15 e 30 horas: 110 metros barreiras, altura, disco, 100 metros, 400 metros, 1.500 metros, dardo, 10.000 metros, triplo-salto e 4 × 100 metros.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agência de Jornais de Jaime Santos, Rua Laureano de Oliveira, 40-A

Um concurso internacional de penteados femininos

(Continuação da página central)

mil cabeleireiros franceses elegeram, por unanimidade, seu mais representativo embaixador, citando algumas figuras femininas que penteou.

—Fui o unico cabeleireiro mundial que teve a honra de pentear as cinco mulheres do saudoso Sacha Guitry. Outros grandes que me passaram pelo «atelier»? Dine, por exemplo, a senhora de Pétain, Josefine Baker e Martine Carol.

Sorrindo:

—A Martine já a conhecia de muito antes da sua estreia cinematográfica. Quanto á Baker, dava-me um trabalho extraordinário. tinha, diariamente, de lhe desencrespar o cabelo, utilizando um produto á base de manteiga.

Referindo-se á «linha gata», e como esclarecimento a uma pergunta que lhe fora dirigida.

—Se as linhas do vestuário feminino evoluem, porque se deveria estereotipar o penteado? A mulher segue os ditames de Paris, já que a arte de aperfeiçoar a sua beleza natural aí nasceu e tem progredido. A linha que estamos apresentando (um gesto largo, designando os modelos que, gentilmente, evolucionavam no salão), é a réplica á antiga «Caravela». Consoante o rosto de cada senhora, assim adaptaremos o penteado que, visto da nuca, é — perfeitamente — idêntico á cabecinha de uma pequenina gata.

E o sr. Pourrière lá ficou, a contar aos seus companheiros, uma das saborosas partidas que a Begum «pregou» ás amigas, na ultima temporada de Monte Carlo.

Outros nomes da arte internacional do penteado, tinham, ao seu dispor, os cabelos sedosos e bonitos de modelos portugueses, a que o seu gosto requintado e especial, dava maior colorido, mais vida e maior «charme».

Georges Benattar, campeão francês de penteado masculino, afirmava:

—Praticamente, toda a gente possui o mesmo cabelo. O que, porém, poucos conseguem, é mantê-lo sempre com o mesmo aspecto da mocidade. Os homens... são por via de regra, muito vaidosos. Tal como as mulheres, desejam ter a sua cabeça bem arranjada, servindo-se para isso, dos salões especializados.

Com um ar confiante, afirma:

—Dia a dia se vai registando maior incremento na nossa profissão. Estamos em nítido progresso e, isso verá o publico que se deslocar amanhã ao Pavilhão dos Desportos. Quantos, depois disso, não passarão a distinguir-nos com a sua melhor preferência!...

Outras grandes figuras estavam presentes: M.lle Arlette Gauthier, uma lindíssima francesinha de Rabat; Michel Nicolas, de Alger, finalista do derradeiro campeonato de França; o italiano Massino Pucci, titular mundial do penteado de alta fantasia, e o presidente do Clube Artístico de Casablanca, o marroquino Pierre Suissa.

Todos afinaram as suas declarações pelo mesmo diapasão: «Portugal é extremamente belo...» «Sentimo-nos encantados com a recepção que nos foi ofertada... No vosso Pavilhão dos Desportos e graças ao espírito de colaboração dos gentis modelos lusitanos, daremos á «linha gata» um autêntico «show» de tonalidades, consoante a hora a que nos forem espreitar: de tarde, apresentaremos penteados de dia e de «cocktail»; á noite, faremos desfilar modelos de noite e de alta fantasia.

E pronto, leitores, Lisboa foi tomada de assalto pela «linha gata».

O ministro da Educação em Coimbra

(Continuação da página central)

1957, que doou essa colecção ao referido Instituto e nomeou seu testamenteiro, para esse efeito, o professor Costa Pimpão.

Como referimos, trata-se do mais importante conjunto de obras de Almeida Garrett, e dele fazem parte mais de 10.000 exemplares, dos quais muitos primeiras edições, manuscritos, correspondência e revistas, e bem assim a escrivaninha e uma estante que pertenceram ao autor de «Frei Luís de Sousa».

Deste magnífico recheio também fazem parte bustos, retratos e outras recordações garrettianas, a mobilia de escritório do coronel Ferreira Lima, cerca de 4.000 registos de santos, «ex-libris» e outras espécies bibliográficas.

Na sala, figura, também, um belo retrato a óleo da doadora.

O professor Leite Pinto que chegou no «rápido» da manhã, era aguardado na estação de caminho de ferro pelo reitor, sendo recebido, na Faculdade de Letras, pelos professores universitários e outras altas individualidades. Estava também o dr. Artur dos Santos Vaz Barreiros, viuvo da sr. D Maria Lina Ferreira Barreiros.

Uma vez na «Sala Ferreira Lima», organizou-se uma sessão, sob a presidência do sr. ministro da Educação Nacional, ladeado pelos srs. prof. Maximino Correia; dr. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes; prof. Providência e Costa director da Faculdade de Letras, prof. Costa Pimpão e dr. Artur dos Santos Vaz Barreiros.

O sr. professor dr. Costa Pimpão, director do Instituto de Estudos Portugueses, enalteceu a obra do coronel Ferreira Lima e o interesse que lhe mereceu a Faculdade de Letras de Coimbra e, focando o gesto da sua filha, pôs em relevo o valor da doação e a confiança que lhe foi concedida, que tanto o honrou, de ser o executor dessa disposição testamentária.

O reitor pronunciou depois palavras de agradecimento, exaltando também a preciosa dádiva, que tanto enriquece a Faculdade de Letras, e agradeceu ao ministro da Educação Nacional a sua presença a este acto.

O sr. dr. Vaz Barreiros descerrou, em seguida, o retrato da sua saudosa esposa e o sr. prof. Leite Pinto o busto do coronel Ferreira Lima.

O ministro da Educação Nacional, após um gesto solene, declarou que a sua presença ali testemunhava mais uma vez á Universidade de Coimbra que e o Governo está sempre a seu lado nos momentos de jubilo, felicitando-a ao mesmo tempo por mais esse admirável instrumento de cultura que é a nova biblioteca Ferreira Lima.

Finda a inauguração da «Sala Ferreira Lima» o professor Maximino Correia ofereceu um almoço ao ministro, que se efectuou no Paço das Escolas.

O 1.º CENTENÁRIO

de António Feijó

PONTE DE LIMA, 8 — *(Pelo telefone)* — A Camara Municipal deste concelho vai comemorar o 1.º centenário do nascimento do grande poeta e arguto diplomata António Feijó, que passa no dia 1 de Junho. Para o efeito foi constituida uma comissão composta do presidente da Camara, coronel Sousa Machado e dos srs. conde de Aurora, conselheiro António Ferreira, dr. Francisco Teixeira de Queirós, cónego Manuel José Barbosa Correia, Júlio de Lemos e António Russel de Sousa, todos figuras de grande prestígio.

Do programa das comemorações fazem parte as seguintes solenidades: no dia 1: Missa por alma do poeta, ás 11 horas, e romagem ao monumento, erecto na Avenida que tem o seu nome, e ao seu túmulo, no cemitério municipal, ás 12 horas; ás 15, abertura da exposição iconográfica e bibliográfica, proferindo uma conferência o dr. Francisco Teixeira de Queirós.

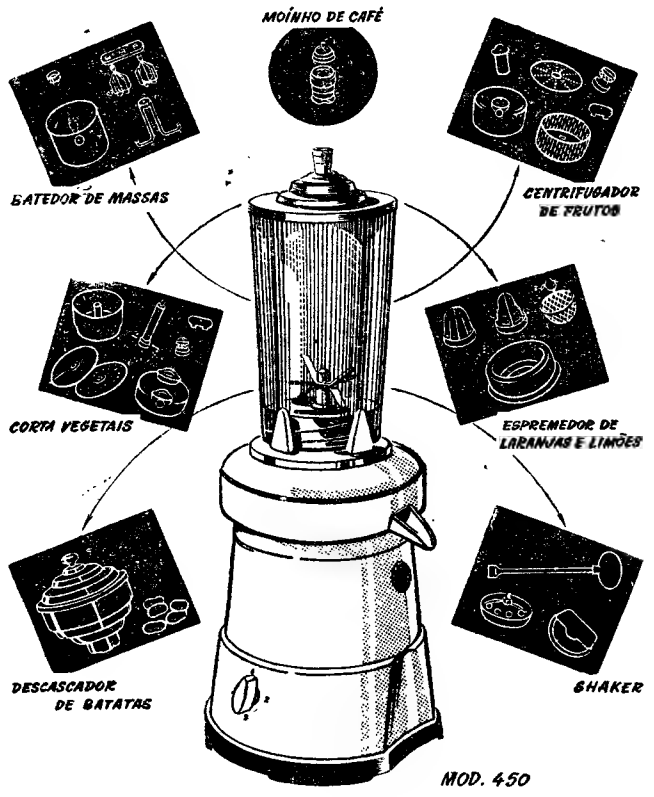
No mesmo dia será publicado um estudo, da autoria do dr. António Ferreira, intitulado «Um passeio literário na obra de António Feijó».

Seguir-se-ão, depois, conferências em Viana do Castelo, Porto, Coimbra e Lisboa, focando a vida e a obra de Feijó.

Para fecho das comemorações, haverá em Ponte do Lima, no mês de Agosto, em data a fixar, um festival cultural, com a colaboração do S. N. I., no qual participarão uma das nossas orquestras sinfónicas e alguns dos nossos maiores poetas.

TURMIX

BATEDORES



Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORRÊA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq.º, (com elevador), Tel. 26076
L I S B O A

Campanha de auxílio

aos doentes pobres

A sr.ª D. Fernanda Ivens Ferraz Jardim, presidente da União de Caridade Portuguesa (Caritas Portuguesa), enviou, a todos os laboratórios e farmácias do País, a seguinte circular:

«*Por nos chegarem constantemente pedidos aflitivos de necessitados que precisam urgentemente de remédios sem que tenham possibilidade material de os adquirir, vimos apelar para a muita generosidade de V. Ex.ª no sentido de nos serem enviados quaisquer medicamentos que V. Ex.ª possa dispensar, para uma larga campanha, que lançamos, de auxílio aos doentes pobres.*

Esperamos, mais uma vez, não pedir em vão, acreditando que, com a ajuda de todos, possamos auxiliar os que tanto necessitam e confiantes recorrem á Caritas.

Antecipadamente gratas pela atenção que a V. Ex.ª merecer o nosso pedido, aproveitamos para apresentar protestos de consideração e reconhecimento antecipado».

SERÁ AGORA

que vai construir-se o cine-teatro de Leiria

LEIRIA, 9 (Pelo telefone)—Acabamos de ter conhecimento de que a construção do novo cine-teatro de Leiria deverá em breve ser um facto. Sabemos que entre a Camara Municipal de Leiria e a Associação do Teatro D. Maria Pia tem havido conversações semi-oficiais que, apesar de nada transpirar oficialmente, levam a crer que, de parte a parte, há a melhor boa vontade de resolver amigávelmente o assunto que se vem arrastando há mais de oito meses, sem se conseguir dotar a cidade com uma sala de espectáculos condigna.

E em confirmação do que acima dizemos, acabamos de saber que houve ontem, no tribunal desta comarca uma reunião preparatória, ordenada pelo juiz, entre o presidente do Município e os representantes da empresa do teatro, tendo as partes, de comum acordo, requerido o adiamento desta diligência por um período de trinta dias, por estarem em estudo as bases duma conciliação.

Sternette TECUMSEH

MODERNO SISTEMA DE REFRIGERAÇÃO

o seu velho frigorífico funciona como um novo

SUBSTITUA A ANTIQUADA E DISPENDIOSA MÁQUINA PELO MODERNO SISTEMA DE REFRIGERAÇÃO SILENCIOSO E ECONÓMICO COM

GARANTIA DE 5 ANOS

Refrigeração
POLAR
L I M I T A D A

RUA DA EMENDA, 66 R/C·TELEFS 36721I-22396 · LISBOA

IBARRA & C.ia, S. A.

PARA: SEVILHA

AMÉRICA DO SUL

CABO SAN VICENTE	14 JUNHO	**Tenerife, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires**

MEDITERRÂNEO

CABO SAN ROQUE	27 MAIO	**Algeciras, Barcelona, Marselha, Genova**

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º
Telefone 27264

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA.
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

FÁTIMA

PEREGRINAÇÃO EM 12 e 13 DE MAIO
Organização da
Agência de Viagens Samar
AVENIDA DE ROMA, 114
loja — Lx. — Tel. 775471
nos modernos autocarros
EDUARDO JORGE
Rua Jardim do Regedor, 35
LISBOA—Telefs. 30971 e 30972

ADULTOS **Exames 3.ª e 4.ª classes**
GARANTIDOS EM JUNHO
Largo Chão Loureiro, 1, 2.º
Tel. 862244, das 9 ás 23 horas

Domingo, 17 de Maio de 1959

EXCURSÃO DA C. P.
a CALDAS DA RAINHA

Bodas de prata
do Museu José Malhoa
3.ª CLASSE — ESC. 45$00

HORÁRIO

Lisboa (Rossio), p., 7.35; Caldas da Rainha, c., 10.11. Caldas da Rainha, p., 21.34; Lisboa (Rossio), c., 0.19.

Os respectivos bilhetes que compreendem apenas o transporte por caminho de ferro e a entrada gratuita no Museu José Malhoa, por amável deferência da sua Direcção, estão á venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 11 do corrente (2.ª feira). Lotação limitada.

ATENÇÃO SRS. AUTOMOBILISTAS

Em virtude do elevado número de automóveis que, da parte da manhã, afluem á Estação de Serviço «Smiths», recomendamos aos Srs. proprietários de Carros particulares a utilização dos nossos serviços de lubrificação e lavagem da parte da tarde, de preferência das 18 horas em diante, visto os mesmos funcionarem sem interrupção até ás 2 horas da madrugada.

4 Elevadores ● 2 recintos de lavagem ● Produtos «CASTROL» Serviço impecável ● e ambiente agradável ● são os principais atractivos que têm contribuido para uma afluência crescente que se procura orientar no melhor sentido.

SERVIÇO OFICIAL *Castrol*

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 73-B (Tel. 732574)

PRAIA

Calções de banho ODILUI' de Nylon e Lastex os melhores Preços para revenda
Rua do Crucifixo, 76-4.º
(Tem elevador)

Escritório

PRECISA-SE

Central. Cerca quatro divisões. Resposta ao n.º 437 ou telef. 21265.

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa

Sede: Rua do Alecrim, 46-1.º — Lisboa

COLÓNIAS BALNEARES

Este Sindicato aceita inscrições de crianças de ambos os sexos, de idades entre os 5 e os 12 anos, para frequentarem as Colónias da Junta de Província da Beira Litoral, que funcionam na Figueira da Foz e em Vila Pouca da Beira, por turnos de 20 dias, com início no dia 1 do próximo mês de Junho.

Na secretaria do Sindicato prestam-se todos os esclarecimentos, ou pelo telefone 34731.

VIAGENS A SEVILHA POR VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Em distribuição gratuita a C. P. tem á disposição do Publico, mediante simples pedido verbal ou por escrito, folhetos contendo esclarecimentos relativos ao serviço combinado existente entre Lisboa e Sevilha, por Vila Real de Santo António, e executado na parte espanhola, pela Empresa Automovilista Internacional, de Huelva.

Para os adquirir basta dirigir-se a uma das estações de Lisboa (Rossio ou do Terreiro do Paço), Barreiro e outras estações do Sul do País, ou ao Serviço Comercial e do Tráfego, Santa Apolónia, Lisboa.

Maria Clara Pinto dos Santos

Missa do 7.º dia

Comunica-se que amanhã, pelas 10 horas, será celebrada missa de 7. dia, na Igreja de Almada.

D. Maria Espada Feio Beatriz

FALECEU

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Sua filha Helena Espada Feio Beatriz da Costa, sen genro António Gamito da Costa, seus netos José Manuel Espada Feio da Costa, Maria José Espada Beatriz da Costa e Maria de Lourdes Feio Beatriz da Costa, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento a todas as pessoas das suas relações e amizade e agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la á sua ultima morada.

FEIRAS INTERNACIONAIS FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

LUXEMBURGO

LUXEMBURGO — (de 28 de Maio a 7 de Junho de 1959).

ALEMANHA

MUNIQUE — (de 27 de Maio a 7 de Junho de 1959).

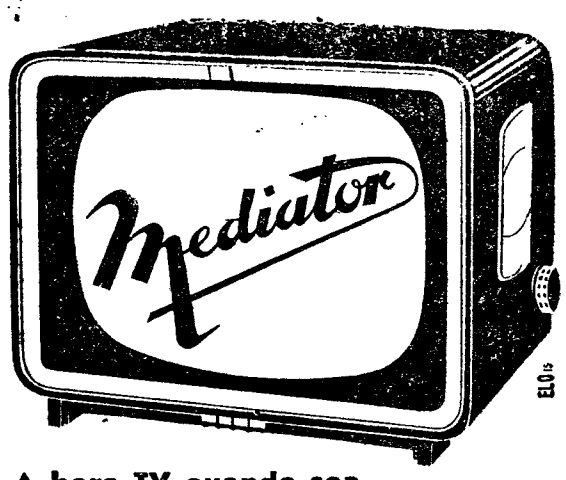
ITÁLIA

PÁDUA — (de 30 de Maio a 14 de Junho de 1959).

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

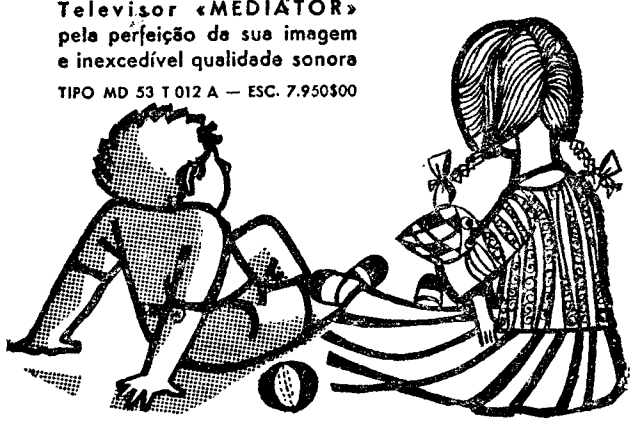
—nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.



A hora TV quando soa...
...é para todos!

A família inteira admira o Televisor «MEDIATOR» pela perfeição da sua imagem e inexcedível qualidade sonora

TIPO MD 53 T 012 A — ESC. 7.950$00



Termas de Caldelas

Tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

ESTÂNCIA DE REPOUSO

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

O primeiro da estância

1 de Junho a 10 de Outubro

Aos médicos

«Exploração Dinâmica da Função Supra-Renal»

PELO DR. IRIARTE PEIXOTO

Director do Hospital Curry Cabral

1 volume de 358 páginas ..... 150$00

Edição da LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 86 a 90 — LISBOA

A' venda em todas as livrarias

POLICLINICA DO RATO

LARGO DO RATO, 3, 1.º
TELEF. 681584

Dr. José Dias — 10 e meia — Boca e dentes.
Dr. Natal Garcia — 11 e meia — Rins e vias urinárias.
Dr. Ribeiro do Rosário — 15 horas — Clínica médica.
Dr. Félix Machado — 16 horas — Doenças das senhoras e partos.
Dr. F. Silva Alves — 16 horas — Garganta, nariz e ouvidos.
Dr. João Sant'Anna Leite — 16 e meia — Doenças dos olhos.
Dr. Jaime Almendra — 17 h. — Pele e sífilis.
Dr. J. Pedroso Flores — 16 horas — Doenças nervosas.
Dr. F. Sant'Anna Leite — 17 horas — Clínica cirurgica. Operações.
Dr. J. Moreira Braga — 17 e meia — Doenças das crianças.
Dr. Coelho Lopes — Raios X.
Dr. Gama e Costa—Análises clínicas.
Dr. A. Vieira Araujo — Agentes físicos.

PERKINS-DIESEL

RECORRA À ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

Lute-Industrial, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 66

Colóquio internacional

na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 9. — No dia 29 do corrente, realiza-se nesta cidade oferecido pela Camara Municipal, um almoço a cerca de 100 congressistas, historiadores, pensadores e críticos de arte, portugueses e estrangeiros, representantes de vários países, que vêm tomar parte no 2.º Colóquio Internacional que se realiza em Coimbra nos dias 23 a 29 para tratar do «Conceito da Renascença».

Após o almoço, realiza-se uma sessão dos congressistas.

TAUROMAQUIA

Trincheira parte para o México

O valente matador de touros José Trincheira embarca, amanhã, ás 23 horas, no aeroporto de Lisboa, num avião da JESUST, para o México, onde está contratado para quatro corridas.

Cabeleireiros de homens

A Escola Profissional realiza na próxima segunda-feira, dia 11, pelas 21.30 horas, na Casa das Beiras, uma demonstração dos novos penteados masculinos.

Esta demonstração, durante a qual serão exibidos filmes do grande mestre francês Hardy, será feita por uma equipa de cabeleireiros alunos desta Escola e terá a presença do campeão francês de Cartões e Carteiras Profissionais.

A entrada é livre a todos os barbeiros e cabeleireiros, mediante a apresentação de Sartões e Carteiras Profissionais.

O PORTO pelo teletone

Portos do Douro e de Leixões

PORTO, 9.—Em Janeiro, o movimento de navios entrados no porto do Douro foi superior, em numero e tonelagem, ao registado no mesmo mês do ano findo, verificando-se, quanto a esta, a diferença, para mais, de 24.853 toneladas brutas; e no de Leixões, tanto o numero como a tonelagem foram inferiores, notando-se, quanto á tonelagem bruta de arqueação, uma diminuição de 34.012 toneladas.

No referido mês o tráfego de mercadorias, no do Douro, superou, em 9.727 toneladas, o registado em Janeiro de 1958; e em Leixões, esse tráfego foi de menos 29.310 toneladas.

Em relação ao mês de Janeiro de 1958, embarcaram em Leixões menos 125 passageiros.

A situação financeira foi favorável, com um «superavit» de 2.011 contos, apurado em 31 de Janeiro de 1959, contra o de 331 contos, apurado em igual data do ano anterior.

Cartaz do Porto

para amanhã

TEATRO EXPERIMENTAL — As 21 e 30 — A peça «O Jogador»
SA DA BANDEIRA - A's 21 e 45 — «O fim do caminho».
RIVOLI — As 21 e 45 — «O processo de Jesus», pela companhia do Teatro Nacional D. Maria II.
COLISEU — As 21 e 30 — «Tóto, Vittorio e a médica».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Grito de terror».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Christine»
[illegible] — As 21 e 30 — «A escrava do pecado».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Um solteiro em Paris».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Os nus e os mortos».
S. JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Pão, amor e Andaluzia».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Escrito pelo destino».
VALE FORMOSO—As 21 e 30— «Ana de Brooklin».

NECROLOGIA

Duarte da Silva Ramos

Com 65 anos faleceu ontem, na sua residência, Avenida Luís Bivar, 16, 4.º, o sr. Duarte da Silva Ramos, comerciante no Mercado 31 de Janeiro, casado com a sr.ª D. Leonor do Carmo Ramos e pai do sr. Luís do Carmo Ramos, funcionário corporativo e colaborador do nosso jornal, a quem apresentamos sentidas condolências.

O extinto foi combatente da Grande Guerra e defensor dos ideais republicanos. Era actualmente presidente da assembleia geral do Grémio concelhio dos Vendedores Retalhistas nos Mercados de Lisboa, a cuja direcção presidiu durante alguns anos.

O funeral efectuou-se hoje, ás 16 horas, da capela do cemitério do Alto de S. João para o talhão dos combatentes.

No préstito, que constituiu profunda manifestação de pesar, incorporaram-se muitos amigos e representantes e agremiados do organismo de coordenação económica que dirigiu sempre com inexcedivel dignidade.

Emidio Pereira do Vale

PORTO, 9. *(Pelo telefone)*. — Na sua residência, na Rua do Almada, 338, faleceu com 76 anos, o antigo comerciante sr. Emidio Pereira do Vale, um dos sócios fundadores da Confeitaria Vilares. O extinto era pai do sr. Emidio Pereira do Vale Junior, irmão do sr. Elísio Pereira do Vale, presidente do Grémio dos Armazenistas de Lisboa e administrador dos Estabelecimentos Jerónimo Martins.

O funeral efectua-se amanhã, ás 15 e 30, da igreja da Trindade.

Jaime Rodrigues Feliciano

Mandada celebrar por sua viuva e filhas, reza-se amanhã, ás 11 horas, na Igreja de Santa Isabel, missa por alma do sr. Jaime Rodrigues Feliciano.

Dr. Agostinho Ferreira Coutinho

VOUZELA, 9. *(Pelo telefone)*. — Faleceu hoje, nesta vila, de onde era natural, o dr. Agostinho Ferreira Coutinho, médico, solteiro, de 82 anos. Era irmão da sr.ª D. Elisa Adelaide Ferreira Coutinho, do dr. Guilherme Ferreira Coutinho, provedor da Misericórdia, e Manuel Ferreira Coutinho, comerciante, em Belém, Pará; tio do dr. Agostinho Ferreira Coutinho Lopes, D. Celeste Coutinho Lopes, dr. José Coutinho, médico nesta vila, dr. Manuel Luís Coutinho, do corpo diplomático, Guilherme Luís Coutinho, funcionário em Africa, dr. Gil Coutinho, secretário e genro do governador geral de Angola, dr. Agostinho Luís Coutinho, delegado da P. A. P. em Angola, e da dr.ª D. Maria Teresa Luís Coutinho Guardado, e da dr.ª D. Margarida Luís Coutinho, professora do liceu.

O funeral efectua-se amanhã, ás 18 horas.

Brigadeiro Gervásio Martins Campos de Carvalho

Com 63 anos de idade, faleceu o sr brigadeiro Gervásio Martins Campos de Carvalho, natural de Fafe, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Teixeira da Cunha Campos de Carvalho, irmão das senhoras D. Emília, D. Maria Otília Campos de Carvalho e da actriz Adelina Campos Samwel Dinis e dos srs. drs. José Martins Campos de Carvalho, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça; e Abel Vieira de Campos de Carvalho, procurador da Republica junto da Relação do Porto; e Aarão de Campos Lima, e cunhado dos srs. drs. Parcidio de Matos e Rui Guimarães, e do actor Samwel Dinis.

O extinto, que era um distinto oficial, desde 1956 na situação de reserva, fora chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 9 e comandante militar da Madeira. O seu corpo foi trasladado para Fafe, onde amanhã, ás 16 e 30, se efectua o funeral, a cargo da Agência Salgado, para o cemitério local.

Brigadeiro Carolino Eduardo Ferreira do Nascimento

Foi hoje a enterrar, da capela do Hospital Militar Principal para jazigo no cemiterio do Alto de S. João, o corpo do brigadeiro Carolino Eduardo Ferreira do Nascimento, de 51 anos, oficial distinto, que desempenhou as funções de inspector da Arma de Artilharia e possuia uma bela folha de serviços. Chefe do Estado-Maior do comando militar dos Açores, em 1944, mais tarde do de Angola, em 1951, participou, em 1956 e 1957, nas conferências militares de Leopoldeville e Dakar. De regresso á metrópole, comandou o Regimento de Artilharia 3, passando depois a prestar serviço no Estado-Maior do Exército.

O sr. brigadeiro Ferreira do Nascimento era casado com a sr.ª D. Felisbela dos Santos Ferreira do Nascimento.

Pequenas noticias

PELOS HOSPITAIS

CAIU DE UMA PONTE AO RIO — Quando o mecanico Francisco Marques Buco, de 22 anos, residente em Oeiras, atravessava a ponte do caminho de ferro, que ali existe, caiu ao rio. Conduzido numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Oeiras á sala de observações do Hospital de São José, ficou ali internado, com leves contusões.

CAIU DA BICICLETA — Esta manhã, quando o padeiro José Freitas da Costa, de 34 anos, residente na Rua Antónia Pusich, 3, 1.º, caiu da bicicleta que conduzia, no Campo Grande e fracturou uma clavicula. Conduzido á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

CICLISTA QUE CHOCA COM UM MURO — O cantoneiro da Camara Municipal de Lisboa, Adelino Custódia, residente em Caneças, quando se dirigia a Lisboa em bicicleta e descrevia uma curva em Odivelas, foi chocar com um muro e sofreu ferimentos na cara. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

FOI ATRIBUIDO

o Prémio Municipal de Arquitectura

Reuniu-se, numa das salas dos Paços do Concelho, sob a presidência do vereador dr. Pinto Basto, o júri encarregado de atribuir o Prémio Municipal de arquitectura — Edificações relativo ao ano de 1957. Por unanimidade, foi escolhido para receber essa distinção o prédio edificado no lote 367 da Avenida dos Estados Unidos da América, da autoria dos arquitectos Manuel Maria Cristóvão Lajinha, Pedro Anselmo Braamcamp Cid e João de Borros Vasconcelos Esteves.

O júri do Prémio Valmor, relativo ao mesmo ano, resolveu, também por unanimidade, não atribuir esse prémio por nenhuma das fachadas dos prédios concluidos em 1957, apresentar as condições julgadas indispensáveis. Estas deliberações foram já homologadas pelo presidente da Camara.

Auxílio às famílias

dos náufragos da «Nova Leirosa»

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — As verbas do auxílio ás famílias das vítimas da tragédia do «Nova Leirosa» continuam a chegar de vários organismos e iniciativas. O encontro do Sport Lisboa e Benfica com o Naval da Figueira da Foz, cujas contas agora foram apuradas, rendeu 32.810$00. O clube lisboeta veio á Figueira ajudar graciosamente as famílias da tragédia.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Para amanhã, á tarde, estão marcadas festas na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a Orquestra Bohémia; no Clube Estfania, na Rua Alxandre Braga, 24-A, com a Orquestra Carioca; na Casa dos Senenses; no Grupo Desportivo Operário; e no Grupo de Bandolinistas 22 de Maio de 1925, na Idanha. E á noite, efectuam-se bailes: na Casa de Ferreira do Zêzere, com a Orquestra Casablanca; na Associação de Beneficência Luís Braille; na Academia Musical Primeiro de Julho, no Lumiar, com a colaboração de vários cantadores e cantadeiras e da Orquestra Rialto; e no Grupo Desportivo Operário, com o conjunto «Loucos da Melodia».

QUEM ACHOU?

Agradece-se a quem achou, entre o mercado de lotarias e o Largo Martin Moniz, uma carteira contendo 1.560$00 e mais 14 décimos com terminações, o favor de o comunicar ao cauteleiro João Alberto, Rua dos Fanqueiros, 27.

CONFERÊNCIAS

No Instituto de Ciências Económicas e Financeiras

O professor de Economia da Universidade de Liverpool sr. dr. George Clayton, profere depois de amanhã, ás 11 horas, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, uma conferência intitulada «Os objectivos da política financeira britanica».

SUFRÁGIOS

D. Clementina Lourenço Santana

Seu marido António Santana, maquinista teatral e família, mandam celebrar amanhã, ao meio-dia, na igreja da Anunciada, missa pelo eterno descanso da sr.ª D. Clementina Lourenço Santana.

Dr. Pedro de Moura e Sá

Passando amanhã, domingo, o trigésimo dia do falecimento do escritor dr. Pedro de Moura e Sá, a família e os amigos mandam celebrar missa na segunda-feira, 11, ás 11 horas, na igreja de S. Nicolau.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

OS LOBOS DESCEM

ao povoado

MANGUALDE, 9 — Próximo da povoação de Mourilha, neste concelho, uma feroz alcateia de lobos atacou um rebanho de ovelhas pertencente ao lavrador sr. João Marques. As feras mataram onze ovídeos e feriram nove.

Horários da TAP

Os aviões da TAP, da carreira de Londres, partem de Lisboa ás terças, ás quintas e aos sábados, ás 10 horas.

A inauguração do Hospital Regional de Setúbal pelo sr. Presidente da República

(Continuação da 1.ª página)

curvas embaraçosas, com maior risco devido ao pavimento molhado, a marcha tornou-se por vezes perigosa, dificultada pela aglomeração de veículos, que bloquearam os carros da Imprensa. No caminho,, alguns automóveis sofreram ligeiros acidentes, incluindo o do governador civil do distrito, que embateu com uma viatura dos Bombeiros.

Através do percurso o Chefe do Estado recebeu calorosas saudações do povo que se juntou em multidão.

O Chefe do Estado usando da palavra no final da sessão nos Paços do Concelho de Setubal

plas localidades. Corroios, onde houve uma breve paragem para recebimento das homenagens das autoridades locais. Laranjeiro, Fogueteiro e Amora, destacaram-se pela expressividade das saudações, vendo-se diversos dísticos com inscrições. Em Amora, um deles dizia «Saudamos em V. Ex.ª, a ordem e o progresso da Nação». Em Coina, o cortejo parou de novo para as homenagens do presidente da Camara Municipal do Barreiro, vereadores e demais autoridades, assim como em Azeitão, limite do concelho de Setubal, com o mesmo objectivo, e onde formaram deputações dos Bombeiros, da Mocidade e alas de crianças das escolas. Ali, lia-se um grande dístico com as palavra: Benvindo seja á nossa terra».

A chegada a Setúbal

Cerca das 10 horas, o cortejo deu entrada em Setubal, onde era aguardado por muito povo, entre o qual se destacavam numerosas crianças das escolas, com batas brancas, e agitando bandeiras nacionais de vários formatos.

O sr. Presidente da Republica, acompanhado da sua comitiva, estacionou no Largo do Bocage, onde a multidão era mais densa, e ali passou revista á guarda de honra, constituída por uma companhia do Batalhão de Infantaria n.º 11, que desfilou, após o que o presidente do Município, major Magalhães Mexia, entregou ao Chefe do Estado a chave da cidade. O momento foi assinalado por entre entusiásticas aclamações do povo, por uma largada de mil pombos-correios e por morteiros e foguetes.

Da varanda do edifício, assistiram á cerimónia a esposa do sr. almirante Américo Tomás e muitas outras senhoras.

Em seguida atravessando alas de filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina, com as suas bandeiras a comitiva presidencial deu entrada no salão nobre do Município, que se encontrava completamente cheio.

Depois de o sr. Presidente da Republica ter descansado alguns minutos, numa sala contígua, deu-se início á sessão solene de boas-vindas.

O major Magalhães Mexia, saudou o supremo magistrado da Nação, dizendo da honra que a cidade sentia em recebê-lo. Afirmou que a população setubalense, de pescadores e marinheiros, via, com o maior prazer, entre ele, o homem que deu o maior impulso á renovação das frotas mercante de pesca, acrescentando que o sr. almirante Américo Tomás reune todas as virtudes do povo português.

Palavras do Chefe do Estado

Após muitos aplausos e vivas ao sr. Presidente da Republica e a Portugal, o sr. almirante Américo Tomás pronunciou de improviso as seguintes palavras:

«E' para mim muito agradável visitar a cidade de Setubal. Não é para mim uma cidade desconhecida. Tenho dela as mais gratas e saudosas recordações. Passei aqui muitos meses da minha vida em trabalhos hidrográficos. Não tem conta o numero de vezes que passei por estas ruas. E' natural que sinta comoção por voltar aqui e voltar na situação presente. Não tenho palavras para agradecer as saudações do sr. presidente da Camara, nem ao bom povo de Setubal, o seu acolhimento. Apenas duas palavras pode exprimir o que quero dizer a este povo — muito obrigado pelo acolhimento desta gente simples, gente do povo, marinheiros e pescadores. Obrigado a todos e um viva á cidade de Setubal».

Grandes aclamações coroaram o discurso do sr. Presidente da Republica, ouvindo-se, de novo, muitos vivas ao Chefe do Estado, que se dirigiu á varanda do edifício, para agradecer os aplausos da multidão que se aglomerava na praça, cantando o hino nacional e agitando lenços, bandeiras e dísticos, com frases de saudação, entre os quais esta: «O Povo sauda o Presidente do Povo».

O Chefe do Estado recebeu os cumprimentos das autoridades locais e dos cônsules nesta cidade.

A inauguração do hospital

De novo em automóveis, todos se dirigiram ao novo hospital regional, administrado pela Santa Casa da Misericórdia, junto da qual se encontrava uma multidão ainda maior, que a que estivera em frente dos Paços do Conselho.

A chuva voltou a cair com intensidade, mas, apesar disso, as homenagens tiveram grande entusiasmo, vendo-se centenas de crianças que agitavam bandeiras e lançavam pétalas de flores.

Às 11 e 15, o sr. Presidente da Republica chegou ao edifício onde era aguardado pelos ministros, pelo dr. Agostinho Pires, director-geral da Assistência, pelo provedor da Misericórdia, pelo director da comissão de obras, pelo director do corpo clínico do hospital e pelas autoridades locais.

Depois de uma breve visita ás instalações hospitalares — ás quais nos referimos largamente anteontem — efectuou-se a sessão inaugural, na sala principal, que se encontrava repleta e onde se via todo o pessoal que exerce funções naquele estabelecimento.

Na mesa de honra, tomaram lugares, ladeando o Chefe do Estado, os dois ministros, o secretário de Estado da Agricultura, o dr. Miguel Bastos, governador civil, o procurador da Misericórdia e o sr. Antoine de Velge, presidente do conselho de administração da Sapec, que contribuiu com 4.000 contos para a construção do hospital.

Discursou em primeiro lugar o provedor da Misericórdia, engenheiro Moniz Borba, que começou por afirmar:

—No livro da história da Santa Casa da Misericórdia de Setubal, com 460 anos de idade, escreve-se hoje, com letras de ouro, uma das suas mais belas páginas.

Disse que era a segunda vez que aquela instituição recebia um Presidente da Republica, saudando o Chefe do Estado, em termos entusiásticos. Agradeceu a colaboração do Governo na construção do hospital e pôs em relevo o trabalho consciente e forfícuo de todos os que se dedicaram a tão importante e humanitária obra.

O sr. Antoine de Velge saudou o sr. Presidente da Republica, «o homem a quem Portugal deve a grande obra de reconstrução das marinhas» que «vieram dar nova vida a todos os portos portugueses, entre os quais o de Setubal» que já lhe devia «tudo quanto modernamente se fez no capítulo de hidrografia».

—Há cinco anos — disse — por ocasião do seu vigésimo quinto aniversário, a Sapec decidia manifestar o seu profundo reconhecimento para com o País que a acolheu, tomando a liberdade de oferecer um donativo com vista á construção de um hospital em Setubal que, beneficiando a população da cidade e do distrito, beneficiava também os operários que trabalham na sua organização. Esta obra está hoje terminada, e sinto-me feliz de poder render o meu agradecimento ao Governo da Nação, por ter consentido em aceitar a dádiva e por ter dado generoso seguimento á ideia, mandando construir o hospital, cujo custo lhe é muito superior.

Saudou os ministros, e, no engenheiro-agrónomo Luís Quartin Graça, a lavoura portuguesa, com a qual a Sapec tem mantido, desde sempre, as mais amistosas e íntimas ligações; e manifestou o seu agradecimento pelas entidades que contribuiram para a efectivação da obra, especializando o dr. Corrêa Figueira, antigo governador civil, os actuais chefe do distrito e presidente do Município, e a Santa Casa da Misericórdia. Prestou homenagem «ao génio daquele que desde há trinta anos dirige os destinos de Portugal, através períodos dos mais difíceis da história do Mundo»:

—E' um homem — afirmou — com uma visão extraordinária e antecipada dos acontecimentos. E' sem duvida um mestre da política e da governação. Sempre que nesta velha Europa, em qualquer país, há um movimento na vida política e administrativa em busca de remédios salutares, em busca de rectificações, nós vemos que se vai adoptar, quanto mais não seja parcialmente, os métodos que o dr. Salazar estabeleceu e defende intransigentemente há anos. E' preciso ir bem longe no curso da História para encontrar um homem cujo génio benfazejo tenha tido sobre a sua pátria uma acção tão profunda. Que a Providência lhe dê por longos anos força e coragem para levar por diante a sua altíssima missão!

Acentuou as semelhanças e identidades existentes entre a Bélgica e Portugal; recordou «o que foi o triunfo do Dia de Portugal na Exposição Internacional de Bruxelas», prestando homenagem á acção do embaixador dr. Vieira Leitão e agradecendo ao engenheiro Maças Fernandes, ao arquitecto Possolo, ao pintor Escada e á Fundação Ricardo Espírito Santo; e terminou dizendo:

—Senhor Presidente da Republica: Quero, finalmente, dizer a V. Ex.ª quanto nós — eu e os meus filhos e todos os meus colaboradores — estamos orgulhosos de trabalhar neste belo País, e quanto são fervorosos os votos que formulamos pela prosperidade e grandeza de Portugal.

O discurso do ministro das Obras Públicas

O engenheiro Arantes e Oliveira, depois dos cumprimentos ao Chefe do Estado e a outras entidades, disse:

—Recordarei, para de algum modo situar o seu merecimento, que estamos em presença de um grande estabelecimento hospitalar, dotado de todos os serviços e de todos os requisitos das melhores instalações congéneres e que se destina a ser utilizado, não só pela capital do Distrito, como também por toda uma vasta zona de influência, abrangendo onze concelhos. Em vários destes concelhos funcionam já modernos hospitais subregionais, em perfeitas condições de instalação e de apetrechamento. Para os demais têm os serviços competentes entre mãos o estudo dos problemas da reforma e da actualização das suas instalações neste sector assistencial. Caminha-se, pois, neste distrito de Setubal, com o mesmo passo seguro com que se vai processando o seu progresso noutros sectores, para o completamento da estrutura material da assistência hospitalar definida pelo Governo num documento muito importante: o plano de organização hospitalar, de Abril de 1946. Relevarão certamente VV. Ex.as que eu aproveite este ensejo para assinalar que ao abrigo desta fecunda medida legislativa foram já construidos cinquenta e um hospitais subregionais e profundamente remodelados e ampliados mais quarenta e sete, uns e outros distribuidos por todo o País e pelas Ilhas Adjacentes. Encontram-se, além disso, neste momento em construção doze novas unidades e em curso de remodelação e ampliação outras quatro. Perfazem, portanto, o interessante numero de 114 unidades subregionais — além dos postos de consulta e socorros — os novos estabelecimentos hospitalares realizados neste sector da classificação em pouco mais de uma dezena de anos de aplicação de um plano fecundo e que são o feliz produto da cooperação do Estado com as tão meritórias Misericórdias locais.

Aludiu á «vasta e multiforme gama de hospitais de natureza especial realizados á margem do plano hospitalar de 1946, que os não abrange, e no numero dos quais se contam os grandes hospitais escolares de Lisboa e do Porto, os estabelecimentos da luta contra a tuberculose — sanatórios, preventórios, dispensários e abrigos — os hospitais psiquiátricos, os estabelecimentos de foro oncológico, e outros».

Afirmou que o ministro da Saúde e Assistência pode «continuar a contar com a mais dedicada e leal colaboração do Ministério das Obras Publicas. E terminou assim:

—Já aqui foi referido quanto este empreendimento deve ao belo espírito altruista do sr. Antoine Velge, um grande amigo do nosso País, e muito em especial desta cidade de Setubal, que, já devedora da preciosa dádiva da sua inteligência e das suas energias em vinte e cinco anos de uma actividade do maior valor para o seu progresso, viu agora a divida singularmente aumentada com o nobre gesto de benemerência que determinou a oportunidade deste empreendimento. Não poderia o Governo deixar de aproveitar este ensejo para lhe repetir o apreço e a gratidão que são devidas á sua exemplar atitude, aliás sublinhada por palavras nobilíssimas que constituindo uma bem expressiva homenagem ao grande vulto nacional que as tornou possíveis, hão-de ser ouvidas por todos os Portugueses com embevecimento e com orgulho.

O sr. almirante Américo Tomás e sua esposa visitando o novo hospital regional de Setubal

Palavras do ministro da Saúde

Encerrou a série de discursos o dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência, que manifestou a sua satisfação pela abertura de mais um hospital, agradecendo a presença do Chefe do Estado e dos outros membros do Governo, teve palavras de gratidão para todos os que tornaram possível tão bela obra, incluindo os operários, e disse que o grave problema dos equipamentos hospitalares é uma das maiores preocupações do Governo. Acrescentou que era com satsifação que afirmava estar o importante assunto em vias de solução, mercê da colaboração do Ministério das Obras Publicas. Anunciou a inauguração dos hospitais de Nisa e Sousel, em 17 do corrente, da Azambuja, em 24, e de Almeirim, em 28, ficando apenas por inaugurar os de Tabuaço e Cabeceiras de Basto. Este ultimo começará a funcionar mais cedo, em virtude de um importante donativo — que agradeceu — da Fundação Gulbenkian.

Depois de afirmar que era necessário trabalhar cada vez com mais entusiasmo e dinamismo e de citar o exemplo do chefe do Governo, concluiu evocando a figura da Rainha Dona Leonor, criadora das Misericórdias, e saudando especialmente o sr. Antoine de Velge.

Diversas condecorações

O Chefe do Estado impôs, então, no meio de muitas palmas, as seguintes insignias: de grande oficial da Ordem de Benemerência ao sr. Antoine Velge; de oficial da Ordem Militar de Cristo, ao engenheiro civil João Ribeiro Fráguas; de cavaleiro da mêsma ordem, ao engenheiro civil Abel Tavares da Silva e ao arquitecto Artur Manuel Evaristo das Dores Bentes; de oficial de Mérito Agricola e Industrial da classe de Mérito Industrial, ao encarregado Eduardo Espírito Santo Peles; e de cavaleiro da mesma Ordem e da mesma classe ao guarda Adelino Pereira.

A caminho do Algarve

Terminada a cerimónia, foi oferecido, no Clube Setubalense, um almoço volante, ao Chefe do Estado e á sua comitiva.

O ministro da Saude regressou a Lisboa, a fim de partir para Genebra, onde vai participar na assembleia da Organização Mundial da Saude.

Ás 14 horas, e sob violento temporal, reconstituiu-se o cortejo, que partiu com destino ao Algarve, passando por: Águas de Moura; Palma; Alcácer do Sal, onde atravessou o canal da comporta da obra de rega do Vale do Sado, 400 metros além do rio, e onde houve cumprimentos das autoridades concelhias; Grandola; Santa Margarida da Serra; Santiago do Cacém; Cercal, onde o governador civil de Beja apresentou cumprimentos; São Luís; Odemira, onde foram apreciadas as obras do cais e do aproveitamento hidroagricola do Mira, do alto do Moinho do Samouqueiro.

Ás 17 e 40, o Chefe do Estado deve entrar no Algarve, por Odeceixe, onde receberá cumprimentos das autoridades daquela província.

A chegada á Praia da Rocha—onde todos pernoitarão — está prevista para as 20 e 45, depois de o cortejo passar por: Aljezur; Alfambra; Bordeira; Carrapateira, Vila do Bispo; Sagres; S. Vicente; Lagos, onde serão observadas as obras de regularização marginal e de restauro das muralhas.

Orquestra Filarmónica de Lisboa

Amanhã, ás 16 e 30, realiza-se em Almada, um concerto comemorativo do 1.º aniversário da inauguração do Salão de Festas da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense. Neste concerto, que se efectua no referido salão de festas, actuará a Orquestra Filarmónica de Lisboa que será dirigida pelo dr. Ivo Cruz e terá como solista a violinista Lídia de Carvalho. Serão ouvidas obras de Rodrigues Coelho, Max Burch e Tchaikowky.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

«O Diário de Lisboa» dava no dia 9 de Maio de 1929 a notícia de que a Parceria António Maria Pereira abrira entre jornalistas um concurso para que convidara as redacções do «Diário de Lisboa», de «O Século» e do [illegible] de Notícias» que indicara [illegible] nomes, respectivamente os de Rogério Perez, Mário Reis e Belo Redondo. Cada qual escreveria o seu livro: Rogério Perez, um guia romanceado de Sevilha; Mário Reis, um romance de costumes coimbrões; e Belo Redondo, um de certos meios lisboetas que haveria de ser o primeiro a esgotar-se e, portanto, ganharia o prémio do concurso.

EFEMERIDES

No dia 9 de Maio de 1946 abdicou Victor Manuel de Itália em nome de seu filho Humberto.

AMAS DE RADIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio rural; 18 e 50, Trechos de operetas; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A» — Às 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21 e 45, Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para soldados. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, Danças.

Programa «B» — Às 19, Aspectos da musica moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Audição integral do livro de Maria Frederica, pela pianista Elvira de Freitas; 20 e 27, Temas portugueses; 20 e 37, Musica de arco: «Cinco peças em estilo popular, op. 102», de Schumann; 21 e 15, 3.º acto da ópera «Bohème», de Puccini; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Quarteto de La Guitarria», de Turina; 23 e 45, Que quer ouvir?; Abertura da ópera «Tanhauser», de Wagner; «Sinfonia Clássica», de Prokofieff; «Fantasia hungara», para piano e orquestra», de Liszt; «Don Juan», poema sinfónico, op. 20, de Richard Strauss.

RADIO CLUBE — Às 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Diálogos de Olavo; 19, Festas do Montijo; 19 e 15, Canconetas; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Eddie Constantine; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, Orquestra de Ray Martin; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile; 0 e 55, Sumário; 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Solos de piano; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Triduo preparatório da peregrinação nacional a Fátima; 22, No reino das musas; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 23 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, Tele-Desporto (Programa semanal da actualidade desportiva); 22 e 5, «Berlim — cidade mártir» (doze anos da história da antiga capital alemã); 22 e 30, um episódio da comédia «Contra fatos não há argumentos», de Jorge Coutinho; 22 e 55, «Na rua e na estrada»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias e 23 e 30, fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua de Lumiar 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469. Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034. Sagres—Av. Luis Bivar, 69-71 Tel. 47213, Latina Av. Antônio Agusto de Aguiar, 17-A, Tel 42312; Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961, Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808. Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136, Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça 38-A-39 Tel. 862909. Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173, Guerra — Rua Andrade, 32-36 Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361, Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A B (Bairro da Liberdade) 683694, Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges 30 Tel 660955; Micael — Rua de S. Vicente, 380-382, Tel. 662162; Neves Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel 661251, Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280. Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Quimica, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40 Tel 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata 220 Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

MARÉS

PREIA-MAR: hoje, ás 16 e 20 (altura 3m,89); amanhã, ás 4 e 38 (altura, 3m,7). BAIXA-MAR: hoje, ás 22 e 35 (altura, 1m,02); amanhã, ás 10 e 13 (altura, 1m,01).

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Na sua sede, no Hospital Miguel Bombarda, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria promove, hoje, ás 22 horas, uma sessão extraordinária, em que o prof. Max Mikorey, da Universidade de Munique, fará uma conferência subordinada ao tema «Estrutura da sexualidade humana e sua influência sobre a criminalidade».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes: na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Rua da Misericórdia, 20-2.º; na Casa dos Senenses, na Rua do Loreto, 13-1.º; na Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua de São José, 86-1.º; na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, com o conjunto musical «Os Diabólicos»; no Grupo Desportivo Operário, na Rua de Entre-Campos, 4-A, com o conjunto musical «Os Gauchos»; e na Casa Regional de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3-1.º, promovido pela Comissão de Melhoramentos de Vale Torto (Góis), com a Orquestra Belarte.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um guarda-chuva de homem; um colar de pérolas de fantasia; um porta-moedas com dinheiro; um chapéu de criança; uma caneta de tinta permanente e uma esferográfica; um dossier de apontamentos escrito em inglês; um cadeado; uma cigarreira de prata; um recibo de renda de habitação de Maria das Dores Marques; uma carteira de plástico contendo licença de isqueiro, matrícula de velocipedista, e vários cartões em nome de Constantino Balestero Rodrigues; um farolim de veículo automóvel; um estojo com óculos graduados; e outro par de óculos; quatro tampões de roda de automóvel; um tampão de depósito de gasóleo; bilhetes de identidade de Maria Sanches, Candido Cunha de Sousa, e Judite Morais; e argolas com chaves e várias chaves.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas um relógio de pulso para senhora; um terço; umas luvas.

Na Polícia da Administração-Geral do Porto de Lisboa está um relógio de pulso para homem, e parte de uma caderneta militar em nome de Carlos Varela de Carvalho.

—Também no quartel do Regimento de Cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, se encontra depositada uma chave de lunetas em Chrom-Vanadium que foi encontrada anteontem no Largo do Carmo e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—Às 21 e 45—«Saias».
TRINDADE — As 21 e 45 — «A espera de Godot».
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Eles elas e os meninos»
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Encosta a cabecinha e chora...»
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio»
CIRCO ARRIOLA-PARAMÉS (Palhavã)—Ás 16 e 30 e 21 e 45.

CINEMAS

TIVOLI — «Fim de semana no as censor».
S. LUIS—«Frutos de Verão».
S. JORGE — «Os tubarões do Pacífico».
IMPERIO — «Espelho de duas faces»
EDEN — «A luz vem do alto».
POLITEAMA — «Barqueiros do Volga».
ODEON — «Jogando com a sorte»
MONUMENTAL — «A estreante encantadora»
CONDES — «A grande estrada azul».
ROMA—«O crime da 10.ª avenida».
AVIS — «Olho negros»
ALVALADE—«Frutos de Verão»
CAPITÓLIO—«Estradas do Inferno».
RESTELO — «Querido Joey».
OLIMPIA — «A tentação do pantano»
COLISEU—«Fronteiras em chamas»
IDEAL—«Conselho de guerra».
JARDIM—«O pinga-amor».
CAMPOLIDE—«A ultima ordem».
S. JOSÉ (Sacavém)—«A águia fugitiva».

«Diário de Lisboa»

O Sindicato Nacional dos Profissionais na Industria Hoteleira e Similares dos distritos de Lisboa exarou, na acta da sua ultima reunião, um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pela forma como o nosso jornal recebeu o pedido do seu sócio, sr. Adão do Paraíso, abrindo uma subscrição para a compra de uma perna artificial que o mesmo necessitava.

Agradecemos a gentileza daquele organismo.

QUANTO CUSTAM OS AUTOMÓVEIS EM PORTUGAL?

Está á venda em todo o País o n. 38 da revista «Mundo Motorizado» que inclui a 4.ª edição da separata «Caracteristicas técnicas e preços dos automóveis á venda em Portugal».

Esta separata, com 72 páginas formato de bolso, apresenta-se nesta edição devidamente corrigida e ampliada, incluindo os modelos 1959 dos carros americanos já chegados a Portugal, além de outros novos modelos de origem europeia.

Para cada marca discriminam-se as características dos diversos modelos referentes a motor, transmissão, chassis, dimensões, velocidade e consumo, seguindo-se o preço-base, taxa do F. F. E. e custo dos extras usuais.

O n.º 38 de «Mundo Motorizado» publica ainda as habituais 32 páginas, profusamente ilustradas, com numerosos artigos de grande interesse em que destacamos.

«Do caminho primitivo ás modernas auto-estradas»; «Road test» do Taunus 17 M; «Os materiais plásticos na industria automovel»; «A industria de fabricação de automóveis»; «Saiba escolher os pneus para o seu carro...»; «Considerações sobre o binário motor», pelo eng.º Rui de Sousa, «Desporto Motorizado», etc.

Este numero de «Mundo Motorizado», verdadeiramente excepcional pelo seu conteudo, vende-se ao preço habitual de 7$50. Descontos por assinatura. Contra-reembolso, cada exemplar 10$00. Pedidos aos editores: S. E. Publitécnica, Ld.ª. Rua do Alecrim, 53, r/c., Lisboa.

—E por ultimo, minha senhora, vou mostrar-lhe este botão que serve para queimar automáticamente todo o jantar, quando lhe apetecer que o seu marido a leve ao restaurante.

Semana do contribuinte

DOUTRINA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — *Contribuição Predial Urbana* — Isenção temporária nos termos do Decreto-Lei n.º 31561.

1) Por despacho do sr. ministro das Finanças de 6 de Dezembro de 1958, fixou-se a seguinte doutrina:

a) *Os prédios, ou parte de prédios, destinados a fins diferentes dos da habitação, não devem gozar de isenção de contribuição predial, tal como tem entendido o Supremo Tribunal Administrativo (v. g., entre outros, o Acórdão de 20-1-1954,* Recurso n.º 12322, in Diário do Governo n.º 281 de 1954, *n.º 5542 da Compilação), exceptuando-se desta regra apenas os prédios de renda limitada;*

b) *E, aos prédios, ou parte de prédios, destinados a habitação, será de conceder o benefício se todas as habitações tiverem unitáriamente rendimento colectável que não seja superior a 12.000$00.* (Decreto-Lei n.º 36213, de 7-4-1947).

Mas se qualquer delas exceder esta quantia, o benefício não terá lugar, mesmo em relação ás habitações cujo rendimento colectável se situe áquele montante, a não ser que se dê a hipótese prevista no artigo único do citado Decreto-Lei n.º 36213.

E esclareceu-se:

A doutrina contida naquela alínea a) não se aplica aos prédios já construidos, em construção ou a construir em terrenos para o efeito já adquiridos á data das presentes instruções, aos quais, por isso, será de conceder, relativamente á parte destinada a fins diferentes dos da habitação e independentemente do rendimento colectável que lhes seja atribuido, *a isenção pelo período mínimo;* e concedendo-se á parte destinada a habitação o benefício a que porventura tenha direito, de harmonia com a lei vigente e critério definido na alínea b) referida.

2) Por despacho do sr. subsecretário de Estado do Tesouro de 3 de Dezembro de 1957, foi esclarecido:

O destino do prédio (suas lojas e andares) será sempre determinado pelo referido na licença de utilização.

Regulamento-Geral das Edificações Urbanas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 38382, de 7 de Agosto de 1951.

AGENDA DO LEITOR — *Imposto Profissional* — As entidades que pagarem qualquer gratificação ou percentagem sujeitas a imposto profissional ficam obrigadas a apresentar na respectiva secção de finanças, no mês seguinte áquele em que for ordenado o pagamento, uma relação dos nomes das pessoas e importancias das gratificações ou das percentagens que lhes forem abonadas.

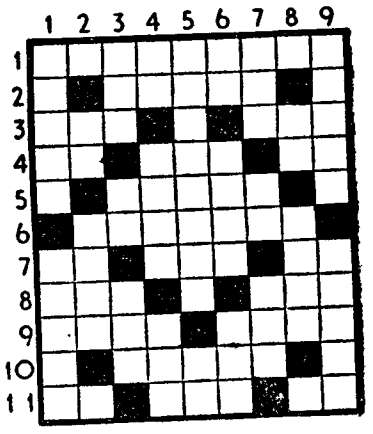
Decreto n.º 16731, artigo 72.º.

Tecidos e muitas novidades para Senhora e Homem.
Vendas com Facilidades de pagamento.
CASA MAX
193-A - R. D. Estefânia - 193-B

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1589



HORIZONTAIS: 1 — Primeira das três palavras que formam o nome de um concelho de Bragança. 2 — Soar. 3 — Cutis. Amarro. 4 — Esquadrão (ant.º). Nome de mulher. Cidade da antiga Caldeia. 5 — Unidade das medidas de peso. Conjunção. 6 — Peara. 7 — Vê. Saudáveis. Símbolo químico do bário. 8 — Compareciam. A pessoa com quem se dança. 9 — Algarismo. Moradia. 10 — Dar mios. 11 — Batráquio. Assim que. Utensilio de lavoura.

VERTICAIS: 1 — Ara. Sacrificar com bons presságios. 2 — Nome de uma letra (inv.º). A maquinaria de um relógio. 3 — Antiaga capital do Marrocos francês. Abreviatura de grama. Pronome possessivo. 4 — Antes de Cristo. Datas célebres. Consentimento. 5 — Celebravam nupcias. Oca. 6 — Preposição e artigo. Estimas. Oxido de cálcio. 7 — Data. Ceu. Divisivel por dois. 8 — Pronome pessoal. Faldas. 9 — Venere. Arvore mirtácea da América.

Resolveu completamenet êste problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1588

HORIZONTAIS: 1 — Berg. Aram. 2 — Ri. Aer. Ró. 3 — Asal. MCCC. 4 — Latão. 5 — Cigarra. 6 — Irão. Agag. 7 — NEM. Ota. 8 — Tu. CÃO. Al. 9 — NEGRO. 10 — Mãe. Pag. 11 — Arma. Maço.

VERTICAIS: 1 — Brás. Intima. 2 — Eis. Creu. Ar. 3 — Aliam. Gago. 6 — Armara. Or. 7 — Tá! Gago. 6 — Aramara. Or. 7 — Corgo. Opa. 8 — Arc. Aatá. AC. 9 — MOÇO. GALEGO.

Provérbio: NEM CÃO NEGRO, NEM MOÇO GALEGO.

BLUSAS DE ALGODÃO
MODELOS EXCLUSIVOS
SECIA
BOUTIQUE
31 - Rua da Conceição
Tel. 30546 — Lisboa

A Rússia terá de evitar

o malogro da reunião de Genebra

para garantir a realização

da conferência em alto nível

WASHINGTON, 9. — No momento em que está quase a começar a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Genebra, é impressão geral nas esferas autorizadas que qualquer acção unilateral da U. R. S. S., durante a conferência, provocaria decerto o rompimento das conversações e tornaria talvez impossível a reunião de uma conferência de chefes de governo.

Para haver uma reunião ao mais alto nível é necessário que a conferência dos ministros dê resultados que justifiquem a conferência de chefes de governo. Um acordo que apenas dissesse respeito aos problemas materiais de organização ou mesmo de elaboração da ordem do dia seria insuficiente para justificar tal conferência. Caberá aos próprios Russos a responsabilidade de decidir se a reunião que começa na segunda-feira se transformará num beco sem saída.

Um dos gestos unilaterais que poderiam provocar ruptura seria a assinatura de um tratado de paz separado com a Alemanha Oriental. Outro, seria a transferência da administração de Berlim-Leste para as autoridades alemãs. Qualquer novo ultimato russo, a marcar data para a saída dos Ocidentais, de Berlim-Oeste, teria o mesmo efeito que os dos actos unilaterais anteriores.

Os Ocidentais estão dispostos a permanecer em conversação todo o tempo que entenderem conveniente para o interesse da paz. Se a conferência tivesse de interromper-se em consequência de um gesto russo, parece que seria inevitável recorrer para as Nações Unidas. — (France Presse).

As primeiras divergências...

WASHINGTON, 9. — Embora a conferência de Genebra só comece na segunda-feira, já começaram as divergências entre o Ocidente e o Leste — anunciam os organizadores da reunião.

A disputa, por enquanto, é só sobre o feitio da mesa de conferência, que os Russos desejam redonda e os Ocidentais querem quadrada.

Segundo parece, o Ocidente ganhará a questão, porque os funcionários das Nações Unidas a quem estão entregues os preparativos, não conseguem encontrar uma mesa redonda com as dimensões requeridas. — (A. N. I.).

Os delegados começam a chegar a Genebra

GENEBRA, 9—Começam a chegar hoje a Genebra os delegados á conferenciar com o chanceler Ade- Estrangeiros que se inaugura na segunda-feira.

Hoje, são esperados o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Couve de Murville; o secretário de Estado norte-americano, Christian Herter — que, procedente de Washington, se demorará quatro semanas em Bonn, a fim de conferenciar com o hcanceler Adenauer; o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, André Gromiko; e também o seu colega da Alemanha Oriental, Lothar Bolz.

Para amanhã, está marcada a chegada dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e da Republica Federal Alemã, respectivamente, Selwyn Lloyd e von Brentano. — (A. N. I.).

Herter chegou a Bonn

BONN, 9. — Chegou a esta cidade o secretário de Estado norte-americano, Christian Herter, a fim de conferenciar uma ultima vez com o chanceler Adenauer, antes de seguir para Genebra.

Herter foi cumprimentado no aeroporto por von Bretano, que também participa nas conversações desta tarde, entre o secretário norte-americano e Adenauer. — (A. N. I.).

1.500 jornalistas farão o relato da conferência

GENEBRA, 9. — A sr.ª Andrée Lenz — que é uma simples dona de casa suíça — toma o título e os encargos de secretária-geral da Casa da Imprensa quando uma grande conferência internacional atrai a esta cidade milhares de jornalistas, de fotógrafos, de operadores da Rádio e da Televisão.

Esta manhã, depois de uma cuidadosa inspecção ao «Palácio do Conselho Geral» — sede dos Serviços de Imprensa e Informação nas reuniões internacionais — a sr.ª Lenz declarou tudo a postos para receber «os seus amigos jornalistas».

Aliás, é esta também a opinião dos primeiros entre os 1.500 delegados da Imprensa que já chegaram a Genebra.

«seus hóspedes».

«Tenho já tantos amigos entre os jornalistas que vêm fazer as reportagens destas reuniões internacionais, que cada nova conferência é para mim como que o regresso de velhos amigos á *minha* casa». — diz a sr.ª Lenz. — (A. N. I.).

O xá da Pérsia conversando com a princesa Margarida, á entrada da embaixada do seu país, em Londres

O XÁ DA PÉRSIA

foi à Grã-Bretanha **para assinar** um pacto secreto?

LONDRES, 9.—O redactor parlamentar do «Daily Heraid» diz esta manhã que a visita do xá da Pérsia a Inglaterra «é muito mais do que uma simples visita de cortesia» e que se trata da conclusão de um pacto secreto com a Grã-Bretanha que garanta — juntamente com os Estados Unidos — as fronteiras do país. Em contrapartida, o Governo persa assume o compromisso de fornecer petróleo ao Reino Unido.

«Enquanto o xá tem medo do comunismo — acrescenta o jornalista — a Inglaterra receia ver desaparecer subitamente os fornecimentos de petróleo persa. E esta a razão da visita que o xá deve fazer este fim-de-semana a Chequers, onde almoçará com o primeiro-ministro e com sir Anthony Eden.— (France Presse).

Gromyko afirmou

que existem condições

para preservar a paz

GENEBRA, 9. — O ministro dos Negócios Estrangeiros russo, André Gromyko, á sua chegada a esta cidade, ás 12 e 29 (T. M. G.), declarou:

«Esperamos que esta reunião abra o caminho para uma próxima conferência de chefes do Governo. Os novos esperam que as decisões dos seus chefes conduzam ao afrouxamento da tensão internacional. Não podemos iludi-los».

«A conferência ocupar-se-á das mais importantes causas de tensão, entre as quais, os problemas de um tratado de paz na Alemanha e da liquidação do regime de ocupação de Berlim-Ocidental. A solução destas questões facilitará, em grande escala, o afrouxamento da tensão».

Mais adiante, Gromyko sublinhou que a delegação russa viera com o propósito de dar uma solução positiva aos diversos problemas, e acrescentou existirem condições capazes de permitir a conservação da paz. — (A. N. I.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 17°6; mínima, 14°.2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,5; mínima, 15°,6.

— Temperaturas registadas na Costa do Sol, ás 10 horas de hoje: no ar, 15°,2; na água do mar, 14°,2.

Em ALMADA, na Tabacaria CENTRAL, P. da Renovação, encontra-se á venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

O Governo francês

está a elaborar um programa *com o objectivo de aumentar* o poder de compra das famílias

PARIS, 9 — O senador democrata-cristão Alain Poher, relator do debate de política económica e social no congresso nacional do Movimento Republicano Popular, fez diversas críticas á política financeira do Governo.

O senador recomendou que se evite optimismo excessivo a respeito da situação financeira, porque as disposições de austeridade tomadas pelo Governo foram acompanhadas por uma depressão económica que, em todo o caso, foi menor que noutros países. Além disso, o equilíbrio da balança de contas continua a ser precário, e é difícil a situação da agricultura e das industrias marginais. Estas considerações não impediram o senador de aprovar a política de estabilização financeira praticada pelo Governo e o esforço a favor da Argélia.

Mas Alain Poher, que foi ministro na IV Republica, quando o seu partido teve papel primordial na governação publica, não resistiu á tentação dum remoque: «E' a nós, aos nossos investimentos—disse— que as actuais autoridades devem a possibilidade de poder visitar as instalações de produção de gás natural de Lacq e os campos petrolíferos do Saharâ».

Um dos pontos mais atacados pelos congressistas foi a compressão dos reembolsos dos gastos de doença pelo Seguro Social. Diversos oradores disseram que esta decisão governamental, juntamente com a estagnação dos salários, é muito impopular e atinge principalmente as famílias.

Para serenar o ambiente, foi preciso, haver uma intervenção do ministro do Trabalho do actual Governo, Paul Bacon, que faz parte do Movimento Republicano Popular. O ministro declarou que vai fazer-se uma reforma geral do Seguro Social e que está a elaborar-se um programa que tem o propósito de aumentar o poder de compra das famílias, o que constitui uma das reivindicações do partido. — (F. P.).

As forças brasileiras

que combateram na Itália não tinham ainda **preparação suficiente**

RIO DE JANEIRO, 9 — O marechal João Mascarenhas de Morais disse hoje que o general norte-americano Mark Clark lançou tropas brasileiras, que não estavam «preparadas», na batalha de Monte Castelo, na Itália, durante a segunda guerra mundial, na qual perderam a vida muitos soldados do Brasil.

O marechal Mascarenhas de Morais, que comandou as tropas expedicionárias brasileiras que lutaram na Itália sob as ordens do general Clark, acrescentou que o general norte-americano não fez caso das objecções que lhe fizera sobre a fraca preparação dos soldados brasileiros e ordenou que eles entrassem imediatamente em combate.

Mascarenhas de Morais classificou o ataque de Monte Castelo de «prematuro», apesar de dizer que ele contribuiu para a completa vitória das forças aliadas na Itália. —(A. N. I.).

As pesquisas do «Dakota» na baía de Cascais

(Continuação da página central)

mente incansável cuidando de todos os pormenores declarou-nos esta manhã, que já tinha entregue ao sr. ministro da Marinha e aos altos comandos da Armada um relatório em que descrevia a tarefa, que lhe foi confiada.

Disse-nos:

«Posso elucidá-lo como já o fiz superiormente de que começo a recear que o «Dakota» e seja por tal forma desfeito, que só destroços e mais destroços se consigam recuperar, desvanecendo-se assim as esperanças que por vezes tive de encontrar a fuselagem com os oito aviadores, especialmente quando na madrugada do dia 7 foi recolhida parte do leme de profundidade, que faz parte do conjunto da cauda do avião».

Foram encontrados destroços da fuselagem

Mal o comodoro Paulo Viana acabara de dar instruções aos oficiais para o prosseguimento das pesquisas, quando pôde informar o «Diário de Lisboa», que por volta das 12 h. e 40 m. havia sido encontrada parte da fuselagem correspondente ao lugar do piloto».

Há assim a perspectiva de se encontrar qualquer cadáver.

A continuação das pesquisas e os reconhecimentos dos «homens-rãs» poderão de um momento para o outro fornecer novos elementos.

Já foi recolhida parte da cabine do piloto

No prosseguimento das pesquisas, as forças da Armada conseguiram recolher mais uma parte do avião — a correspondente á fuselagem da cabina do piloto, que já foi entregue á Força Aérea.

A Volta à Espanha em bicicleta

SANTANDER, 9 — Em Barreda, a 21 quilómetros da partida, os estradistas Marigil e Caldeano comandavam a prova. O tempo apresenta-se quente, embora enevoado. Em Santillana (Bellmar) 6 quilómetros depois de Barreda, Van Looy, da Bélgica, e Boni, da Itália, colocaram-se na dianteira e conseguiram um ligeiro avanço. — (A. N. I.).

Os Russos ensaiaram um bombardeiro-foguetão

WASHINGTON, 9 — Um funcionário da Biblioteca do Congresso, autor de um estudo elaborado para a subcomissão senatorial do «Estado de Preparação», afirma que os Russos experimentaram um bombardeiro que, propulsionado por foguetões, pode percorrer 20.000 quilómetros á altitude de 160 quilómetros. — (F. P.).

A lotação do barco

que naufragou no Nilo

era apenas de 70 passageiros

CAIRO, 9 — Desconhece-se ainda o numero oficial de vítimas da tragédia do navio fluvial «Dandará», que ontem se voltou no Nilo, com cerca de 350 pessoas a bordo. Contudo, calcula-se que tenham morrido cerca de duzentas pessoas, das quais cem crianças com menos de doze anos.

O ministro das Obras Publicas, Alcharabassi, declarou que os proprietários do barco venderam cerca de 250 bilhetes e permitiram que 70 a 100 crianças viajassem sem bilhete, sabendo perfeitamente que a lotação era apenas de 70 passageiros.

Torna-se difícil determinar o numero de sobreviventes, porque muitos deles seguiram imediatamente para as respectivas casas quando puseram pé em terra — dizem as autoridades. Um sobrevivente perdeu sete membros da família, incluindo a mulher e dois filhos. Identificaram-se, entre os mortos recolhidos, três engenheiras agrónomas.

Os passageiros do «Dandará» faziam parte de uma excursão organizada por funcionários do Governo egípcio ao parque de recreio do Delta. Dois ministros do Gabinete deviam ter participado na viagem, mas desistiram á ultima hora.

Descobriu-se uma brecha no fundo do barco, quando se dirigia a caminho do delta. Cerca de cinquenta passageiros haviam sido transferidos para uma lancha em consequência disso e os tripulantes tentaram em vão atingir a margem. Porém, a lancha voltou-se quando os passageiros que ainda se encontravam a bordo, amedrontados, se concentraram num dos lados do navio, preparando-se para desembarcar o mais depressa possível, fazendo o «Dandará» voltar-se.

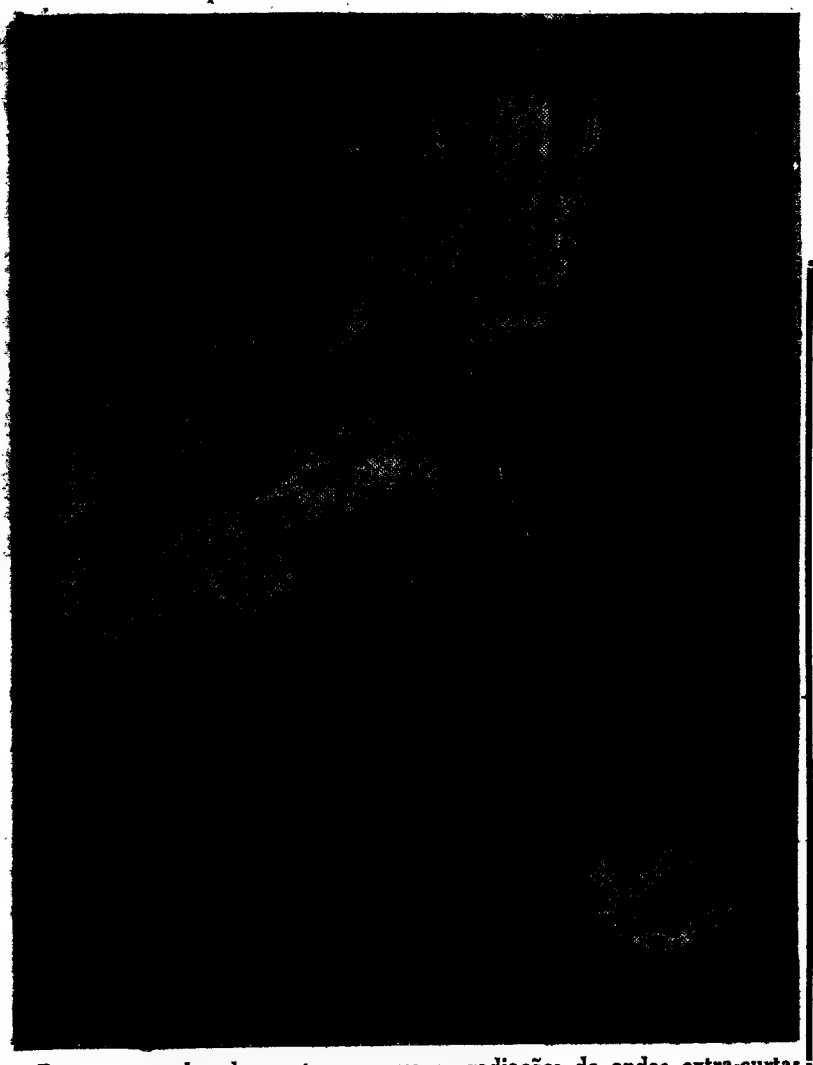
Oito ministros do Gabinete deslocaram-se imediatamente para o local da tragédia, a fim de dirigirem as operações de salvamento. — (A. N. I.).

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços, Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
excepto ás 2.as-feiras
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

Tágide
Um grande espectáculo de music-hall
Palm Beach
Maiores de 17 anos

Restaurante francês
GALEOTA
Avisa os seus estimados Clientes que se encontra aberto aos domingos.
28—Av. Sidónio Pais—LISBOA
Telefone 51281

SÓ PARA OUVIR
MARIA CÂNDIDO
VALE A PENA
R AO CASINO ESTORIL



Recentes estudos demonstraram que as radiações de ondas extra-curtas podem ser devolvidas pela Lua quase sem deformação. Desta forma o nosso satélite poderá um dia ser usado como gigantesco espelho para a retransmissão de mensagens radiotelefónicas

A LUA PODERÁ TER ESTAÇÕES DE RADIO?

por I. M. LEVITT, director do Planetário Fels, de Filadélfia

Quando Heinrich Hertz descobriu as ondas de rádio, em 1888, viu que podiam ser reflectidas mediante o uso de espelhos. Nunca, porém, sonhou que um dia se viria a utilizar um «espelho» de mais de duas mil milhas de diametro para fazer reflectir as ondas de rádio em torno da curvatura da Terra.

Pois agora outro passo se deu: do Instituto de Investigação de Engenharia da Universidade de Michigan vem a promessa de que dentro de um ou dois anos a Lua poderá ser usada como reflector para mensagens radiotelefónicas de onda curta.

Reflectir as ondas do radar na superfície da Lua é coisa corriqueira há já uma dezena de anos. Agora o professor Keeve M. Siegel e o seu colega Thomas B. A. Senior demonstraram que as ondas de rádio de cerca de uma polegada podem ser reflectidas quase sem perda das suas qualidades.

As ondas de radar normais são tão grandes que requerem áreas consideráveis da Lua para serem reflectidas. Além disso as desigualdades da superfície lunar dispersam as ondas em várias direcções. Ao contrário, porém, as ondas pequenas precisam de superfícies reflectoras de apenas poucos pés quadrados — o que na Lua se encontra com toda a facilidade.

Muitos dos pormenores destas novas investigações permanecerão secretos por algum tempo, pois estão a fazer-se de acordo com um contrato firmado com as forças aéreas norte-americanas. No entanto, já se tornaram publicas muitas informações de natureza estritamente astronómica. Confirmou-se, por exemplo, que a Lua está coberta de pó ou areia.

UMA ESTRANHA EROSÃO

Há muito que os astrónomos sabem que a atmosfera lunar — se existe — tem uma densidade não superior a uma décima milésima da da Terra.

Não pode, portanto, haver aí erosão, no sentido vulgar, pois não há vento nem água. Contudo a superfície da Lua é, apesar disso, extremamente desigual, donde se conclui que tem de haver ali qualquer espécie de erosão não visível da Terra.

Carecendo de atmosfera, a Lua tem uma grande variedade de temperaturas: no seu equador elas sobem a 220 graus Fahrenheit ao meio dia. Depois baixa lentamente, conforme a rotação do satélite faz com que o Sol fique mais próximo do horizonte. Ao ocultar-se o Sol, a temperatura desce até 240 graus Fahrenheit abaixo de zero.

Este subito resfriamento e, ao nascer do Sol, o aquecimento também repentino, produz a chamada «esfoliação», quer dizer que as rochas se dividem em laminas que esta-

(Continua na 7.ª página)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 44

E' PERIGOSO RESPIRAR

...a! ...os deixar... de

Conselhos aos fumadores.

A relação tabaco-cancro pulmonar já não é hoje contestada por ninguém. O ultimo trabalho nesse sentido apresentado ao Congresso de Londres, pelo dr. Dorn, põe em evidência que existem *dez vezes mais cancros do pulmão entre os fumadores* do que entre os não-fumadores.

Mas... para que a privação do tabaco fosse eficaz seria necessário também que cessássemos... de respirar, pelo menos nas grandes cidades. Estudos rigorosos demonstraram que a poluição atmosférica representa um papel tão importante como o fumo do tabaco no aumento de certas doenças pulmonares.

Verificou-se a existência de produtos de combustão de composição química idêntica no fumo do tabaco e na atmosfera das grandes cidade. «*A actividade nefasta de um certo numero deles está provada*», escrevem, num numero especial do «British Medical Bulletin» «sir» Ernest Kennedy e A. S. Sinsey, duas sumidades britanicas no plano clinico e no da química experimental.

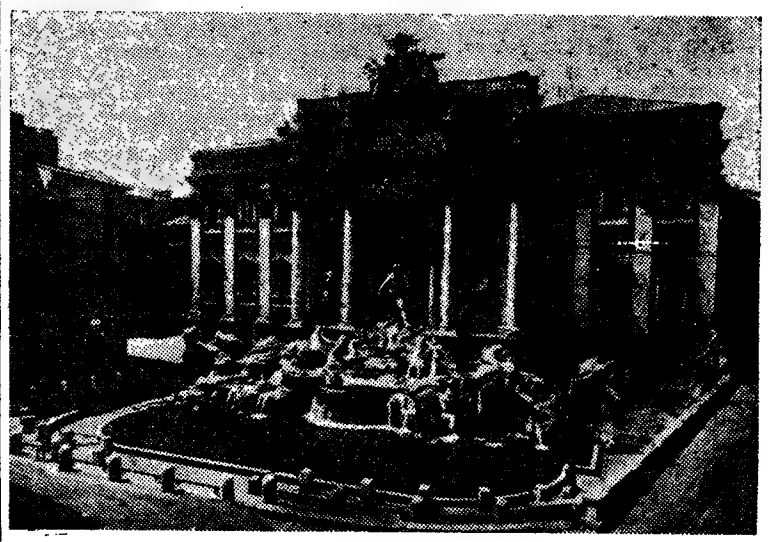
E' interessante notar que na Inglaterra, onde o problema da poluição da atmosfera é particularmente grave, devido á industrialização do país e ao clima e onde se consome tabaco duas vezes mais do que nos outros países europeus, na Inglaterra, diziamos nós, a mortalidade provocada pelo cancro do pulmão é duas vezes superior á dos Estados Unidos e três vezes superior á da França.

Qual o valor relativo a atribuir aos dois factores: poluição do ar e fumo do tabaco no aumento do temivel flagelo verificado nos ultimos trinta anos?

No decorrer dos trabalhos realizados em Berlim (de 11 a 16 de Março) o professor Huper procurou demonstrar que a poluição do ar ocupa o primeiro lugar, minimizando a responsabilidade do tabaco. Mas os relatórios de outros congressistas foram tão concludentes e tão esmagadores a desfavor da «erva de Nicot» que a partir do segundo dia os participantes do congresso só fumavam... ás escondidas.

De facto, o famoso dibenzo pirene está presente quer no fumo do tabaco, quer no ar envenenado das

(Continua na 7.ª página)



Recordação de Roma

As marcas fundas da guerra — a janela do Duce — uma fotografia — a propaganda eleitoral — sobrevoando o Sara

POR
MANUEL FERREIRA

É triste a recordação que guardo de Roma.

Da cidade me ficou uma sensação de esgotamento.

E, no entanto, estou absolutamente seguro disso: nada mais falso. Roma de modo algum poderá corresponder á impressão que dela me ficou. Gente modestamente vestida, um transito de autocarros sujos (mais sujos só os de Bombaim) e, ao lado das motoretas, as buliço-

...s motoretas, e dos automóveis gastos, viam-se os carros puxados a cavalos a darem uma nota arcaica nos centros modernos da cidade. A' noite, dobrando as esquinas, tão pobremente vestidas que denunciavam um rosário de misérias, mulheres passavam com destino sombrio.

Apenas isto? Certamente, não!

Havia grandeza, claro. Havia. Na arquitectura, nos tons castanhos, pesados, nos fontanários, na feérica deslumbração nocturna das ruas geométricamente traçadas. Havia grandeza e beleza naquilo onde a erosão social não tinha podido meter a mão, e o tempo emprestava a patina soberana dos anos.

Mas nas pensões, nos «cafés», no ar dos romanos sentia-se que a vida ainda não sorria. A guerra tinha acabado, é verdade; porém, as marcas indeléveis, fundas, profundas, por ali andavam na aparência tristonha de uma população á busca de um caminho. Os lutos eram demasiados e a tragédia tinha alcançado

(Continua na 7.ª página)

CRONICA DA RUA HUMILDE

POR
MÁRIO CASTRIM

O JARDIM DA SENHORA BEATRIZ

As flores não gostam da Rua Humilde. Chego a compreendê-las — e a perdoar-lhes. E' toda ela tão pobre, tão abandonada, tão esquecida que não há flor nenhuma capaz de suportar tanta frieza.

Quando para aqui vim morar foi a maior surpresa, essa. As casas escuras, baixas e velhas, cheias de cicatrizes e remendos como se tivesse há pouco sofrido um bombardeamento. Falta de tinta nas paredes, os tectos abaulados, as janelas de vidros substituidos por folhas de jornal. O aspecto habitual dos bairros, onde, faltando o pão, que mais espanta que outras coisas fal-

tem! Já esperava essa paisagem que na verdade encontrei. Mas as sardinheiras iluminando aqui e ali uma varanda, a flor raquitica embora, dando, de passo a passo, uns vislumbres de clàridade futura — essas companhias habituais dos bairros caídos mais fundo, nada encontrei aqui. A explicação que me deram foi que o «povo destes sitios tem muitas preocupações» e além disso há quem já tenha experimentado pôr aí uns vasos mas as flores não pegam. Talvez o fumo do combio as mate...

Reparei que, na encosta que desaba sobre a linha férrea, não existe uma unica flor digna desse nome. Cobre-a uma vegetação cinzenta e desgraciosa, rente ao chão, que vai lutando pela vida conforme pode.

A terra é que é má — pondera a Ernestina — A meia duzia de vasos que lá tenho se quis que vingassem tive de mandar vir a terra de fora.

As crianças daqui dão-me muitas apreensões. Tudo lhes falta — até a paisagem repousante das flores, sem a qual me parece dificil que as arestas da alma desapareçam...

Vou pensando nisto enquanto atravesso a rua, de um extremo ao outro, resolvido a embrenhar-me na encosta ao fundo de onde me diz o

(Continua na página seguinte)

Autógrafo da semana
SALVADOR DALI!

GANHE 100$00
com um sorriso nos lábios

Esta semana: antologia universal do vinho. Chaufage, pão, desporto, remédio — é tudo. Prova-se também que o vinho se pode fardar de bombeiro. No fim de tudo: daqui não saio, daqui ninguém me tira. E depois, ROLHA.

O vencedor desta semana pertence á linhagem dos grandes descobridores portugueses dos séculos XV e XVI. Pelos apelidos não se dá por isso; mas vê-se pelos resultados que está ali um descobridor. E' o sr. António **Meneses de Sá Pessoa** *(R. Actor Vale, 45, r/c, dto., Lisboa) que fez, portanto, a seguinte grande descoberta.*

O VINHO é o «chanfage» dos pobres.

Compreende-se a importancia deste invento num país vinícola e de pobres como é o nosso. Agora só resta arranjar-lhe uma boa canalização.

O sr. João Ventura, de Coimbra, trocou o aquecimento pelo, pãozinho da boca e diz que

VINHO é o pão dos pobres.

Temos assim que os pobres já têm aquecimento e pão garantidos; agora só lhes falta roupa lavada e a pensão quase fica completa.

O sr. Artur da Silva Martins (Beja) ofereceu aos mesmos pobres ainda outra perspectiva vinícola. Em seu parecer

VINHO é a cocaina dos «tesos».

Torna os tesos murchos, não é assim? Mas isso será remédio? Há, de facto, quem considere o vinho um remédio. Tal é o caso do sr. Fernando Simões da Silva (Lisboa):

VINHO — afirma aquele senhor — **é um antibiótico que não precisa de receita médica.**

O sr. Eduardo Cardoso Dias (Porto) até indica as doenças em que deve aplicar-se:

VINHO é a alegria dos pobres e o verdadeiro antibiótico para eliminar as mágoas da vida.

Outras aplicações, segundo a sr.ª D. Marília de Sousa (Porto):

O VINHO é uma panaceia que tem, entre muitas outras, duas propriedades diametralmente opostas; no Verão refresca; no Inverno aquece.

A sr.ª D. Carlota Lobato Pimentão (de Evora) prefere chamar-lhe anestésico:

O VINHO — diz, com efeito — **é um anestésico a que muitos padecentes recorrem.**

O sr. Domingos Peixoto (Sampaio), de Lisboa, manda-nos um atestado médico em que afirma que o vinho lhe faz reumático.

Havendo tantas opiniões sobre as qualidades terapêuticas do vinho, interessava talvez saber a sua composição. Devemos esse trabalho ao sr. José Maria (?) de Moscavide:

VINHO — apurou este leitor — **é uma zurrapa feita com água do Cartaxo e uvas do Poço do Bispo.**

Vem a propósito esclarecer, conforme nos informa o sr. António Manuel da Silva Pinto (Setubal), o seguinte:

VINHO: em alguns estabelecimentos é o melhor corante da água.

E' pois a vergonha da água, visto que a faz corar.

O sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra) ofereceu aos cineastas nacionais este importante invento técnico:

O VINHO é a água em tecnicolor.

Felizmente já podemos portuguêsmente concorrer com o Agfacolor, o Eastmancolor e outros. Mas não é tudo: o sr. Alvaro Manuel Machado (Porto) descobriu uma aplicação do vinho na pintura de «interiores». Diz:

VINHO — tinta com que mais se pintam as paredes do estômago.

E', pois, uma tinta á prova de água e de ácidos.

O sr. José Alberto Fernandes Martins (Figueira da Foz) deu também um grande contributo para a vinicologia:

VINHO é o bombeiro da sardinha assada.

Como a sardinha é hoje o prato aristocrático nos salões fadistas, o sr. Luciano Vitorino dos Santos (Lisboa), acrescentou a seguinte observação:

VINHO — instrumento de sorvo para acompanhamento do fado.

Hem? Mais um instrumento, e este bem português, com certeza (oh, diabo, não rima!). Garante-nos o sr. O. M. (Lisboa) que o

VINHO — é o unico factor que leva os Portugueses a cantar.

De instrumento passou a batuta... Como se vê reina a confusão vinícola. O sr. António Duarte (Lisboa) ainda atrapalha mais a situação quando considera que o

VINHO é o sol dos que vivem á sombra.

Vá-se lá dizer porquê... Ainda se compreende o que defende o sr. E. Läss (Coimbra):

VINHO é um liquido que, ingerido, foge á mais rudimentar lei da física: trepa em vez de descer.

Trepa o vinho; não os homens: os Portugueses, como se verifica nas voltas ciclistas do estrangeiro, são fracos trepadores. O que gostam é muito de «deitar a mangueira». E a propósito de desporto: o sr. Boaventura Mendes dos Santos (Lisboa) é de opinião que

O VINHO é um produto que dá de comer a 6 milhões de Portugueses, não contando com os produtores que quase o fabricam por desporto.

E' talvez por isso que o sr. Manuel S. Neves (Lisboa) lhe dá a seguinte aplicação na caça:

VINHO é um liquido alcoólico com o qual se criam borrachos e se apanham tiorgas, jorcas, cegonhas, narças, pifões, turcas e pielas.

Uma razia! Depois disso ainda ficará alguma coisa? O sr. João de Sousa assevera-nos que sim:

VINHO é o filão e medalha de honra do nosso solo, seudo de ouro para Ingleses, prata para Galegos e cobre para os Portugueses (exceptuando o Val do Rio).

Agora já se compreende o que nos conta o sr. César Augusto (Setubal):

VINHO — bebida agradável quando tomada com «conta». Em excesso provoca tudo: alegria, tristeza, valentia, cobardia, andar de gatas, aos ziguezagues... Até faz cantar: Daqui não saio, daqui ninguém me tira!

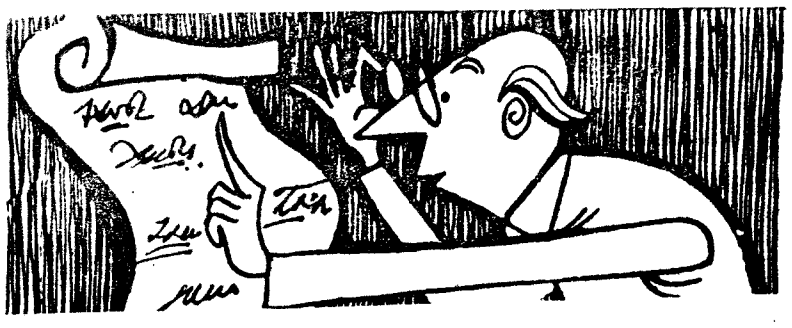
Eu conheço quem canta a mesma letra e só bebe água.

O sr. José Alberto Fernandes Martins (Figueira da Foz) propõe-nos, a propósito de vinho, a seguinte palavra para concurso

ROLHA

Está aceite! As respostas devem chegar ao Magagazine (R. Luz Soriano, 44 a 48) até ao dia 16 de Maio. E agora toca a «desenrolhar» boas definições.

O CAÇADOR DE AUTÓGRAFOS



O Caçador de Autógrafos estava em Paris e soube que naquela mesma sala se encontrava o famigerado pintor Salvador Dali. **Tanto bastou para que imediatamente se aproximasse do grupo que se apinhava como um enxame de moscas á roda da conversa do artista. Quando o Caçador de Autógrafos chegou ao alcance da voz de** Dali *ouviu-o repetir que sim, que era verdade o que tinha publicado no semanário francês «Arts»:*

«Antes de eu nascer meus pais tinham perdido um filho de grande inteligência e beleza. Quando nasci deram-me o seu nome, Salvador, e criaram-me no seu culto. Toda a minha infancia foi obcecada pela lembrança deste irmão morto agarrado ao meu corpo e á minha alma. Estive a pontos de morrer como meu irmão e á custa de lucidez consegui isolar a personalidade do morto da minha. Foi graças a esta luta que me tornei genial, porque tenho incessantemente de afirmar a minha vontade de viver contra a vontade dum morto».

Por momentos o Caçador de Autógrafos deixou de o ouvir, mas reconstituiu a conversa lendo aquele semanário. Afirmava ele, a propósito de bigodes «á Dali»:

«O que chamam a minha excentricidade, os meus bigodes, os meus gracejos, a minha linguagem, as minhas invenções, os meus hábitos não passam de processos de desintoxicação, de desafios que lanço ao Mundo e a mim mesmo...»

Quando finalmente conseguiu falar ao pintor, pediu-lhe e autógrafo e disparou a pergunta fatal:

— Qual o maior desgosto da sua vida?

— O chamar-me Dali — foi a resposta, sem qualquer hesitação —. De início considerava-o também um desafio ao Mundo. Obrigava toda a gente a saber de que lado era eu.

AUTOGRAFO N.º 2 Exclusivo Magazine

E eu respondia: «Dali». E eles, cheios de angustia: «Mas dali, donde?». Com o tempo todos ficaram sabendo donde eu era e nessa altura é que eu comecei a sentir a limitação do meu nome.

— Limitação?

— Sim! Porque «Dali» e não «De todo o lado»? Ainda me lembrei de me crismar com o nome de Salvador de Todo o Mundo, mas disseram-me que já havia um.

— Os monarcas portugueses chamavam-se «D'Aquem e D'Além Mar». Porque não lhes herda o nome?

— Curioso! Curioso! Ah! mas tem um grave defeito...

— Defeito?

— Sim, não fui eu que inventei o título: e isso seria um atentado á minha originalidade.

disco da semana

BIBI FERREIRA
COMO BATE UM CORAÇÃO
Orquestra dirigida por João Nobre
MULHER RENDEIRA
Jorge Machado e seu conjunto
PARLOPHONE LMEP 1010

Bibi Ferreira, ela própria uma actriz e encenadora cheia de talento, é filha de Procópio Ferreira, o célebre actor brasileiro que o nosso publico tanto estima. Não é, portanto, para admirar que Bibi Ferreira tenha, antes de mais nada, aqueles dons de comunicação com o publico e de autoridade que revelam imediatamente o artista nato.

«Como bate um coração», uma combinação feliz da canção com o poema declamado, é uma espécie de espirituosa biografia de um certo coração, culminando devidamente na felicidade doméstica. A interpretação de Bibi Ferreira valeu-lhe entusiásticos aplausos durante as representações da revista.

No outro numero, Bibi Ferreira revela a sua versatilidade, aproveitando a famosa canção «Mulher Rendeira» para nos dar uma amável caricatura dos estilos francês, americano, italiano e português de musica popular.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

Estados Unidos

Poplarville, nas margens do Mississipi. Um grupo constituido por cerca de 20 homens mascarados entra na cadeia local, arrebata um preso, Mack Parker. Um negro... Acusado de manter relações com uma mulher branca.

«Ouvindo que o chamavam no corredor — conta um seu companheiro de cela — Parker escondeu-se no lavabo. Quando os assaltantes entraram, arremessou-lhes uma bacia de água á cabeça. Não evitou que se precipitassem sobre ele e começassem a castigá-lo a golpes de matraca. Em pouco tempo, ficou com a cara feita num bolo. Arrastaram-no pelos pés e levaram-no. A cabeça batia nos degraus da escada. Uivava. Vimos, pela janela, que o metiam num automóvel. Parker continuava a gritar e a debater-se».

O «sherife» e a polícia supõem que são diminuta as probalidades de encontrar rápidamente o corpo da vitima.

Desde 1882, 4.733 pessoas foram linchadas nos Estados Unidos. Desses, 3.437 eram negros. A região do Mississipi vem á cabeça com 574 linchamentos. Triste recorde...

CRONICA DA RUA HUMILDE

(Continuação da página anterior)

Marcos que existe uma colónia de gente ao pé da qual nós passamos por ricaços. Detendo-me apenas alguns segundos diante de uma casa baixa, de telhas muito salientes e irregulares, o degrau para a porta é um bloco de pedra, semelhante aos que seguram os postes de sinalização.

Ali mora a mãe da Rosa Peixeira, a senhora Beatriz que vive com o neto, um rapazinho esperto, agora no primeiro ano da Marquês. Porque desta vez em roda onde ela estava me referi á ausência das flores da Rua Humilde, a senhora Beatriz, sepre que me encontra, diz-me com a voz calma que nunca chegou a ganhar sotaque lisboeta:

—Um dia há-de ir ver o meu jardim! Se gosta assim tanto de flores, um dia há-de ir vê-lo.

—Sim, senhora Beatriz. Quando eu puder....

—Havia de gostar.

Talvez agora viesse a propósito. O jardim da senhora Beatriz!... Começo a idealizá-lo. Alguns metros quadrados cobertos de terra buscada longe, aos dedais, os canteiros amorosamente cuidados, o alegrete em volta, como se usa na minha terra...

Estive vai não vai para bater-lhe á porta. Mas desisti. Levava destino. Tinha interesse em tomar nota da tal vizinhança que mora no fundo do poço. Toca para diante...

Eis senão, quando a senhora Beatriz assoma ao postiguinho que dá para a rua. Chama-me. «Então por estes sítios?»

—Até lá abaixo...

—Não se aventure muito, veja lá. A terra é muito solta, já dei lá uma queda que me ia matando. E depois como vai você subir?

—Dou a volta...

—Caminho leva o ladrão para a forca! Não faça. Vem aí uma carga de água que nem queira saber!

Farejo o céu. Num instante cerrou-se. A senhora Beatriz tem razão. Dou-lhe dois dedos de conversa futil e resolvo-me pela retirada.

—Entre um bocadinho... — diz ela — E' casa pobrezinha, mas eu sei que o senhor não se importa. E' verdade! e pode ver agora o meu jardim!

Guia-me, através do corredor de soalho a dar de si, em direcção á cozinha. Lá, ao canto onde avisto o tanque de lavar a roupa, afasta uma cortina de pano esgarçado. No chão, no espaço da cozinha que se prolonga até ao postigo recolhido, uma duzia de vasos, replecta de plantas viçosas.

—Se soubesse o que eu passo por causa disto! — confessa-me a senhora Beatriz. — Nos dias de Sol, lá ando eu a pô-los vez á vez na janela, um bocadinho para cada um... Diga! Não são bonitos?

Senhora Beatriz! Nem queira saber como é bonito o seu jardim. Nem o jardim da D. Amélia, nem os de Babilónia, nenhum é tão jardim como o seu.

MARIO CASTRIM

Veja o que sabe esta semana • veja o que

Em «A»...

O leitor ouve dizer muitas vezes que a língua portuguesa é riquíssima, mas nem dará por isso. Ora veja se sabe o que significam as seguintes palavras. Escolha entre as alíneas o sinónimo correcto.

1 — AFALCOAR: a) dar a forma de falcão; b) fornecer um falcão; c) cansar; d) espetar alguma coisa.

2 — AFORÇURAR: a) temperar com muita gordura; b) apressar desordenadamente; c) alimentar com carne.

3 — AFUMEGAR: a) pôr ao fumeiro; b) habitar uma casa; c) irritar-se.

4 — AFUZILADO: a) que brilha como as faíscas do fuzil; b) morto por espingarda; c) com forma de fuso.

■

IMORTAIS QUE NÃO VIVERAM

Os grandes romancistas conseguiram comunicar a sua imortalidade aos seus heróis. Temos assim que há imortais que só viveram... na cabeça dos seus criadores e do publico... Veja o leitor se consegue descobrir os autores dos seguintes «imortais» e em que obra «viveram»:

1 — Conselheiro Acácio. 2 — Pedro Bezuko. 3 — D'Artagnan. 4 — Fausto. 5 — Fabrício Del Dongo. 6 — Iago. 7 — Quichote. 8 — Tubiabá.

■

QUE FAZEM?

Todas as pessoas que a seguir vamos citar têm uma profissão. Veja qual lhe parece a verdadeira:

1) ALVES REDOL: a) fazendeiro; b) funcionário; c) escritor; d) dentista.

2) COPPI: a) modelo de alta costura; b) ama seca; c) ciclista; d) futebolista.

3) MILENE DEMANGEOT: a) vendedeira de castanhas; b) química; c) aviadora; d) astro de cinema.

4) FERNANDO DA FONSECA: a) arquitecto; b) advogado; c) mestre de medicina; d) campeão de automobilismo.

■

A ARTISTA DE TEATRO

Um dia uma célebre artista de teatro saiu á rua com um chapelinho de palha então muito em moda. Um seu admirador, que engolira um disco rachado, mal a viu colou-se-lhe á ilharga e de minuto a minuto pingava o mesmo galanteio.

— Que lindo chapéu...

— ...

— Ai mas que lindo chapéu...

Farta de o ouvir, a artista volta-se para o sujeito e pergunta-lhe á queima-roupa:

— Gosta?

E o sujeito, todo baboso:

— Imenso! Imenso!

— Não admira — concluiu a actriz — é de palha.

Quem disse isto: a) Brigite Bardot; b) Beatriz Costa; c) Teresa Gomes; d) Marilin Monroe?

■

A COR DAS CALÇAS

Um escritor muito produtivo, que nem tinha tempo de reler o que escrevia deixou semeados pela sua enorme obra disparates de grande comicidade. Uma vez, descrevendo uma personagem, disse que «ela tinha um casaco curto e umas calças da mesma cor».

Saberá dizer quem foi: a) Madame Delly; b) Pouson du Terrail; c) Camilo Castelo Branco; d) Balzac.

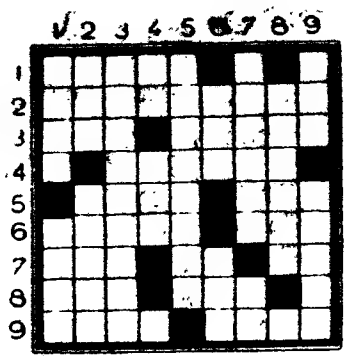
DONDE ERAM OU SÃO?

Sabe dizer a pátria das seguintes pessoas:

António de M. e Silva	**— português**
Paul Muni	**— irlandês**
Bernard Shaw	**— inglês**
Charlie Chaplin	**— francês**
Rossana Podestá	**— portuguesa**
Hitler	**— alemão**
Alberto Einstein	**— austríaco**
Guilhermina Suggia	**— italiana**
Virgílio Teixeira	**— brasileiro**
René Coty	**— polaco**

■

Palavras cruzadas



HORIZONTAIS: 1 — Urso narigudo; consoante; vogal. 2 — Libertar. 3 — Volitar; arrenda. 4 — Vogal; carvões acesos. 5 — Parteira (inv.); ofereceu. 6 — Dissolve; época. 7 — Amigo (francês); campeão; outra coisa. 8 — Fala; víscera par; vogal. 9 — Possuir; asas; jorra.

VERTICAIS: 1 — Trabalhar com a enxada; ofertava. 2 — Gemido; dialecta monossilábico do grupo tibeto-birmane, subgrupo caqui-chiné. 3 — Humanizar. 4 — Porco; apelido; consoante. 5 — Difundir. 6 — Quadrupede destinado ao matadouro; resposta afirmativa. 7 — Urbe; malvada. 8 — Ardera; consoante. 9 — Altar; quimbondo.

PAPEL
ALCATROADO
É
JUTA IMPERMEABILIZADA PARA SACARIA
FARINHA DE PEIXE — ROLHAS — DISCOS
PÓ DE CORTIÇA, etc.
JUTALPA
Estrada de Odivelas, 3 — Telef. 910198

A vida é o dia de hoje

INGLATERRA

Aldermaston é uma instalação atómica situada a pouco mais de 100 quilómetros de Londres. Três mil dos seus funcionários responderam a um apelo lançado pelo «Comité de Desarmamento Nuclear». Encaminharam-se, em manifestação, para a capital inglesa. Quando lá chegaram não eram três mil — mas quinze mil. A velha história da bola de neve...

Marcharam durante quatro dias, passando as noites nas escolas e nos paços do concelho. Entre os manifestantes que fizeram todo o trajecto a pé, figuravam sete pessoas com idade superior a 70 anos, perto de 100 crianças com menos de 15 anos. Muitos entre eles tinham vindo da França, Alemanha, América e Itália.

Os chefes da manifestação eram Canon John Collins, capelão da catedral de S. Paulo; Michael Foot, director do hebdomadário «Tribune» e a arqueóloga Jacquetta Hawkes, mulher do romancista J. B. Priestley.

Quando chegaram a Trafalgar Square, a senhora Hawkes foi deixar em Downing Street, 10, residência de sir Mac Millan, uma carta de seu marido em que este declarava: «*A Inglaterra não poderia ser eficazmente defendida pelas armas atómicas*».

Esta conclusão é também a de muitos peritos que sublinham a débil protecção que as armas nucleares garantem, neste momento, á Grã-Bretanha. Apesar dos esforços para acelerar a produção das bombas, dez bombas H sómente foram entregues, até ao presente, á R. A. F. Com os aparelhos de que esta dispõe actualmente, isso significa que uma unica bomba estaria em condições de atingir o território inimigo.

Quanto aos foguetões «Thor» prometidos pelos americanos, **vinte sómente foram entregues até a este momento, e nenhum ainda é «operacional». Trata-se do «Thor» da «primeira geração». O ultimo Livro Branco da Defesa Britanica admite que os foguetões «Thor» poderão servir quanto muito... para treino.**

Sabendo-se que a Inglaterra é uma ilha de pequenas dimensões, extremamente vulnerável aos ataques nucleares, compreenderemos melhor a «marcha dos quinze mil», que desejam — e quem não o deseja, afinal? — o desarmamento nuclear.

Era isto mesmo que ela queria para a filha...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

BUSCH

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rápidamente todos os trabalhos de «tricot»

BUSCH

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

com TV VOLL Automatic

SABA

* automático para luminosidade e contraste
* comando à distância
* grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

MÁRIO HENRIQUE

Uma indústria decadente

A LOUÇA DE ALCOBAÇA

O fabrico da tão típica e regional louça de Alcobaça, remonta ao século XVIII, provindo de perto daquela vila, da povoação do Juncal.

Foi seu fundador o ceramista José Rodrigues da Silva e Sousa, que no ano de 1770 ali instalou uma industria para o fabrico de peças variadas e azulejos deixando-nos, entre outros trabalhos, os azulejos que revestem a igreja matriz do Juncal.

Depressa a fábrica do Juncal se impôs, mas a sua existência não foi longa; nos fins do século XVIII estava em franco progresso, larga produção, forjando inumeros artistas; seguiu-se-lhe todavia uma rápida decadência e deixou de existir em meados do século XIX.

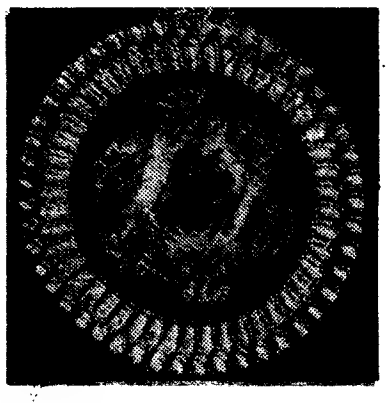
Ficaram porém, belas peças que hoje se encontram em poder dos coleccionadores no Mosteiro de Alcobaça e no Museu de Estremoz, as quais revelam grande influência da Fábrica do Rato, de onde se supõe terem saído alguns operários que foram trabalhar para o Juncal.

São os exemplares da fábrica juncalense de tipo particular, ricos em ornamentação. As pinturas em que dominam o azul e a cor de vinho, apresentando ainda, embora raramente, o amarelo ou verde, motivaram admiráveis pratos e travessas.

Como já dissemos, aquela fábrica também produziu azulejos, de pintura azul, sendo motivo predilecto dos azuléjadores as cenas relacionadas com a religião.

Depois de encerrada a Fábrica do Juncal, os operários e artistas vieram para Alcobaça onde iniciaram uma industria que se compunha de pequenas e rudimentares oficinas onde começou ou melhor continuou o fabrico das faianças do Juncal e inspirada nos célebres *aranhões*, pintadas em *azul delft*. Estas peças de ceramica há cerca de 30 anos que se vinham impondo como *louça de Alcobaça*.

O fabrico destas faianças regionais reveste-se de aspectos muito curiosos, tais como a utilização da



Um exemplar de louça de Alcobaça

arcaica e característica roda do oleiro, que se usa na confecção de peças de contornos redondos. Aparelho muito rudimentar, é composto por duas rodas unidas entre si por um eixo vertical; o oleiro imprime com o pé o movimento circulatório na roda inferior ao mesmo tempo que com as mãos dá forma á pasta colocada na roda superior.

A matéria-prima de que se compõe esta pasta, é um barro próprio existente quase em exclusivo na região de Alcobaça é utilizado práticamente conforme se extrai da terra.

Quando se não trata de peças redondas, a *bourbotine* (pasta liquefeita químicamente) é vasada dentro de moldes em gesso dos quais toma a forma algum tempo depois, sendo curioso verificar a espessura rigorosamente igual da *bourbotine*, qualquer que seja o sítio em que adere ao molde. No sistema *lastra*, a placa de barro toma a forma do molde mediante pressão que as mãos do artista lhe imprimem.

Libertas do molde, são as peças de barro *inchatadas*, termo que designa a cozedura e ficam em *biscoito* (pasta já cozida). E' uma operação delicada, pois a cozedura só se faz depois das peças terem sido metidas em caixas de barro refractário e fechadas com uma *liga*, porque não podem sofrer a acção directa da chama. Os fornos são aquecidos com caruma proveniente dos vastos pinheirais da próxima região de Leiria; este processo, unico no País, (salvo nos fornos do pão) é talvez também unico no Mundo.

Segue-se então a vidragem, durante a qual as peças são mergulhadas em preparados semelhantes aos do vidro comum, feitos á base de silicatos alcalinos, plumbicos e cálcicos o que não só lhes dá aspecto mais agradável como torna os barros de constituição porosa, impermeáveis.

Começa a girar a velha roda do oleiro...

Artistas de pintura têm depois à importante tarefa decorativa feita com tintas que aplicam sobre o vidro cru; algumas vezes dão largas á sua imaginação artística, outras pintam os motivos característicos daquela louça.

Finalmente uma ultima cozedura põe termo ás várias fases de fabrico.

Ora esta curiosa industria atravessa uma grave crise da qual difícilmente se libertará sem auxílio. No decorrer da recente guerra mundial a ceramica de Alcobaça, vivia em desafogo comercial, aparecendo então operários especializados que se firmaram e, por paradoxal que nos pareça, começou-se a acentuar cada vez mais a desapareceu o interesse do publico e o mercado nacional cansou... e como sempre acontece em circunstancias semelhantes, surgiu a guerra comercial entre fábricas e uma franca decadência envolve presentemente uma das mais típicas industrias regionais de Portugal.

Algumas fábricas já encerraram, talvez para sempre, as suas portas; as duas principais enveredaram pela produção de faianças de tipo condicionado em que se estão destacando, embora este tipo não tenha qualquer semelhança com as tradicionais ceramicas, pois são as formas, desenhos e pintura variadissimas, inspiradas muitas vezes em tipos de importação estrangeira de cuja concorrência a industria nacional se vê obrigada a defender.

As louças exigem pintores de mão rápida

produção de peças sem valor artistico ou decorativo, destinadas a um publico que procura «recuerdos», ou aos escaparates das barracas de feira.

A qualidade não melhorou; ao artista que noutros tempos decorava seis pratos diáriamente exigiu-se-lhe uma produção triplicada,

Textos e fotos de Theodoro Silva

UM VIAJANTE NO TEMP

POR

AUGUSTO DA COSTA DIAS

E' bom nunca perder de ideia que, apesar de possuirem um bom par de olhos como nós, e nariz e boca e tudo o mais que convém á espécie humana, os nossos antepassados pertenciam a um género bem diferente do nosso. Não digo raça — pois o físico, repito, é fraternalmente igual: se pegássemos num galante do século XVIII (do tempo do marquês) e o traduzíssemos nas modas de vestir, de calçar, de pentear nossas contemporaneas, e o puséssemos a circular por entre nós — podeis estar certos de que ninguém fugiria dele como se fosse o Lázaro; nem o distinguiríamos dos paisanos de hoje.

A diferença, porém, começaria quando abrisse a boca para falar. Por causa da entoação ou da pronuncia? Ainda não é por isso: se aí notássemos qualquer diferença, quando muito ficaríamos uns segundos a vasculhar as nossas reminiscências em matéria de falajar provinciano — donde diabo vem este sujeito: do Alentejo? do Algarve? de Trás-os-Montes? — e nem por sombras suspeitaríamos estar na presença dum cidadão envelhecido há um par de séculos em bons caixões de carvalho. Quer dizer: não descobriríamos se ele apenas dissesse palavras avulsas e não frases direitas; posto porém a falar correntemente, a espremer opiniões e ideias — então não mais teríamos duvidas: ou o homem era tolinho varrido ou não pertencia ao nosso tempo. Uns dedos de conversa nos convenceriam pela segunda hipótese: o mundo das suas ideias era estranhamente diferente do nosso, muito distante no tempo. Ele falava, por exemplo, duma viagem Lisboa-Porto com a mesma disposição de espírito com que nós enfrentaríamos uma travessia do Atlantico por barco (nem se fala, claro! em avião...).

Ao subir para a sege de duas rodas — como ainda se usava em Portugal — o nosso conhecido escritor e «uomo di cultura» José Gorani contou com cinco, seis dias de cruzeiro. A essa velocidade um homem tinha tempo de digerir a paisagem com vagares gulosos; e ainda pararia aqui e ali, nos sítios onde mais apurada se apresentasse a obra da Natureza: coisa que os nossos avós e mesmo pais ainda comumente praticavam quando, ao esbarrarem num panorama mais vasto e variado, mandavam parar a caleche ou o automóvel («já» no tempo do automóvel...) e apeavam-se saudando o que viam com arrebatados transportes vegetarianos:

— Ah! mas que lindo!

José Gorani deve ter sido um dos patriarcas desta mentalidade, na altura em que os carros de cavalos já luxavam em mimos de estofaria que predispunham as nádegas e as costas dum cidadão para as longas viagens.

Atento ao que se passava para lá da janela seguiu, pois, o nosso italiano, contentíssimo á ideia de ver, pelo caminho, Alcobaça, Batalha e Coimbra. A estrada por Vila Franca, sempre com o Tejo á ilharga direita, era escoltada por oliveiras e aloés: jantaram em Alverca e dormiram em Castanheira.

O segundo dia de viagem foi mais atribulado: as mulas não desenvolviam mais que uma légua por hora e as estradas, cheias de buracos, produziam estranhas peneirações. Jantaram na «venda» da Ota: ah! mas que estalagem! Só havia um quarto comum e na cozinha os passantes acotovelavam-se como sardinhas em canastra. Foram depois, dormir (segundo o itinerário mais usado na época) á aldeia de Tagarro, noutra «venda» igualmente miserável.

No dia baça e o retudo ro, e as os jardi Dom Pe

Mais outra gra

LISBOA-PORTO

POSTAL IL

Desvairado, o comboio, dirige-se contra a cidade.

A velocidade dele empolga-me e atemoriza-me. Nasci para ndar devagar, para dar tempo ao tempo. Para prender-me ás coisas e prender as coisas a mim. Para as conhecer...

Não para esta loucura que me impede de pousar em terra firme. Lá fora, a paisagem lembra um filme passando ao contrário. Tudo se esfuma e se anula na mesma sombra rápida. As árvores pegam-se umas nas outras, fazem uma barreira pincelada a cinzento, de contornos mal definidos. Na beira do caminho, as primeiras flores da Primavera fazem um creme espesso. Ganham sua personalidade á medida que nos distanciamos. Mas á velocidade que isto leva a visão pessoal das papoilas o miosotis dura um relampago sem medida.

Seguramente, sou eu que estou fora do tempo. Minha vizinha da frente vai deliciada. Espera-a o noivo. Ah, pudesse ela empurrar ainda mais a locomotiva com as mãozinhas delicadas! A pobrezinha ainda não sabe aproveitar os instantes que moram antes dos acontecimentos. Os peregrinos desejosos de chegar ao castelo não reparam na paisagem antes dele — e quanta vez é o melhor que perdem!

Meu vizinho do lado fala do tempo em que do Porto a Lisboa levava ele, acho que foi, dezaseis horas, que disse. Agora, pouco mais de quatro já dão. Trata de seus negócios e regressa ou no mesmo ou no dia seguinte. Grande coisa o progresso.

Nada a fazer, meu velho. Estás deslocado. A vida caminha mais depressa, a velocidade do transporte deve acompanhar-lhe o ritmo. A tua ideia de que não há tempo tão bem ganho como o tempo que se perde, é tão próprio deste tempo como as saias de balão ou a nau S. Gabriel. Os burgueses da tua roda não precisam do tempo para nada.

Prescindem dele á vontade. Se pudessem carregar no botão e parar os relógios, não hesitariam.

Mas, se é assim, para que precisam eles de tanta velocidade?

Meu tonto! Para alimentarem a ilusão de que dominam a hora! O progresso não lhes recusa essa ilusão; a mãe não recusa a chupeta ao bebé...

A verdade é que desamo a velo-

cidade
te desa
repente
julga t

a cum
lerável.
Sem
conto
migo.
tória d
do um
ga na
no abi
de o d
boio de

TEMPO DE POMBAL • (4)

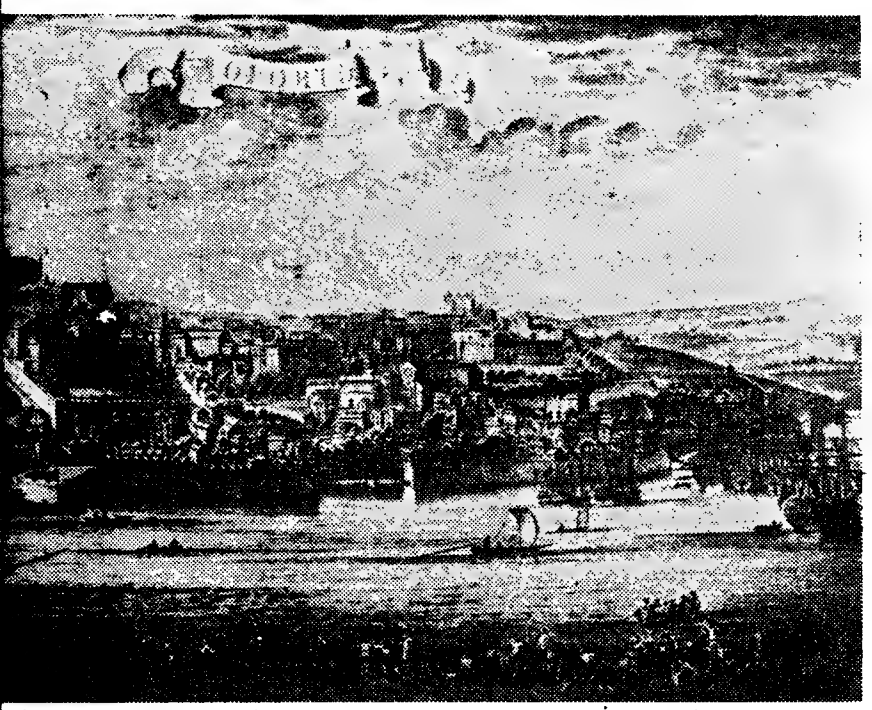
No dia seguinte atingiram Alcobaça e o Gorani impressionou-se sobretudo com as adegas do mosteiro, e as cavalariças, e o pomar mais os jardins e o tumulo do Senhor Dom Pedro, o Cru. Salvo o ultimo caso, tudo era matéria para repouso do corpo enquanto vivo: Gorani era anticlerical e comprazia-se com ironizar a boa vida dos fradinhos de Alcobaça: adegas onde se palmilhavam extensos passeios sob a bênção de opulentos tonéis de vários e excelentes vinhos; vastas cavalariças onde se hospedava para cima de um cento de mulas «cujo serviço era passear os bons padres»; ricos pomares com «pequenos bosques de figueiras, limoeiros, laranjeiras» e muita vinha e oliveira.

Quanto ao Dom Pedro, as suas excelências, residiam, para o Gorani, em que «ousou fazer frente aos Papas, pôr limites ás suas pretensões e manteve em respeito o clero e a nobreza dos seus Estados».

Lembrado tudo isto, havia que não esquecer, depois de duas jornadas de mau passadio, aquele magnífico jantar e as quatro refeições opíparas dos dois dias seguintes: almoço, jantar, merenda e ceia — que em tantos «tempos» funcionava o motor estomacal dos frades de Alcobaça.

Assim lubrificados, no sexto dia, partiram para a Batalha: eram quatro da madrugada quando se fizeram ao caminho, pois naquele tempo as viagens começavam com os primeiros cantares do galo. Como os dois conventos distavam duas léguas, levaram duas horas por uma estrada cómoda, saudada por oliveiras e chaparrais. Eram seis da manhã quando caíram noutro almoço divino e eis o nosso italiano capaz de apreciar, a pé firme, os mimos arquitectónicos da Batalha.

No dia seguinte (o sétimo de viagem), de novo pelas quatro da manhã seguiram para Leiria, onde jantaram em casa dum fidalgo. Gorani verificou que em matéria de comida o clero levava vantagem á nobreza. A dormida, nessa noite, foi em Pombal: daqui partiram depois para o nono dia de viagem, também pelas quatro da madrugada, chegando a Coimbra á roda das dez e meia da manhã, depois de gozarem no termo do caminho, duma bendita estrada por onde tinham passado calceteiros e ainda por cima fresca, pois as oliveiras e os pinheiros aspargiam-na com sedativas sombras.

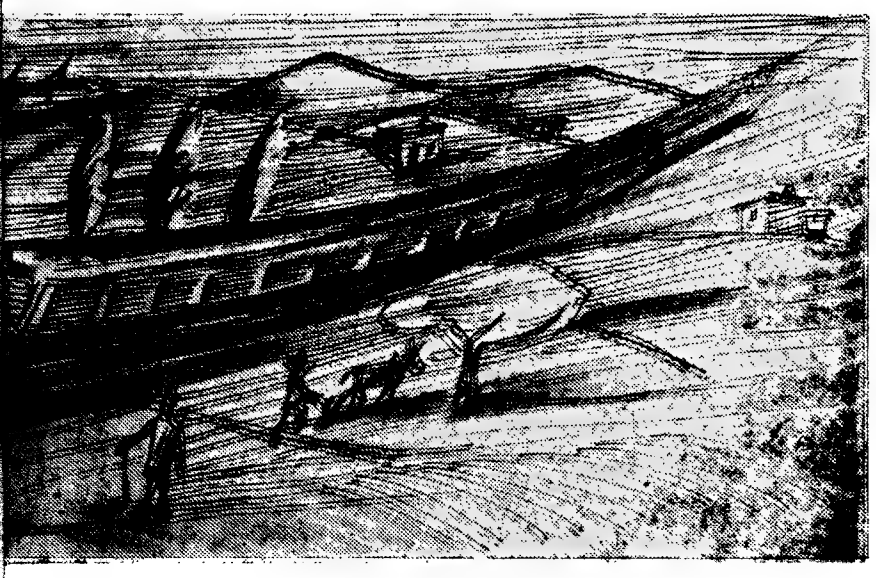


Mais outra gravura seteçentista da cidade do Porto

TO E[illegible] DIAS

ILUSTRAÇÃO

por MANUEL AGRA



Se pu- e parar e preci- le? tarem a hora! O essa ilu- chupeta a velo-

cidade por medo. De repente, a gente desaparece sem dar por isso. De repente, a gente era. E para quem julga ter no saco qualquer missão a cumprir, essa ideia torna-se intolerável.

Sempre que vou de comboio, o conto de Michael Gold vem ter comigo. Sei perfeitamente que a história desfruta o simbolismo. E' todo um grupo de gente que escorrega na casca de laranja e mergulha no abismo, no nada... Mas o facto de o drama se realizar num comboio desvairado (como este em que me embarcaram) obriga-me a passar do simbolismo para a realidade mesquinha. Leva-me a confundir símbolo e coisa na mesma sombra, como esta mancha estranha e idealizada feita de miosótis e papoilas.

Em breve será Lisboa. Em breve será a velocidade maior do que esta do comboio. Em breve será a vertigem.

Vertigem que, como um narcótico, ao mesmo tempo que mate — reconforte.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

O ESTRANHO CASO DO QUARTO DE ESTILO

A dúvida era se seria ali! Os jovens fitaram-se com uma expressão cinquenta por cento perplexa, cinquenta por cento divertida. Ela semicerrou os olhos e coou por entre as espessas pestanas um raio de ironia muito limpida. Ainda não tinham dito nada um ao outro mas estavam certos de que ambos pensavam o mesmo: *uma porta daquelas não deveria lógicamente abrir para o mundo que eles procuravam: era uma porta barroca que a vista ia apalpando com vagares incrédulos em todas as suas erupções de estilo — folhas, anjos com trombetas e faixas em espasmos voluptuosos.* O moço desenterrou do bolso um pedaço de jornal amarfanhado, estendeu-o ao comprido e oferecendo-o á companheira disse:

«O número é este...». E era. — «Então experimentamos!». — convidou ela com um ar decidido em que soava a heroica disposição de levar a vida sem desanimos. Claro que na garganta engrossava-lhe de minuto para minuto aquele nó doloroso, mas cá por fora não se via e isso era o principal. Foi mesmo ela que empurrou a porta e entrou. O patamar e a escada não encorajavam muito — aquele, cheio de plantas ariscas, empertigavam-se num ar de entrada nobre; a escada, com o luxo de uma solene opa vermelha agrafada em todos os degraus pelo alfinete de um varão metálico. Mas a rapariga estava decidida a não deixar coagular nem um momentinho a sua coragem: e agarrando pelo braço do moço, trouxe-o atrás de si, escada acima.

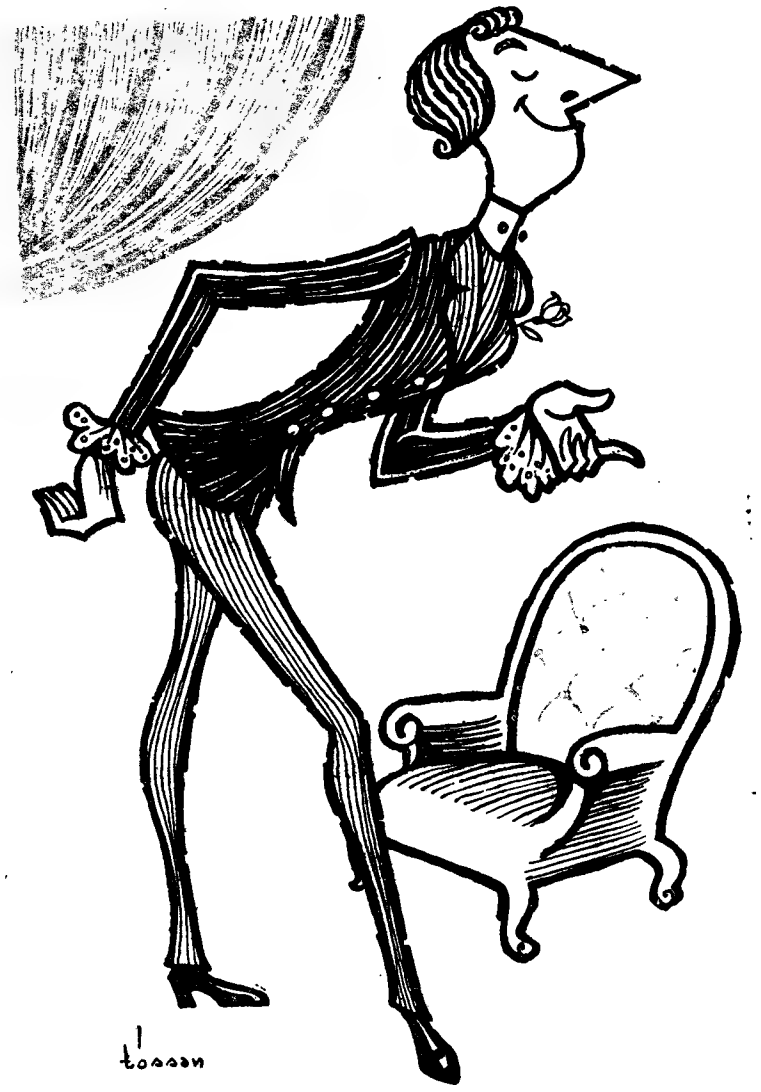
Quando esbarraram na outra porta compuzeram os fatos um bocadinho poídos, encorajaram-se com um olhar de afecto e ele carregou na campainha. Quase nem tiveram tempo de esperar: aberta a porta, saltou-lhes como por encanto, á frente dos olhos, um ser que parecia ter descido, naquela altura mesmo, de uma gravura do reinado de Luís XVI: era alto e sinuoso; o longo braço que oferecia a mão aos visitantes num espasmo de cortezia, golfava no punho um borbotão de rendas; o mesmo luxo antigo lhe bofava da boca do colarinho; tinha um casaco cintado e umas calças justas que denunciavam os mínimos contornos anatómicos; os sapatos traziam ao peito, como uma condecoração, uma larga fivela prateada: e para fechar o quadro com mimos delicados, havia aquela cabeça onde os caracois arfavam num prodígio de talha.

[illegible] a balançar-se e contorcendo os braços num delíquio oratório — foi-lhes comunicando que a casa era deles, que Suas Excelências tinham encontrado um verdadeiro lar e dando rumo ao negócio foi-os encaminhando para aquele quarto de casal cheio de adjectivos. A moça e o rapaz arregalaram muito os olhos: era, de facto, um monumento: cama farta, de estilo Luís XV, cómoda de largas ancas, um guarda-vestidos a arrotar ornatos por todos os lados — enfim, um sonho! Os jovens fitaram-se com o senho carregado: *aquilo, para eles?* A companheira fez um esforço e tomando um ar doutoral perguntou se não se podia ver o resto das instalações. E foram.

[illegible] desculpou-se que o resto era... era... enfim... V. Ex.ª compreendem: o primor dos quartos obrigava a uma maior modéstia nos restantes cómodos... Ah, mas a comida... a comida era um mimo. E estendia a mão fechada em gomo, com os dedos estendidos e unidos.

[illegible] chegada a hora da [illegible] calma, os jovens ficaram a palrar na larga cama de casal. O primeiro comentário é que nem no dia de casamento tinham gozado duma cama de estilo; e a seguir foram desemalando todas as recordações de dois anos de miséria: lembraste daquela vez que dormimos ao ar livre? lembras-te daquela vez em que só comemos pão? lembras-te... lembras-te... O sossego do quarto ilumina-se de girandolas de perguntas. Já meio vencidos pelo sono recordaram o emprego novo que ambos haviam arranjado: um conto e quinhentos! E agora aquela pensão de mil escudos o casal! O chão, o tecto, as paredes do quarto reflectem um rítmico arfar de sono tranquilo.

No dia seguinte começaram as descobertas. Os restantes hóspedes — dez casais — mal



se fez um silêncio á sua roda. Pareceu-lhes ter ouvido uma voz que rangia: *cá estão os novos lordes!* Embora estivessem sentados sós na mesma mesa, sentiram-se apertados. Mergulharam os olhos inocentes e amorosos um no outro e comeram amostardando a refeição com pequenos comentários risonhos sobre o que tinham feito aquela manhã.

Quinze dias depois, ao chegarem para o almoço, foram recebidos pelo dono da casa com um discurso trágico: a criada — ingrata, podem V. Ex.ª acreditar! — fugira deixando-lhe a cozinha vazia. Nada para comer! Nada! — tangeu num dobre de finados que lhes arrancou um arrepio na espinha. A moça ofereceu-se logo para ir comprar qualquer coisa e correu ao cofrezito das economias. Quando voltou, esmurrou a vista nos olhos irónicos de outras hóspedes. Distinguiu um comentário incompreensível — «cá vem o imposto extraordinário!» — e engrossou o peditório colectivo com vinte escudos. Contado o dinheiro com que todos haviam contribuído, disse um sujeito gaiteiro:

Senhor Maretti! Hoje há festa, não?». E o dono da casa crepitando num delíquio de vénias disse que sim e que aquela malvada da cozinheira teria o castigo. Os jóvens souberam no mês seguinte que a cozinheira fazia sempre aquele gesto nos dias vinte e cinco; depois no dia um do mês seguinte voltava. As coisas entretanto iam-se complicando: nó quarto de estilo faltou uma tarde uma mesinha de pernas cambaias, de estilo. Três dias depois, faltou a cómoda de largas ancas de égua. Nessa altura o sr. Maretti compareceu no quarto (depois de ter batido á porta delicadamente) e pediu desculpa, enquanto o corpo se lhe torcia no espasmo duma vénia: a cómoda tinha uma ofensa (chamava ofensa a uma esmurradela) e resolvera mandá-la retocar. Em seguida faltou o guarda-vestidos: e assim se foram escoando gota a gota todos os móveis :acabaram por dormir no chão. Foi no dia em que á mesa, á hora do jantar, brotou um novo casal de hóspedes — risonhos, felizes.

Os dois jovens olharam em roda, amargurados. E viram, de subito e inexplicavelmente, acender-se nos olhos dos velhos hóspedes uma expressão de amizade. Nessa noite, deitados na enxerga rés-vés ao chão, ficaram a alvejar de perguntas tão estranha situação: sem móveis, obrigados a calar-se por que não encontravam pensão por aquele preço, e no fim aquele jacto de amizade no olhar dos velhos hóspedes.

No dia seguinte a jovem encontrou uma explicação para tudo. Saíra ao mesmo tempo que outra hóspede e fora esta quem lhe desvendara o mistério. Aquele quarto de estilo era o visco com que o sr. Maretti apanhava novos hóspedes. Ao fim de um mês (mais ou menos) começava a transferir lentamente — hoje um, amanhã outro — todos os móveis para um quarto vazio, que, por este processo, acabava por ficar repleto. Era a altura em que o sr. Maretti punha um anuncio de pensão para casal *apenas por mil escudos* e com todo o conforto moderno. E o laço cerrava-se sobre novos incautos — sempre aquelas vítimas da desgraça necessidade...

Mas porque eram os novos hóspedes recebidos com um banho de gelo? Compreende-se: era o «casal de lordes» que entrava. E a vida isolada que faziam, nem sequer se visitando nos quartos uns dos outros? Natural: quem pode convidar alguém para um quarto onde se dorme no chão? Um resto de orgulho obrigava-os a fingir que não sabiam o que se estava passando com todos...

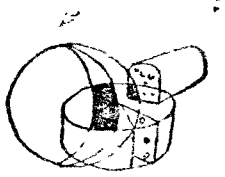
DIÓGENES

SAIBA COMER

Uma nova vitamina: a B^{15}

As vitaminas são elementos já bem conhecidas de todas as nossas leitoras. Todas sabem os seus benefícios, alguns bem notórios, como a A, C, D, PP, as B todas e outras mais apagadas: E, K, P e B_{15}.

Mas há uma que talvez não conheçam ainda: a B_{15}. E' obtida a partir da levedura da cerveja do sangue de boi, do fígado de cavalo, dos caroços dos alperches até na cutí-



cula do arroz. E' absorvida com certos alimentos e eliminada pela urina, matérias fecais e suor.

Como acontece com todas as vitaminas, a nossa necessidade diária é pequena; bastam dois miligramas.

E' quase desprovida de toxicidade.

Mas qual o seu papel? Para que serve?

Muito simplesmente, para proteger o fígado; permite uma melhor oxigenação dos nossos tecidos, e desta acção deriva uma outra sobre a nutrição muscular, sobretudo sobre o musculo do coração; favorece a excreção urinária em certas doenças, como cirroses; tem

um papel mais modesto, mas ainda assim apreciável, nos cardíacos, melhorando a dispneia (falta de ar), diminui a cianose (cor azul da pele) contribui para o desaparecimento mesmo das dores coronárias; reduz os edemas (infiltração de água ao nível da pele); pode também agir sobre certas hemiplegias ou

sobre acidentes cerebrais, graças á sua acção sobre a respiração dos tecidos, pois permite melhor oxigenação das zonas doentes.

Acham pouco?

Sem toxicidade e muito bem suportada, fácilmente aplicável, pois pode tomar-se por via oral ou injecção intra-muscular, a vitamina B_{15} pode chamar-se a Vitamina do futuro.

Mas, infelizmente, no presente, não está ainda comercializada. Façamos votos para que o seja muito em breve.

Comer, comer... se quer dormir mal

Não esqueça que a digestão influi sobre o sono. Os jantares muito copiosos ou excessivamente pesados são, muitas vezes, causa de insónias ou de sono agitado. E' pois sempre preferível fazer, á noite, uma refeição leve e não se deitar logo após essa refeição nocturna. Deixe á digestão o tempo de começar; e se sente um certo

«peso» dê um passeio a pé. Verá como fica melhor.

Em compensação, não lhe fará mal algum ler antes de adormecer. Pelo contrário, esse é um momento de calma, após um dia de trabalho. Um romance, um magazine farão esquecer os cuidados do dia e prepararão um repouso agradável. Mas, cuidado: evite as leituras tristes ou inquietantes, os romances policiais ou de aventuras. Em geral estes livros levam o leitor a lê-los até ao fim, provocando, muitas vezes, uma noite em branco... ou pouco menos, se não povoada de maus sonhos.

Portanto, podemos resumir: á noite, comer pouco e ler bem. E pense que um adulto deve dormir as oito horas da praxe, se quer estar em forma.

ARROZ DE OSTRAS

Limpar cuidadosamente as ostras (na proporção de 1 quilo por pessoa), abri-las ao calor, retirar das cascas, passar a água por um pano fino, afim de lhe tirar toda a areia e pôr de lado. Num tacho, ponha um picado de cebola e um ou dois tomates aos bocados (ou calda) deixar cozer bem a gordura até tomar cor e formar uma espécie de puré. Juntar o arroz lavado e bem escorrido. Deixar dorar mexendo sempre com colher de pau. Logo que esteja dorado, deitar água na qual se juntou a água das ostras, pimenta e um pouco de açafrão, se gostar. Salgar pouco e só no fim, quando juntar as ostras. Servir bem quente com uma salada verde.

SALADA COZIDA DE ALFACE

Escaldar as folhas da alface. Colocar num prato de forno, alternando as folhas com molho Bechamel. Polvilhar generosamente com pão ralado e queijo. Meter no forno.

SALADA DE SALSA

Cozer a salsa com algumas batatas. Passar tudo e misturar com molho branco. Abrir umas cavidades e deitar-lhes dentro um ovo por pessoa. Cobrir com um resto de molho e levar ao forno, até gradinar. O puré deve ser temperado antes de posto no prato, de sal, pimenta, um pouco de açafrão e queijo ralado. Polvilhe com queijo e pão ralado. Sirva com salada de alface ou esparregado.

A água, paredes meias com a saúde

Depois do ar, o elemento indispensável é a água. O homem não pode viver mais de três dias sem beber.

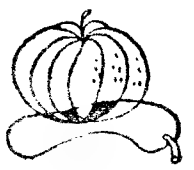
A água natural é a bebida por excelência; é suficiente para manter a saúde, desde que seja boa para beber, isto é, potável.

Não sabe o que beber? Nem sabe quando beber? Então saiba como...

O corpo humano tem necessidade de água; por isso o homem experimenta normalmente a sede, a necessidade de beber. E' uma necessidade natural e, como tal, há que satisfazê-la. Se as constantes e diárias perdas de água não forem compensadas, a vida está em perigo.

Se o corpo humano perde dois a três litros de água por dia — metade pela pele e respiração, outra metade pelas urinas — esta perda deve ser compensada por:

— um litro, proveniente dos alimentos.



— aproximadamente 1/8 de litro, proveniente das combustões internas.

— um litro a litro e meio, das bebidas.

Assim a sede, aparece com uma manifestação imperiosa de uma necessidade vital.

A água pura é a bebida que mais sacia a sede, embora possa haver outras mais apreciadas. E' disparate proibir as outras bebidas, a pretxto de a água simples dessedentar melhor; na verdade, os liquidos açucarados ou salgados ou alcoolizados, levam a beber exageradamente porque não dessedentam suficientemente. Os apreciadores de vinho deviam sempre cortar o vinho com água ou bebê-la separadamente.

Muito se tem discutido «quando» se deve beber. Antes ou depois ou durante as refeições?

Antes — diz-se — tira o apetite.

Durante — dizem outros — engorda.

Mas — filosofam ainda outros — não se pode comer sem beber.

E' verdade que comer faz sede; e a água auxilia a diluição dos alimentos assim como a digestão, a menos que se sofra de aerofagia. Deve, pois, beber-se quando se tem sede. Um caso particular deve ser mencionado: o da perda excessiva de água, em certas regiões, em certas épocas do ano ou em certas profissões, em que o calor é muito. O calor aumenta a necessidade de água. Ao mesmo tempo que se perde água, o organismo perde sal. Portanto interessa compensar tanto a perda de água como a de sal para evitar acidentes graves, os chamados «golpes de calor».

A pessoa que tem sede só tem, por vezes, a dificuldade de escolha da bebida. Já dissemos que a água é o mata-sedes por excelência. Mas, muitas vezes, senão sempre, nas cidades, a água tem um gosto pouco agradável. Então vamos para as bebidas aromatizadas. A cerveja, o vinho, a cidra, são bebidas alcoolizadas; são agradáveis, mas têm seus

inconvenientes, quando em excesso. Mas a industria moderna tornou possível o sumo de frutos sem alcool. Tem além disso a vantagem de conter minerais, açucar e vitamina C.

E há ainda o leite que, além de um alimento quase completo, é uma bebida agradável, se o bebermos gelado, baunilhado.

Mesmo a água pode ser «disfarçada» se a gelarmos ou acidularmos (sumo de limão, laranja ou outros frutos) ou a aromatizarmos com chá, café, menta, etc.

Muita gente prefere as águas minerais, sem se lembrar de que tais águas são medicamentos e que, na sua origem, são utilizadas no tratamento de determinadas doenças. Bebê-las, pois, á toa, pode não ser favorável a toda a gente que... apenas tem sede...

Soluções da página III

EM «A»

1: c. 2: b. 3: b. 4: a.

IMORTAIS QUE NÃO VIVERAM

1. — Eça de Queirós «O Primo Basílio»; 2. — Tolstoi, «Guerra e Paz»; 3. — Alexandre Dumas, «Os Três Mosqueteiros», «Vinte Anos Depois» e «O Visconde de Bragelone»; 4. — Goethe, «Fausto», drama; 5. — Sthendal «A Cartuxa de Parma»; 6. — Shakespeare, «Othelo»; 7. — Cervantes «D. Quichote de La Mancha»; 8. — Jorge Amado, «Jubiabá», romance.

QUE FAZEM?

1. — escritor; 2. — ciclista; 3. — astro de cinema; 4. — mestre de Medicina.

A ARTISTA DE TEATRO

Beatriz Costa.

A COR DAS CALÇAS

Ponson du Terrail.

DONDE ERAM OU SÃO?

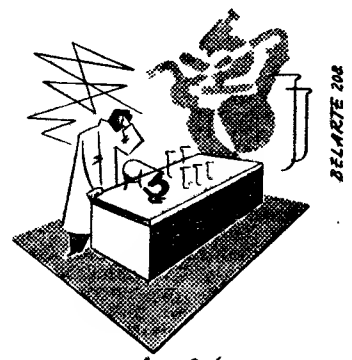
António Morais Silva, brasileiro; Paulo Muni, polaco; Bernardo Shaw, irlandês; Charlie Chaplin, inglês; Rossana Podestá, italiana; Hitler, austríaco; Einstein, alemão; Guilhermina Suggia, portuguesa; Virgílio Teixeira, português; René Coty, francês.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — cuati; c; a. 2 — alforriar. 3 — voa; redra. 4 — a; brasas. 5 — Aiad (inv.); deu. 6 — dilui; Eva. 7 — ami; as. al. 8 — voz; rins; u. 9 — aler; mana.

VERTICAIS: 1 — cava; dava. 2 — ulo; aimol. 3 — Afabiliza. 4 — To; Rau; r. 5 — irradiar. 6 — res; sim. 7 — cidade; ma. 8 — arsera; n. 9 — Ara; na lua.

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER
nos restaurantes
BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442
SOLAR BOÉMIO
R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277
A GAIVOTA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588
FLOR DE SÃO PAULO
Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 26017
TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA
e dum serviço rápido e económico



Assim...
NÃO PODE TRABALHAR
...SEJA QUAL FOR A SUA ACTIVIDADE, TORNA-SE NECESSÁRIO O REVIGORAMENTO FÍSICO E MENTAL PARA O DESEMPENHO NATURAL DAS SUAS FUNÇÕES.
OVOMALTINE
ALIMENTO INCOMPARÁVEL DAR-LHE-Á A CONTRIBUIÇÃO DE EQUILÍBRIO ENTRE A FORÇA FÍSICA E A FORÇA INTELECTUAL!
OVOMALTINE
DAR-LHE-Á FORÇAS
PRODUTO VENDIDO EM PORTUGAL PELA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PRODUCTOS WANDER, LDA.
AV. SIDÓNIO PAIS, 24 ½ - LISBOA

A LUA PODERÁ TER ESTAÇÕES DE RADIO?

(Continuação da 1.ª página)

lam em virtude de tão rápidas mudanças de temperatura.

Outra forma de erosão é produzida pela constante chuva de meteoritos na superfície não protegida por uma atmosfera. Na Terra, o ar protege-nos destes projecteis cósmicos: a fricção que eles sofrem, ao atravessar a atmosfera, incendeia-os. Na Lua, porém, não existe tal espécie de protecção e por isso os meteoritos atingem e «bombardeiam» a superfície lunar.

Durante os eclipses lunares, quando a maior parte da luz solar se retira da superfície do satélite, os astrónomos podem estudar a proporção e rapidez das mudanças de temperatura, e tirar conclusões a respeito da composição da superfície da Lua. Os investigadores da Universidade de Michigan confirmaram tudo isto, assim como o facto de existirem diversos níveis naquela superfície capazes de reflectir as radiações de ondas mais pequenas.

OS EFEITOS SOLARES

A ionosfera — camadas electrificadas que existem a grandes altitudes na atmosfera terrestre — absorve e desvia a maior parte das ondas largas do tipo das do radar. Para se conseguir o seu regresso é necessário uma estação receptora.

Se uma estação emissora e uma receptora podem ver a Lua ao mesmo tempo, as mensagens radiotelefónicas poderão ser enviadas de uma para outra. Por «ver» queremos dizer que a Lua está no horizonte de ambas as estações, simultaneamente: as nuvens não interferem na transmissão.

Hoje em dia é possível, por exemplo, comunicar com a Austrália por meio da rádio. Isto é possível porque as ondas radiográficas ordinárias são repelidas na ionosfera e voltam á superfície da Terra. Dependemos, todavia, do Sol para que isto se realize, porque a ionosfera actua de forma diferente de hora para hora e de dia para dia.

Em contrapartida, as ondas muito pequenas são independentes da ionosfera e portanto do Sol. Porém, só reflectindo-as numa superfície externa, tal como a da Lua, é que podem cruzar o horizonte. Se os estudos e experiências que se realizam agora tiverem êxito, como se espera, a Lua acabará por ser, sem dispendio nenhum especial, a mais importante estação retransmissora para as comunicações mundiais.

Recordação de Roma

(Continuação da 1.ª página)

tudo e todos, para que de um momento para o outro o pesadelo pudesse deixar de actuar sobre a multidão.

Recordo-me do «café» onde ia á noite neste imperativo incorrigível de longos anos. Exibia-se ali uma orquestra até á meia-noite, hora morta nas ruas de Roma. Eram mulheres os componentes da orquestra. Tocavam como se executassem um ritual cansado. Vestiam mais que modestamente e no ambiente do «café» andava a rotina sem crença.

Tudo parecia tocado pelo desgaste e pela angustia.

Roma, evidentemente, não é isto. Mas talvez o fosse naquele momento histórico. Daí a impressão de tristeza que me deixou, pois é de minha condição não ser capaz de dissociar a paisagem humana do ambiente em que ela se move, no dia a dia. Não é por acaso que se afirma ser o homem produto do meio e o meio reflexo do homem.

Depois era o assédio dos que, sabendo-nos estrangeiros e erradamente julgando-nos abarrotados de dólares, nos interpolavam:

— Cambió, signo?

Numa repartição oficial já nos tinham posto de sobreaviso. E naturalmente se caíssemos na esparrela, acontecer-nos-ia coisa parecida como a que nos sucedeu com o fotógrafo que deparámos na Via Vittorio Veneto. Este processo de governar a vida parece estar espalhado pelo Mundo inteiro. Lisboa tem-no quase como instituição na parte baixa da cidade. A máquina dispara, mas não dispara e o cavalheiro vem junto de nós, que desembarcámos e passeamos com ar de provincianos, num gesto donairoso, requebrado, entregar-nos o bilhete que será o preambulo para a fotografia verdadeira. Pois bem. Tirámos fotografia na capital de Itália. Eu, minha mulher e meu filho mais velho. Vinhamos ainda sob a emoção que nos haviam causado as ruínas do Coliseu Romano. Descíamos a escadaria do monumento a Garibaldi e parávamos mesmo em frente da janela de onde o Duce, o Duce de tão triste memória, inflamado, retórico, pusilanime — lançava aos camisas negras o furor da sua diabólica ambição.

Tirámos a fotografia, como é bem de ver, ali na praça histórica onde campeou um homem, que, por ser ditador, apenas deixou um rastro de ódio. Paguei e em troca recebi um bilhete com o qual deveria levantar as fotografias ao outro dia. Lá fui, com efeito, ao dia seguinte. Procurei, indaguei — mas todas as tentativas foram baldadas — fotografias não havia e o fotógrafo nem sombra dele.

Coisas como estas, ou parecidas com estas, acontecer-nos-iam, em Dar-es-lan, em Bombaim e por aí fora. Dir-se-ia a burla proliferar em todas as latitudes. Sobretudo estas burlas pequenas, insignificantes, mesquinhas, que não chegam a ter consequências de maior: nem para o burlão nem para o burlado. Ventos da época? Frutos da crise que os povos atravessam durante e após os cataclismos sociais? A fome é negra e grande a imaginação do homem quando a contas com ela.

Voltámos para a pensão á procura do jantar, uma refeição contada, parcimoniosamente dividida, na qual nem o «macarroni» era á discrição.

Pobre Roma. Pobre Itália. Ali tinha na minha frente o espelho de uma Europa inteira que havia ruido ao peso da furia nazi. Isto o pensava á noite, na cama, depois de uma longa conversa com o criado da pensão, que não conhecia Siloni e tinha votado no partido Democrata Cristão.

Mas já no avião que me levaria a Bombaim, fazendo escala pelo Egipto, e enquanto sobrevoava o Mediterraneo, a perspectiva era outra. Via agora Roma e o povo italiano através dos ecos das primeiras eleições após a guerra, que se haviam realizado escassos dias antes da minha chegada a Roma. Os meus olhos iam cheios dos cartazes, dos letreiros, das legendas que ainda cobriam as paredes das cidades, de lés-a-lés. Não havia pedaço de parede ou pedaço de pavimento das grandes artérias, na parte central, que não estivesse matizado de dísticos, prospectos de propaganda eleitoral. Luta tenaz se tinha ali travado! Luta saudável! E desses cartazes, letreiros, legendas, dísticos, «slogans» autênticos gritos de vitalidade cívica, subia-me uma esperança e fazia-me crer que amanhã Roma seria outra, agora que o falso partido do Duce tinha dado sinal de si apenas através de leves vagidos na luta franca por meio da qual se restava o verdadeiro destino da nação latina.

Esta a perspectiva que se me desenhava, enquanto o quadrimotor rumava sobre o deserto de Sara, e eu me entretinha a olhar o caminho de ferro que ficava lá no fundo, tão minusculo, que mais parecia um brinquedo de criança.

E' PERIGOSO RESPIRAR

(Continuação da 1.ª página)

grandes cidades. As estatisticas demonstram que o perigoso mal se revela em numero mais elevado nas cidades do que no campo. Mas a pureza do ar não seria a unica causa: os citadinos fumam também mais do que os camponeses.

Não nos compete a nós impor directamente, num domínio onde os próprios especialistas se declaram incapazes de se pronunciarem. Dois perigos aumentam a pior forma da doença. Como lhes fugir?

Sobre uma grande cidade (Paris, por exemplo), tombam, em cada ano, treze mil toneladas de pó. Este contém substancias nocivas que provêm, quer dos fumos industriais quer dos motores automóveis.

Que fazer, no plano colectivo?

a) Afastar as instalações industriais dos centros urbanos.

b) Intensificar os sistemas de **protecção (filtração de fumos, eliminação dos subprodutos nocivos).**

c) Diminuir tanto quanto possível as descargas de gás nos motores a gasolina.

No plano individual:

Fugir, tanto quanto possível, á atmosfera das grandes cidades.

No que respeita aos cigarros, os conselhos mais elementares são já suficientemente conhecidos. Nunca é demais, no entanto, repeti-los. Eis-los, tais como foram dados por um especialista:

puMnãonãovsrsMaçmiro6fasoeh1fén

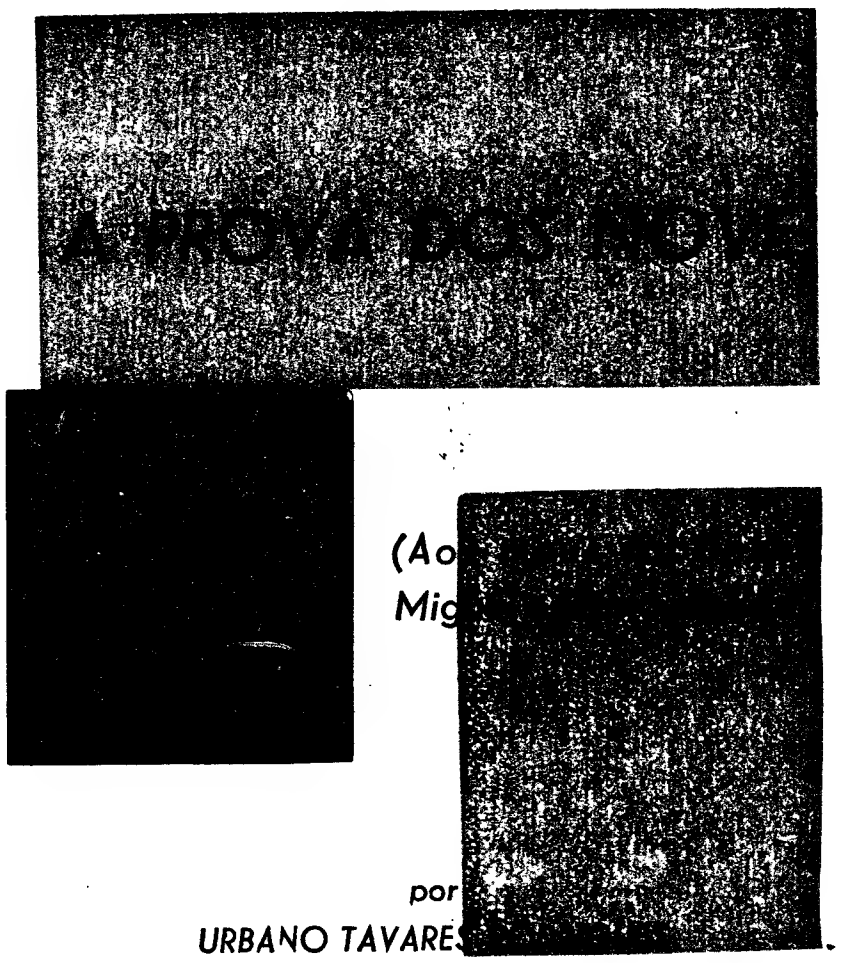
- Usar apenas cigarros com filtro de confiança.
- Consumir apenas metade do cigarro, porque as substancias nocivas se acumulam na parte do cigarro que aproximamos da boca, á medida que se processa a combustão.
- Não fumar em jejum.
- Não engolir o fumo. Os riscos são minimos para os fumadores de boca (cachimbo, charuto).
- Existe um antidoto á acção da nicotina: a vitamina PP (amido do ácido isonicotinico) que se vende nas farmácias e que participa na nossa alimentação, incorporado na carne.
- **A nicotina aumenta o consumo** da vitamina C. Os fumadores devem proceder á necessária compensação, consumindo mais alimentos que contenham essa vitamina; salsa, saladas e sobretudo maçãs ácidas (que têm, além disso, a vantagem de limpar os dentes sujos pelo tabaco).

muro existia e, sendo tão frágil, não podíamos rompê-lo: só o tempo nos faria crescer outras unhas, as unhas da vontade; e claramente então, enfim, nos sopraria o que era forçoso rasgar, dentro e fora de nós, para que uma luz diversa enfim surdisse, custasse o que custasse. Todos os dias — lembro-me hoje — rumorejavam palavras novas, palavras chaves, e o «monte» de nossos pais, que o tempo sagrou (a tal ponto que não sei já hoje quanto dele é lenda e quanto ruína), mais do que de trigos e de verdes luzernas, estava semeado das nossas próprias, impalpáveis, incógnitas. Embora! A nossa vida era ainda exercício, era ansia de experiência...

A prova dos nove... Uma pergunta que no início da juventude já me afligia, talvez por me habituarem desde muito cedo vozes diversas e contrárias — daí o gosto ou a necessidade de mais tarde me reinventar para me compreender — era aquele insidioso e constante «valerá a pena?», que o meu irmão, mais inteiro, dir-se-ia ignorar. Entretanto, como ele (enquanto o terceiro da nossa geração, ainda pimpolho de dentes ralos, sonso e mimoso, sómente nos via partir), eu disparava para as insanas galopadas, para os saltos na aventura, e enfrentava barrancos, açudes, sombras nocturnas ou navalhas abertas. Desse tempo me ficou para sempre não sei se o amor do perigo, se a estranha satisfação de me embrenhar no medo para o vencer, ou uma quase insondável avidez dos lances espectaculares, gémea porventura e vingadora da minha descontente tibieza, ou perplexidade de ultra-sensível, na vida comum. Enfim — e com vergonha o confesso — eu amava já, até certo ponto, nas próprias azinheiras do montado, desgrenhadas personagens de sonho, o testemunho das minhas proezas, enquanto o meu irmão entrava no perigo, como mais tarde no amor e na dor, totalmente, sem os ver. O que eu buscava, apaixonado por tudo, e por isso tão confusamente, era sempre uma explicação de mim; ele, ainda que de um modo também obscuro, uma razão alheia a si, mais sólida e generosa, para se cumprir. Assim, ele parecia, já então, duro, a quem pouco o conhecesse, e eu tinha o rosto mais suave dos que carecem de simpatia, mas no olhar a esperança febril de um impossível achamento.

Foi numa manhã de Dezembro, azul e picante sobre o sangue vivo dos campos arados, que chegou, anunciada pelos guizos claros, a caravana com cavalos á amostra. Periódicamente os ciganos nos visitavam, mesmo que nenhum gado lhes comprássemos, quase só por deferente e ancestral cortesia, e sempre ao «monte» essa tropeada puxavante trazia um alvoroto de festa.

O «Pepeillo», cigano rico, triguenho como um canarim, era o príncipe da comitiva, nosso amigo facundo e reverentemente familiar, nosso e dos «senhores nossos pais», a quem se coibia de vender mulos zarolhos e burras estropeadas, como lhe sucedia com outros lavradores daqueles termos, por engenhoso descuido. Fora criado quase como um senhorito, já com cristianíssimos servos e palafrens de alta escola ás suas ordens, e trajava de «corto» quando saía para o campo. Com dois dedos de testa rasteirinhos, sobre a jovem astucia de uma mirada oblíqua e obsequiosa, fazia-se todo ele uma estátua, a cavalo, vaidoso dos seus peitorais firmes de gladiador e das nádegas redondas de toureiro. O Gabarito, o ajuda do nosso vaqueiro, em o vendo pavonear-se á porta do «monte», todo luzido e engraxado, á espera de que aparecesse, para a saudar exageradamente, a «senhora Dona Maria», figura mítica de dama «galega» ali aclimatada, desconcertante mas prestigiosa, soía dizer, com aquela aversão típica do alentejano bisonho pelas imposturas alheias: «Carago! Nem lhe cabe lá um feijão frade!...»



ROMANTICOS DE ONTEM E DE HOJE

por ALFREDO BRAZ

O romantismo está fora de moda. Estive tentado a meter na frase o advérbio «felizmente», mas hesitei a tempo e resolvi, por enquanto, dispensá-lo. Porque, para falar com toda a sinceridade, ainda não sei dizer se a nossa época é realmente tão anti-romantica como parece e, no caso afirmativo, se o abandono dos padrões romanticos nos teria trazido grande vantagem. O presente artigo não representa afinal mais do que uma modesta tentativa para me esclarecer acerca destes dois problemas.

Ao pensarmos no romantismo surge-nos inevitàvelmente a imagem de uma menina languida e olheirenta, ou de um rapaz pálido e melancólico, ou mesmo de ambos caminhando lado a lado num quimérico jardim banhado pelo luar. Pode também acontecer que a mágica palavra invoque algumas vezes a imagem de um cemitério onde fantasmas de donzelas mortas por amor e de moços que se suicidaram por idêntico motivo passeiam ao luar (o luar é um elemento romantico imprescindível) entre esguios ciprestes e rasas campas. E tanto melhor se o funebro deambular tiver lugar á meia-noite, porque é essa a fatídica hora dos romanticos.

Mas o romantismo não pode definir-se através destes aspectos anedóticos, nem tampouco ele se contém todo nas atitudes mórbidas e nas poesias lamurientas de Lamartine ou de Soares dos Passos. Houve também, isso não deve ser esquecido, um romantismo sem olheiras, sem lamurias e sem fantasmas: o romantismo de Stendhal e Balzac, de Garrett e Herculano.

O que vem então a ser o romantismo? Eis uma pergunta bastante embaraçosa e a que ninguém ainda conseguiu responder de maneira concludente. Os dicionaristas, que são obrigados a tudo definir, mesmo o que não tem definição possível, dizem ser ele o «sistema dos escritores romanticos, ou daqueles que abandonaram as formas clássicas» e isto parece-me uma explicação bastante insuficiente do fenómeno romantico. Não há duvida que o romantismo se afirmou em primeiro lugar no terreno artístico, mais particularmente no campo literário, e é também certo ter ele reagido contra um neo-classicismo obsoleto e estéril; mas isso será, quando muito, um dos aspectos do romantismo e nem sequer o mais importante. Até porque não é muito legítimo opôr-se um valor espiritual permanente, como é a atitude romantica, a um valor circunstancial, como é o classicismo. E isto é de tal maneira evidente que ninguém se lembraria de dizer: «fulano tem um temperamento clássico», enquanto que é frequentissimo ouvir-se a seguinte expressão: «sicrano tem um temperamento romantico».

Sendo, pois, inadequada a oposição entre romantico e clássico, como poderá então definir-se o romantismo? Não hesito mais em responder: o romantismo é essencialmente a reacção estabelecida, em nome da sensibilidade individual, contra o racionalismo abstracto dos ideólogos da Revolução Francesa. O que caracteriza o movimento romantico é, por conseguinte, o seu extremado individualismo irracionalista e não os seus excessos sentimentais ou a luta por ele travada contra o neo-classicismo.

Foi quando, com a libertação de novas forças sociais, o homem começou a desprender-se dos liames impostos pelas formas religiosas e feudais de comunidade e o indivíduo pôde fazer a sua aparição em cena como novo valor psicológico, foi então, diziamos, que o romantismo principiou a afirmar-se, primeiro ainda de maneira hesitante, com Swift, Rousseau e os restantes pré-romanticos, depois de forma mais incisiva, com Walter Scoot, Chateaubriand, Shiller, madame Staël e Byron, entre muitos outros. A fase final do romantismo, o seu predomínio absoluto como sentido de viver colectivo, só principiou em meados do século XIX, vindo a durar até meados do nosso século.

A proclamação do homem como uma razão individual e a crença optimista de que a harmonia universal deveria ser estabelecida pelo livre acordo racional entre os indivíduos, foram os grandes sonhos dos ideólogos da Revolução Francesa e foi a frustração desses sonhos, a desencantada verificação da impossibilidade de estabelecer um sólido acordo entre os homens reduzidos a simples razões individuais, que deu origem ao movimento romantico. Por isso o carácter reacionário do primeiro romantismo, a sua idealização do passado ou o seu refugio na fantasia. Depois, estimulado pelas grandes invenções o enorme progresso técnico dos princípios do século passado, os romanticos passaram a olhar com confiança para o porvir e o romantismo tornou-se progressista.

Parece-me que tanto o desgarrado individualismo como o antiracionalismo romanticos não poderão ser contestados, dadas as incríveis proporções assumidas pela obsessão do «eu» entre os artistas desse período e o humilde papel de serva do sentimento por eles destinado á razão. E se realmente foram o excessivo individualismo e o anti-racionalismo as características fundamentais do período romantico, será legítimo considerar a nossa época como anti-romantica só pelo motivo de ela se ter tornado anti-sentimental? E essa furiosa exaltação da personalidade, consequente da solidão e da angustia a que estava inexorávelmente condenado o indivíduo abstracto dos enciclopedistas, que levou os romanticos sentimentais ao «mal du siècle», não será idêntica aquela que está conduzindo os anti-romanticos de hoje ao «mal de vivre»? Eis duas perguntas cujas respostas me tentariam se dispusesse de mais espaço. Assim, limitar-me-ei a apontar certos aspectos do anti-racionalismo actual que, suponho, confirmarão a minha opinião de que o romantismo não desapareceu, mas simplesmente assumiu novos e curiosos aspectos.

De Byron a Malraux, de Musset a Camus, de George Sand a Françoise Sagan, vai toda uma longa senda de dolorosas experiências, mas nela não se encontra nenhuma solução para a solitária angustia desse ser cada vez mais desgarrado e doente em que se tornou o esperançoso indivíduo «puro» do século XIII. Simplesmente, de então para cá, os ideais abstractos foram utilizados para os fins bastante concretos do aumento de poder e de riqueza, e o triste espectáculo de um «Struggle for life» cego e brutal foi, pouco a pouco, anulando todos os sentimentalismos. A razão já não se opõe hoje o sentimento, mas uma nietzscheana vontade de poder que não recua diante de nenhum meio para impor a própria lei na feroz batalha existencial.

Malraux e Hemingway, apóstolos do heroismo gratuito, ainda procuram aventuras e sensações violentas nos campos ensanguentados de Espanha, mas os nossos mais modernos Byrons já não vão morrer em Misolonghi, defendendo a causa da liberdade grega, antes procuram libertar-se da solidão e do desespero pela velocidade emocional e morrem, de preferência, agarrados ao volante de um auto lançado a 180 quilómetros á hora.

Para concluir direi ainda que é um grave erro supor-se que, pelo facto de vivermos num mundo aparentemente realista, desportivo e técnico, o romantismo tenha morrido. Não! O romantismo é uma manifestação de inevitável crise do indivíduo encarado como pura abstracção e só quando a sociedade humana for organizada racionalmente e o humano se torne uma realidade total encarnada em indivíduos concretos essa crise poderá ser ultrapassada.

Até lá iremos assistindo ao contínuo exacerbamento desse estado de angustia que nos é descrito desta maneira pela celebérrima Françoise Sagan: «Havia sempre em mim, como um animal quente e vivo, este gosto de aborrecimento, de solidão e por vezes de exaltação». E se desta solidão, este «mal de vivre», esta exaltação sem finalidade não se chama romantismo, não sei realmente que outro nome possa dar-lhe.

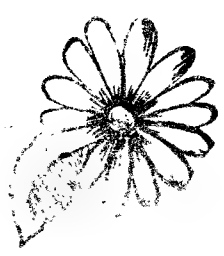
ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

AQUELE DIA INESQUECÍVEL
por JAMES HILTON

CALÍGULA
por ALBERT CAMUS

leia

PRÓXIMAMENTE!
uma nova obra de
HEMINGWAY



NADA de espantar. Simplesmente, nós crescíamos, e o mundo em torno diminuía. O absurdo tornava-se transitável: todas as coisas inacessíveis, de repente, como as estrelas de um presépio caduco, desabavam aos nossos pés e ofereciam-se. Era só escolher. Mas tudo se nos quebrava nas mãos e cada dia, de prova em prova, com grandes gestos inexpertos, desvirginávamos as esperanças vendadas e fugidiças dos nossos jardins ferozmente secretos. Gafanhotos da sensação, tímidos e vorazes, dentro de nós ninguém nos continha. Mas os marcos do esforço, dentro ou fora, tinham um sentido remoto. A vida era tão-sómente um campo de jogos.

Quem é que desafiávamos. no começo do Outono, quando saltávamos no vácuo, do alto da Atalaia, que media bem cinco metros, sobre a margem da ribeira, onde, a toque de verdasca, metíamos a nadar os mulos mais foútos, aquando das enxurradas?! Foi então que fiquei uma vez pendurado, senão pelos cabelos, como Absalão, ao menos pelas franças do «cache-col», nos esgalhos de uma oliveira que me aparou o choque com a santa terra amolegada e desnuada pela lavra.

O meu irmão, heroi de toda a minha adolescência, não era alto como eu e quase não tinha força nos pulsos (já fracturara um braço e estropiara a outra mão em proezas obscuras e teimosas), nem fazia jus aos encómios de visitas adultas e enfadonhas, pela compostura do porte ou pela graça das feições. Era franzino, intratável, de olhar escondido sob as pestanas cerradas, mas doce e doirado quando pousava nalguma ideia fantástica das suas. E no fundo desse olhar eu sabia um segredo que dele fazia já então uma criatura á parte: a vontade. Acontecia-me ás vezes «querer» também e ser alguma coisa fora de mim ou o melhor de mim próprio, porque esse seu fogo silencioso se me comunicava.

Mas os objectos da vontade ainda não no-los tinham traduzido os ventos bravos que agitavam as nossas adolescências. Para lá de um trémulo muro líquido quase transparente, muro do mistério adiado, do mistério interior que nos separava do segredo das coisas, da sua explicação — a vida era decerto outra e acaso mais simples, acaso recta como uma jura. Mas (se

O RISO DA SEMANA

A causa do mal

— O senhor diz que tem dôres de estômago, mas eu vou dizer-lhe uma coisa. O senhor não tem nada nele!
— Pois por não ter nada nele é que me doe!...

A PONTE SOBRE O TEJO

Vão construir uma ponte
Que é uma espécie de varanda
Com magnífico horizonte
Para a gente ver defronte
Cacilhas e a Outra Banda

E não há-de ser só ver
Porque ali, co'a ponte á mão,
Já cá me está a par'cer
Que nos há-de apetecer
Dar-lhe muita aplicação

E há-de ser de bom estilo,
Em se estando acostumado
A caminho tão tranquilo,
Frequentemente segui-lo
Para se ir a qualquer lado.

E assim para atravessar
Rotunda ou Restauradores
Não custa nada adoptar
Estrada tão regular
E sem carros maçadores

Desce-se abaixo ao Rossio,
Onde o povo se atravanca,
E, co'um pequeno desvio,
Vai-se á ponte sobre o rio
E vem-se por Vila Franca

A. F.

Perguntar por perguntar

Um homem que se forma em Direito pode ser marreca?

*

Uma pessoa que cai num logro magoa-se?

*

Quando uma rapariga morre por se casar quem deve chamar-se: o cangalheiro ou o noivo?

*

Quem faz um seguro de vida pode atirar-se da janela dum 6.º andar?

*

O cantor que dá o dó de peito nunca mais pode ter pena de nada?

*

Um mudo pode chamar o médico?

*

Quem parte leva saudades? Não pode arranjá-las lá?

*

Quando se perde o tino põe-se anúncio?

*

Se o cão que ladra não morde então para que é que ladra?

*

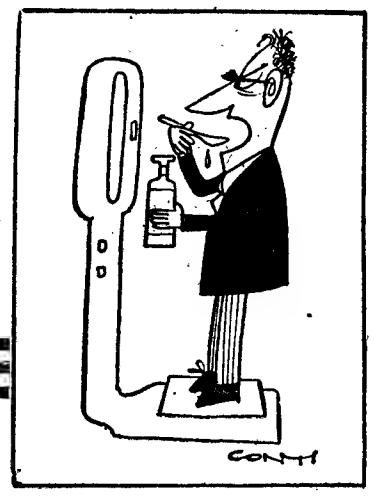
Quando nos comem as papas na cabeça, com que é que as comem? Com colher ou em «sanduiches»?

Um menu

Quando se reunirem os 3 ou 4 grandes hão-de ter um jantar de confraternização. O menu será:

Consommé à la unification.
Puré de satélites.
Rissoles La Paix.
Petites verités à la manière de chacun:
Sauce creme de proletariat.
Poules atomiques.
Salade à sabotage.

Peso, conta e medida



O doente, muito exigente e rigoroso, toma o seu reconstituinte.

Um problema

Aquele homem tinha a mania de andar descalço. Um dia chegou á terra uma rapariga muito interessante de quem ele se enamorou, mas declarou logo que não casaria com ele se não se calçasse e ele então foi consultar um amigo que lhe deu este conselho:

— Continua a andar descalço. Mulheres há muitas e pés há só dois.

O Sará e o petróleo

Toda a gente perguntava como, ao fim de tantos anos, suspeitaram que havia petróleo no Sará. Vieram os engenheiros e explicaram:

— Pelo calor. Nunca poderia haver tanto calor á superfície se, lá por baixo, não houvesse petróleo. Fizeram um furo, deram á bomba e jorrou um líquido escuro e pastoso.

— Sará pitrol gritou um indígena?

— Sará? interrogaram os outros em côro.

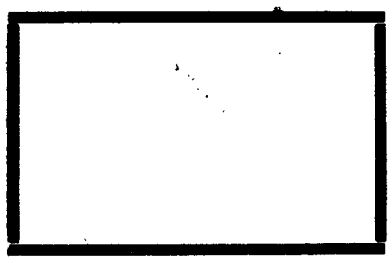
E era! Tal qual como nos fogareiros do dito: um orifício, umas bombadas e o petróleo a subir.

E aquelas vozes percorreram o deserto de lés-a-lés:

— Sará pitrol? Sará pitrol?

Estava descoberto o petróleo e o nome do deserto. Agora só faltam os incêndios, porque quando aparece petróleo quase sempre os grandes incêndios se ateiam, ou não fosse o petróleo para arder..

CINEMA NACIONAL



Fita nacional a «preto e branco» sem o preto

ELOGIO DA FOME

A fome é mais um estado de espírito do que um estado do estômago. Se assim não fosse nunca o povo teria criado esse admirável aforismo de «ter mais olhos que barriga». E tanto a fome é um estado de espírito que pessoas há que, quando cheias de fome, se se lhes apresenta um prato acogulado de comida, logo se sentem enfartados e o afastam sem lhe tocar, vociferando:

—Que horror! A muita comida tira-me o apetite.

E, sendo a fome um estado de espírito, bem se pode dizer, para seu elogio, que a fome é intelectual.

Não consta que qualquer grande poeta tenha morrido de indigestão, mas é ponto incontroverso que Camões sucumbiu á fome.

E até a própria Igreja, instituindo o jejum — que não é mais do que a fome condicionada — fez indirectamente a apologia da fome.

A fome provoca uma ansiedade, um desejo ardente; é uma aspiração e tudo se faz neste Mundo para matar a fome.

A fartura — a saciedade — é a inacção; a sesta a digestão da gibóia.

Os eremitas alimentavam-se de mel silvestre e gafanhotos para que o seu espírito pudesse estar mais perto de Deus. O santo sacrifício da missa celebra-se em jejum.

Nero — e Nero era um artista — depois de lautas bacanais caía para o lado embrutecido como um cerdo e não foi certamente com a barriga vazia que o tirano mandou incendiar Roma, para se dar o mais trágico, mas também o mais belo, espectáculo de todos os tempos.

Se não fosse a fome não conheceria a Humanidade esse inefável prazer que é a vontade de comer. Mas a vontade de comer só tem encanto, só tem beleza enquanto é vontade, enquanto é sonho.

Saciada é um sonho já sonhado que remete o sonhador ao mais charro prosaísmo desta vida.

A fome é tão generosa que até dá ocasião aos ricos e remediados de cumprirem a primeira das obras de misericórdia — «dar de comer a quem tem fome». Sem ela não poderiam eles lançar na sua conta corrente com o Além-da-Morte mais aquela verba da caridade com que contam cimentar os alicerces do seu bem-estar no outro mundo, tornando-se agiotas da própria divindade, sabido como é que «quem dá aos pobres empresta a Deus».

E depois, nestes ominosos e atómicos tempos de crises e carências que vão correndo, a fome ainda é o unico refugio dos que não têm que comer e torna o homem superior a si mesmo, guindando-o á mais pura expressão das virtudes cristãs — a renuncia.

Um homem que passa uma vida de fome pode ser um herói ou um santo. Um homem com uma indigestão é um bruto.

A fome pode levar ao céu. Entre a barriga vazia e a tripa-forra, medeia a mesma distancia que vai de S. Francisco de Assis a um alarve; por isso a doutrina da Igreja colocou a fome nas obras de misericórdia e fez da gula um pecado mortal.

E afinal tão mortal é uma como a outra, mas uma por carência e a outra por excesso.

De fome morre-se puro, morre-se em graça e, sobretudo, morre-se leve; do nosso corpo não vai a enterrar mais do que a pele e o osso, o que faz com que até os cangalheiros que nos conduzem á ultima jazida abendiçoem a nossa fome.

O festim de Baltasar fez cair a Caldeia nas garras do império persa, no momento em que mão invisível traçou nas paredes dos Paços de Babilónia as terrificas palavras «Manê», Thécel, Pharés — os teus dias estão contados — só porque as iguarias do pingue festim foram servidas nos vasos sagrados que Nabucodonósor roubara outrora do templo de Jerusalém.

Pelo contrário, porém, o mundo antigo foi tornado maior pelas frotas portuguesas de quinhentos que ao velho Mundo deram novos mundos, depois de longas e penosas viagens em que não aparecia uma côdea de pão, nem as viandas eram de fartar a marinhagem faminta.

A fome, eis o mais seguro caminho da Redenção.

ALFREDO FRANÇA

Dicionário da verdade

BOI — Animal que dá a carne de vaca.

*

BURRO — Animal rival do boi que também dá carne de vaca.

*

CÃO — Animal doméstico e comestivel que também faz concorrência ao burro, ao boi e ao cavalo.

*

HOMEM — Animal também domesticável que come tudo que lhe dão.

*

MULHER — Animal não domesticável que só não come o que não lhe dão.

*

INIMIGO — O único amigo que não nos ilude.

Doce ilusão

— Anda lá, vê se apanhas aquelas espinhas de arenque.

VÍCIOS DE OFÍCIO

Ela só trabalhava quando alguém estava a olhar para ela.

Era modelo numa modista nas horas vagas.

NA DROGARIA

Uma senhora muito prognóstica entra na drogaria e pede:

— Dê-me um decilitro de alcool desnatado?

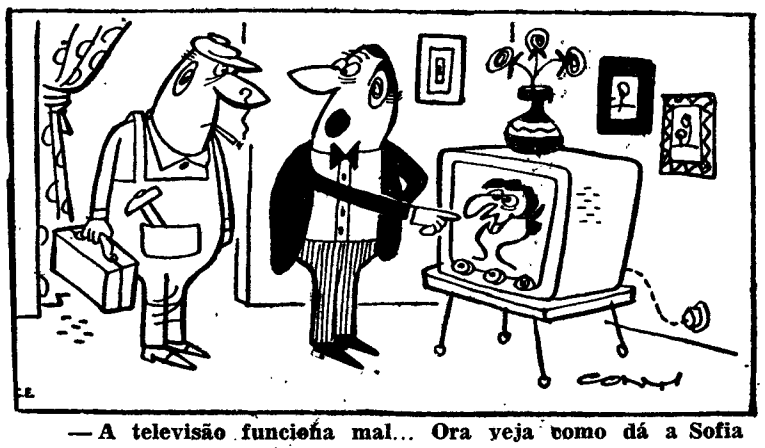
— Desnatado? minha senhora?

— Ai, credo! Desculpe, desnaturalizado...

Que azar

— Já sabes? O Lucas morreu
— De quê?
— Coração.
— Coração, assim, sem mais nada.
— Pois foi.
— Em casa?
— Não. Ele ia a entrar no bar quando caiu e morreu.
— Saía ou entrava?
— Entrava.
— Que grande azar!...

A chamada do técnico



— A televisão funciona mal... Ora veja como dá a Sofia Loren...

CALDAS DA FELGUEIRA
BEIRA ALTA
Informações em Lisboa: Rua do Ouro, 273
GRANDE HOTEL CLUBE e BALNEARIO
Aberto de 1 de JUNHO a 30 de Outubro
Obtêm-se os melhores resultados no tratamento de
BRONQUITES - ASMAS
FLEBITES — CORAÇÃO
e em Renites, Doenças de Pele, Reumatismo Articular e Alterações da Tensão Arterial

Vida musical

Coro da Academia de Amadores de Musica

A existência deste grupo manifesta-se de tal modo forte e firme nos seus arejados e lucidos propósitos que desempenha há alguns anos já um papel unico, inimitável, na vida musical portuguesa. E nunca estes três termos — vida musical portuguesa — estiveram mais carregados do seu sentido: vida intensamente vivida, através da linguagem dos sons e medularmente referente ao País.

E' oportuno assinalar que este coro, fundado e dirigido por Fernando Lopes Graça, com repertório inteiramente da lavra deste insigne compositor, teve há poucos meses a consagração de uma gravação de 16 canções na «His Master Voice», sob a rubrica: «Portuguese Folksongs for Mixed Chorus». Em boa hora chamou a Academia de Amadores de Musica este agrupamento vocal para si, e desde então a sua grandeza simples e directa alargou a projecção de uma casa onde os amadores de musica são assistidos por um profissionalismo também simples e directo.

Pudemos assistir á nova apresentação do Coro, da Sociedade Nacional, na sede das Belas-Artes, entusiásticamente recebido por um publico numeroso e de feição pronunciadamente intelectual no melhor sentido da palavra.

Como tudo o que, vivendo, está fatalmente condicionado por mil e um factores ocasionais, o grupo de Fernando Lopes Graça tem as suas apresentações mais particularmente felizes ou menos totalmente satisfatórias. Afecções de garganta, e estados gripais até, têm estado na ordem do dia, afectando também esta audição. Mas mesmo assim, foram bisadas por insistentes reclamações cinco das dezoito canções que constituiam o programa! Em primeiro lugar, o «Mirandum», particularmente típico, pois que é cantado em dialecto mirandês; e a escrita vocal desta canção é das mais bem combinadas na sua diversificação, que não atenua, pelo contrário, a sua ingenuidade e a sua clareza de expressão. Bisadas também «O coletinho» e «Olha a laranja», que pertencem ao numero das canções alacres, e «A Senhora d'Aires», que atinge um estilo magnificente. E magnificente é a «Cantiga de ceifadores», que se filia, como «A Senhora d'Aires», na tradição do mais evoluido estilo polifónico. A versão coral que Fernando Lopes Graça dá a algumas destas canções é, como já muitos sabem, francamente acórdica; e outras sugerem, se não imitam mesmo, efeitos de percussão, de acordo com a psicologia (passe a expressão) do dado popular; mas a escolha dos elementos de escrita harmónica e contrapontística, a sua contribuição para a mais justa articulação, o mais rico colorido e a mais larga respiração da cantiga, exprimem as raras qualidades do compositor: liberdade e imaginação, dentro da firmeza das leis ditadas pela própria natureza das coisas.

Claro, não são inteiramente de igual valia todas as canções, um ou outro pormenor (por exemplo na tão engraçada «Senhora Santa Cat'rina», na canção «A apanhar a silva», em «Sete anos que andei na guerra») pode parecer ligeiramente arbitrário; mas são pequenos e naturalissimos senões — a não ser, mesmo, que seja da nossa parte uma falha de entendimento da expressão portuguesa, na qual, no entanto, nos vimos debruçando com interesse tão vivo e expontaneo. Mercê talvez da mesma causa, acontece-nos achar que a maior maleabilidade que o coro adquiriu o leva de longe em longe a um exagero de sentimentalidade, como, por exemplo, em «São horas de emalar as trouxas». Mas admitindo que são justos, estes reparos não bastam para afectar, nem ao de leve, a força admirável do conjunto desta feição coral-popular-portuguesa criada e desenvolvida por Fernando Lopes Graça.

FRANCINE BENOIT

Concerto sinfónico na Sociedade Filarmónica Incrivel Almadense

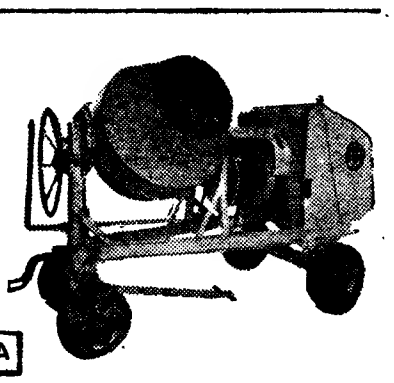
No próximo domingo, ás 16 e 30, a Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do maestro Ivo Cruz, dará um concerto sinfónico na Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, de tão belas tradições artísticas.

O programa inclui o concerto para violino de Max Bruch, com a violista Lídia de Carvalho, e a «5.ª Sinfonia», de Tschaikowsky. Principia com o «Tento» (Ricercari), de Rodrigues Coelho, o autor das «Flores da Musica», publicado em 1620.

Sociedade Musical União do Beato

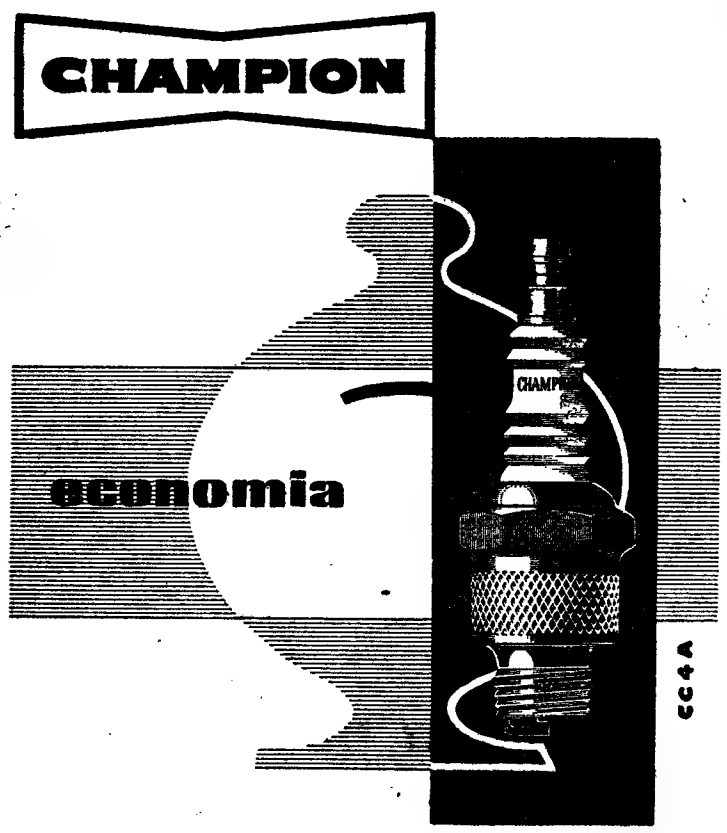
A Sociedade Musical União do Beato inaugura no próximo domingo vários melhoramentos: pavimentação, jardinagem, iluminação publica e coreto.

A banda da sociedade dará um concerto de musica popular portuguesa, sob a regência do maestro José Maria Bernardo.

BETONEIRAS
SIMPLES OU COM GUINCHO DE 180 E 210 L.ts
ACCIONADAS POR MOTOR PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO
A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE
AA LISBOA
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 8 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: ROCIO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 44 47 88

FÀTIMA
EXCURSÃO EM MODERNOS AUTOCARROS
Dias 12 e 13 de Maio
Informações e inscrições: R. Jardim do Regedor, 35 — LISBOA
Telefones: 30971 e 30972

FATIMA:
12 e 13 de MAIO
Em Pulmans
CAPRISTANOS
Inscrições—Av. da Liberdade, 72-A
Telefone 35505

CHAMPION

economia
EC4A
Economize até 10%
com as velas Champion
de ignição total
C. SANTOS LDA
Lisboa • Porto • Coimbra • Braga • Olhão

C.C.N.
COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGE» 11 de Maio	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa até 6 de Maio.
«LUANDA» 18 de Maio	Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa até 16 de Maio.
«AMBOIM» 23 de Maio	Com escala por Leixões, para: Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa até 21 de Maio.
«IMPÉRIO» 29 de Maio	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa de 24 a 26 de Maio.
«VERA CRUZ» 20 de Junho	Para: Luanda e Lobito. Carrega de 14 a 17 de Junho.
«UIGE» 27 de Junho	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega de 19 a 22 de Junho.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 25 de Maio (ás 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 19 de Maio 19 de Junho (ás 16 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens
LISBOA Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

CRÓNICA CINEGÉTICA

A actividade da Comissão Venatória Regional do Centro

em defesa da caça

Doze das 81 Comissões Venatórias que compõem a Regional do Centro, com sede em Coimbra, onde não existe Comissão Concelhia de harmonia com o disposto no artigo 39.º do Código da Caça, estiveram sujeitas ao regime de tutela, durante o ano de 1958, por não terem submetido oportunamente á aprovação superior os seus orçamentos ou por estes não a haverem merecido. As receitas que a estas concelhias competia receber reverteram para o cofre da Regional nos termos do decreto n.º 30 335, diploma que torna obrigatório o dispêndio dessas receitas, por parte da Regional, com o fomento e protecção cinegéticos, nos concelhos de onde dimanarem.

Com efeito, as receitas da totalidade das Comissões Venatórias concelhias são a tal ponto exíguas que se tornam verdadeiramente ridículas. Basta que se diga, sem receio de desmentido serio, que elas não chegariam para pagar renda de casa da maioria destes organismos e o papel necessário ao seu expediente. E' que tais receitas são constituídas apenas pela percentagem de 6$50 de cada licença de caça emitida no seu concelho e de 10$00 das de furão. A prova, cremos que insofismável, do que afirmamos está plenamente feita através dos numeros, simplesmente expressivos, que a seguir indicaremos em relação á situação económica da Comissão Venatória Regional do Centro, situação esta que, aliás, é precisamente idêntica á de todas as restantes Comissões, regionais e concelhias, como aqui o vimos afirmando há anos sem que até hoje hajam sido tomadas medidas que atenuem esse estado de coisas verdadeiramente vergonhoso, por paradoxal.

Foram concedidas, na área desta comissão regional, durante o ano findo, período a que respeitam todos os elementos que a seguir damos a conhecer 28.270 licenças para caçar e 1.492 de furão. Estes documentos produziram 297.620$00 de receita para a caça (282.700$00 das primeiras licenças e 14.920$00 das segundas). Se adicionarmos a esta importancia a dos emolumentos a que lhe confere direito o Decreto-lei 37 313, no total de 309 745$, verificaremos que a receita ilíquida, naquele ano, das 81 comissões venatórias pouco excedeu 600 contos. Desta receita coube á regional a quantia de 408.690$00 e ás respectivas concelhias, em numero de 80, a módica importancia de 198.675$00. A média, por concelhia, da parte emolumentar das licenças de uso e porte de arma é de 3.824$00 e a da receita total cobrada, em todo o ano e em toda a área desta regional, é de 7.498$35! Haverá alguma concelhia que, com esta verba, seja capaz de incutir respeito pela lei na sua área? Que Santo Huberto se amerceie de nós e toque o coração de todos aqueles que têm o indeclinável dever de proteger a riqueza venatória da Nação — tais são os votos sinceros de todos os seus devotos, que na prática da caça encontram alguma coisa mais do que o prazer de dar ao dedo...

Por manifesta carência de meios, este organismo venatório regional não concedeu, em 1958, quaisquer prémios pecuniários aos protectores de ninhos de perdiz. Concedeu, porém, a algumas Venatórias concelhias modestos subsídios para as auxiliar a fomentarem a fauna nas suas áreas.

No serviço de fiscalização manteve esta Regional 21 guardas, 3 deles na situação de eventuais. Mais uma vez ousamos formular a seguinte interrogação: com esse numero de agentes poderá alguma vez exigir-se vigilancia nos campos e impor o cumprimento da lei?

Daí, sem duvida, terem-se verificado, na região fronteiriça das freguesias de Aldeia da Ribeira e Nave de Haver, dos concelhos, respectivamente, do Sabugal e Almeida, na época venatória finda, precisamente em 3 de Outubro, batidas ás perdizes, descaradamente efectuadas por caçadores que do Norte, ali e a outras regiões da Beira Alta afluiram, em numero elevado. E tal foi a chacina de caça ali praticada, especialmente de perdizes, que no fim de Novembro houve reconhecida necessidade de interditar a caça a esta ave no primeiro daqueles concelhos. Acrescente-se que já nos anos passados, na Primavera, os terrenos destes mesmos concelhos e de outros do distrito da Guarda foram frequentados com certa assiduidade por caçadores furtivos, os quais, fazendo uso de reclames, naturais e artificiais, e munidos de armas de pequeno calibre, ali causaram enorme mortandade nestas aves. Serviram, ao que parece, para atenuar um pouco estes lamentáveis actos de vandalismo, só possíveis por manifesta falta de fiscalização, umas breves sortidas levadas a efeito pela G. N. R., dado que os organismos venatórios, vivendo na mais cruciante situação económica, se encontram todos eles impedidos de impor aos vândalos o cumprimento da lei.

Não tendo conseguido adquirir perdizes e lebres, por manifesta carência de receitas, repovoou, no entanto, com algumas centenas de coelhos, os terrenos de vários concelhos da sua área, onde aquele roedor tinha sido exterminado pela mixomatose e pelos furtivos, que ali, como em todo o País, proliferam, caçando em todo o ano.

Ascende a 188 o numero de autos de transgressão levantados, no referido ano de 1958, pelos seus serviços de fiscalização, por infracção das disposições do Código da Caça. Essas transgressões são as seguintes: com a multa base de 300$00, por caçarem em tempo de defeso, 28; idem, com furão, 16; por uso de armadilhas, 2; por caçar em linha com numero superior ao legal, 9; multa de 200$00: por transporte de redes, 2; multa de 100$00: por caçar sem licença, 49 e por reincidência, 1; multa de 50$00: vagueação de cães, 81.

Os mesmos serviços levantaram ainda 49 autos de noticia por contravenção das disposições do Regulamento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 37 313, de 21 de Fevereiro de 1949, e apreenderam 38 espingardas, que foram entregues ao Estado, usadas por indivíduos que para tal efeito não se encontravam devidamente habilitados.

Finalmente resta-nos agradecer, penhorados, á Comissão Venatória Regional do Centro, a amável cedência dos elementos que aqui transcrevemos. Eles provam bem quanto os componentes desse organismo fazem em proi da caça, apesar das dificuldades financeiras com que, como os restantes, não pode deixar de lutar. Entretanto, a riqueza venatória vai definhando em todo o País aguardando que quem de direito se digne ouvir os clamores dos seus defensores.

NABAIS DA CUNHA

DE VEZ EM QUANDO...

Afinidades

por João Patrício

Todos nós sentimos certa inclinação para aqueles que, nisto ou naquilo, se parecem connosco. A convivência, sendo um acto de simpatia, senão de amor, só é perdurável e agradável exercida que seja num ambiente de mutua compreensão, de mutuas semelhanças espirituais, temperamentais e sociais.

E' certo que os contrários atraem-se. Não apenas é uma lei física, como, ás vezes, psicológica. Com frequência se encontram grandes amizades «convivendo» dentro de feitios os mais antagónicos. Mas, no fundo, pontos de contacto, por mais pequenos que sejam, acabam sempre por aproximar-se, declarada ou tácitamente, de idênticos corações e interesses.

A felicidade, instintivamente, procura de preferência as pessoas e os ambientes em que o bem estar domina. Ao invés, a desventura, procura, igualmente e para consolar-se, a presença (feita de palavras ou de silêncios) das pessoas ou dos ambientes de infortunio. Daí, talvez, o dizer-se, egoisticamente, que o mal de muitos é conforto.

*

Ao monologarmos, há dias, sobre este complexo tema—de infinitas cambiantes anímicas—, deparámos com a aprazível leitura da seguinte fábula de Fedro que, plena de picaresca filosofia, ao caso vertente poderá aplicar-se: Síntese moral — «Simile simili gaudet — Amamos aqueles que se parecem connosco». «E' sabido que os homens, quer amem, quer sejam amados, são sempre espoliados pelas mulheres. Conta-se que uma senhora, já experimentada, possuia o amor de certo homem de meia idade. E uma bela jovem conseguira, igualmente, a sua simpatia. Ora, como ambas quisessem parecer da idade dele, começaram a arrancar-lhe os cabelos, segundo a conveniência de cada uma. O incauto homem, todavia, julgando que ia sendo cuidado pelas duas mulheres, viu-se calvo, de um instante para o outro, porque a jovem arrancava-lhe os cabelos brancos e a velha, os pretos».

*

Na verdade, como afirma com satírico espírito o célebre fabulista latino, os homens, de uma ou de outra forma, acabam sempre, directa ou indirectamente, por ser esbulhados pelas mulheres. O antigo escravo da Trácia, tendo conseguido que o imperador Augusto o libertasse, como prémio ao seu talento literário, decerto, jamais em toda a sua vida conseguiu liberta-se da escravatura feminina...

POLICLINICA
CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

As Caldas de Monchique

e a sua formosa região turística

têm sido votadas a lamentável abandono

Recebemos do presidente da comissão administrativa das Caldas de Monchique a seguinte carta:

«Ex.mo senhor director do «Diário de Lisboa»: — No seu conceituado jornal do dia 28 do corrente (Abril), vem publicado um artigo que começa por dizer que «As Caldas de Monchique e a sua formosa região turistica têm sido votadas a lamentável abandono».

«Quem leu o artigo, viu que, de mistura com alusões a melhoramentos feitos, está a crítica pouco justa, a salientar que há por aqui, ruinas que precisam desaparecer. Não há duas opiniões a esse respeito, mas o articulista devia ter investigado por que razão elas ainda aqui estão.

«Não, senhor director, as Caldas de Monchique, não têm estado votadas ao abandono, desde que, há vinte e tal anos, a comissão a que presido, ao tomar posse, encarou imediatamente o problema do completo ressurgimento desta estancia e nunca mais deixou de empregar continuados esforços para que tal venha a acontecer.

«Esta parcela do Património Nacional está dependente de três ministérios: — o das Finanças, por ser Património Nacional; o da Economia, por depender da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos; e, em larguissima escala, do Ministério das Obras Publicas.

«O articulista, querendo escrever a verdade sobre o que se tem passado com as Caldas de Monchique e sobre as dificuldades imensas que têm surgido, ter-lhe-ia bastado informar-se num destes três ministérios ou junto desta Comissão Administrativa. Saberia, então, que quando o malogrado ministro Duarte Pacheco aqui veio conhecer a razão por que tão insistentemente lhe solicitávamos a sua interferência, tão justo achou o motivo da nossa teimosia, que imediatamente foi pôr o caso do ressurgimento desta estancia em Conselho de Ministros, o qual resolveu e bem, considerá-lo «Problema de interesse nacional».

«O velho balneário, que foi, sem duvida, uma grande e benemérita obra dos bispos do Algarve, não tinha tal como estava, as mínimas condições de higiene, salubridade, conforto e até moralidade. As águas termais estavam inquinadas e foi imperativo demoli-lo para se fazerem as captagens, tanto mais que ele se estendia justamente sobre a emergência das nascentes que surgiam no engrenamento do xisto e do granito.

«Demolido, fizeram-se depois as difíceis captagens porque houve que fazer-se o isolamento das águas termais, das águas telúricas e de outras vindas de infiltrações de terrenos vizinhos. Esta obra fundamental de uma estancia, este magnífico trabalho foi feito pela Direcção Geral de Minas, sob a orientação superior do sr. engenheiro Freire de Andrade e mereceu, de facto, ao saudoso engenheiro sr. Luís Acciaiuoli o muito carinho que ele lhe dispensou na vigilancia e direcção dos trabalhos, que foram de tal modo eficientes, que a água termal ficou com o índice zero de colibacilo e aumentou de quase um grau a sua termalidade.

«Como num quarto do velho balneário se havia improvisado uma pequena capela que desapareceu na demolição e queriamos assegurar o culto aos frequentadores da estancia, rápidamente se construiu a linda capela que aqui existe, atestando assim a boa vontade do Governo.

«A Direcção-Geral de Minas seguidamente, construiu, também e provisóriamente, um pequeno edifício, que tem também salas de tratamentos, onde a higiene é absoluta e o proveito colhido por quem ali se tem tratado é do conhecimento geral, não tendo diminuido o numero anual dos aquistas.

«O actual ministro das Obras Publicas, sr. engenheiro Arantes e Oliveira, foi convidado para vir aqui ver as Caldas de Monchique. Veio e, desde esse dia, nunca mais deixou de manifestar o maior interesse em remover obstáculos, pondo á vista o caminho do ressurgimento, cujo plano delineou e que tem vindo a ser metodicamente realizado.

«Foi assim que com a colaboração magnifica da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, se levou a efeito a construção e equipamento das oficinas para engarrafamento das excelentes águas de mesa em que a estancia é rica, podendo afirmar-se que dificilmente se encontrará algures um semelhante conjunto de instalações.

«Deve começar em breve a construção do Hospital Termal, cujo projecto está concluido, estando também muito adiantado o projecto do grande balneário e assegurado para já o fornecimento de energia eléctrica pela C. E. A. L. a toda a estancia. Está, também, concluido o projecto de toda a rede do saneamento da estancia, devendo iniciar-se brevemente, a execução da sua primeira fase e está também em conclusão o projecto de abastecimento de água potável a toda a estancia.

«O plano de urbanização que só agora foi entregue a esta Comissão vai-nos permitir fazer arruamentos para construções particulares e do Estado, tais como a de um albergue para pobres e um grande hotel, que, servindo os que á estancia vão por necessidade, seja também um hotel de turismo.

«Como vê, senhor director, esta estancia não tem estado abandonada mas é curioso notar que, quando realmente o estava antes desta comissão ter tomado posse, nem uma só voz se erguia a pedir providências para que o que existia e era mau, se convertesse rápidamente numa estancia de cura e de turismo, livre de reparos. As ruinas que existem, desaparecerão com a construção do Hospital Termal e Grande Balneário.

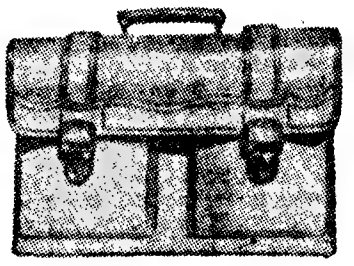
«Isto que exponho, não significa abandono, mas antes testemunha a dedicação e vontade de agir desta Comissão junto de quem de direito, numa insistência que dura há anos sem desfalecimentos e que felizmente encontrou abrigo no dinamismo, firmeza e clarividência de S. Ex.ª o sr. ministro das Obras Publicas e dos seus colaboradores.

«E' justo frisar que de há muito o Estado e os Municípios colaboram, para que anualmente recebam assistência gratuita, centenas de doentes.

«Rogo, pois, a v. o favor de mandar publicar esta minha carta, para esclarecer o artigo citado e agradecendo, apresento-lhe os protestos da minha mais alta consideração, etc. (a) *Alberto Julio Loureiro de Sousa*».

Esta carta vem confirmar o que dissémos no artigo aqui publicado, sob o mesmo titulo, que, em Monchique e noutros pontos do Algarve, suscitou interesse e aplausos e ao qual não temos de alterar uma virgula. Sobre o abandono deplorável das Caldas de Monchique e da sua formosa região turistica fazem-se eco jornais algarvios e alentejanos em vibrantes e bem expressivos artigos.

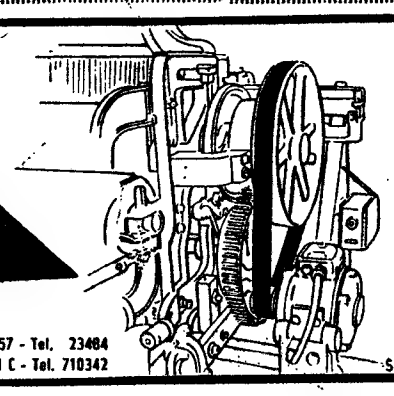
PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena, 97

CAFÉ CORUJA
RESTAURANTE TIPICO
CORUCHE — Telefone 114
PRATOS REGIONAIS
Caldeirada á Sorraia, Ensopado de Enguias, Lampreia com Arroz á Moda da Casa, Filetes á Marisqueira, Lombo de Porco no Espeto, Frango de Caril á Coruja, Bifes de Vaca na Caçola, Cabrito á Moda da Casa.
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

Correia de Plástico SIEGLING
(leia: Zi-glim) (fabrico alemão)
A Correia plana em plástico e reforço como
- Escorregamento nulo
- Curtas distâncias axiais
- Grandes desmultiplicações



REPRESENTANTE GERAL NO IMPÉRIO PORTUGUÊS:
ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157 - Tel. 23484
LISBOA - Av. do Aeroporto, 1 C - Tel. 710342
Sie

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

O enigma das estátuas de bronze

Texto integral do conto de

Jonatham Breck

—VAIS ter uma tarde atarefada, Johnny, pois sigo no avião das três horas para Estocolmo! — disse Sinclair Pallister —. Estive, esta manhã, com Hilliard. Também lá se encontrava o seu advogado, Crump, que é esperto. E estamos ambos convencidos da inocência de Archie.

— Estará inocente, mas em maus lençois, pois a opinião publica já o dá como enforcado!

—Claro que está em maus lençois! E assim temos de tirá-lo deles!

— Com esta chave podes entrar no estudio de Thompson — acrescentou Sinclair, tirando-a do bolso—. Foi a Policia quem ma deu, e aqui tens, também, a autorização escrita para lá poderes penetrar.

— Thompson não está em casa?

— Está em Deal, a jogar o «golf». Férias bem merecidas!... — respondeu Sinclair, com um sorriso irónico.

O jovem Hilliard estava na prisão, acusado do roubo de um brinco de diamantes, e o tribunal fora avisado de que «podiam surgir outras acusações». Toda a gente aguardava com ansiedade que fosse descoberto o cadáver de Gay Mannering, pois tinha como certa a sua morte.

Era duvidosa a reputação de Hilliard, que conseguira ganhar muito dinheiro mas o espatifara. O jogo, a bebida e as mulheres — dizia ele — tinham sido a sua desgraça. Escapara por bem pouco de ser preso, quando esteve envolvido num caso de cheques sem cobertura. Não era um cliente recomendável, mas também não era assassino — a menos que Sinclair Pallister estivesse redondamente enganado.

*

Sinclair foi para o aeroporto e eu debrucei-me á secretária a estudar o assunto. Tinha instruções para examinar o estudio de Walter Thompson, recolher as provas que pudesse e tomar as necessárias providências, se acaso fosse preciso.

O caso de Hilliard parecia mal parado, a não ser que Thompson mentisse. Este era escultor, e considerado expoente da escola moderna, embora só recentemente se tivesse começado a falar dele. A sua ultima exposição, aberta uma semana antes e que incluia o busto de Gay Mannering, desencadeara criticas tempestuosas. E a publicidade á volta do desaparecimento de Gay atraira milhares de pessoas a ver o busto.

Ela era divorciada de um rico industrial. Com vinte e oito anos, muito rica, vivia, aparentemente, para aquilo que o *West End* chama o prazer. Thompson encontrara-a um ou dois meses antes e pedira-lhe permissão para lhe fazer o busto, que concluiu após sete ou oito sessões.

Dizia o escultor nas suas declarações:

—«Nas ultimas quatro vezes, nos dias quatro, cinco, dez e treze de Abril, Miss Mannering veio no carro de Hilliard, que a deixava e voltava depois, a buscá-la. Eu mal falava com Hilliard. Não posso dizer que gostasse dele; mas, sempre que vinha buscar Gay, bebia um *whisky* connosco.

«Na sexta-feira, dia treze, acabei o busto. Miss Mannering chegou, acompanhada de Hilliard, pelas quinze e trinta. Ele deixou o automóvel na minha garagem e regressou um pouco antes das dezassete. Tanto Hilliard como Gay pareciam muito bem dispostos. Admiraram o busto e beberam pelo êxito da minha exposição, a abrir na segunda-feira seguinte. Depois disso não os tornei a ver. Miss Mannering trazia um colar de diamantes, brincos e uma pulseira. Parece-me que o brinco que me mostraram era dela. Miss Mannering dissera-me que ia com Hilliard a uma festa, mas dariam antes, um grande passeio de automóvel pelo campo. Perguntei se não seria imprudente andar pelo campo — respondeu —. Estão no seguro!»

Foi na manhã seguinte que rompeu o clamor. Desde a tarde de sexta-feira que ninguém mais vira Miss Mannering. Interrogado, Hilliard fez declarações vagas. Revistado o carro, apareceu um brinco de diamantes, sob um dos assentos. A conclusão a tirar era que Hilliard assassinara Gay Mannering, para roubá-la, e fizera desaparecer o corpo. As jóias valiam umas quatro mil libras. E ter-se-ia escapado—pensava a Policia — se não houvesse deixado cair estupidamente um dos brincos.

A defesa de Hilliard era a negação do testemunho de Thompson. Confessou que levara Gay ao estudio e deixara o automóvel na garagem. O resto não passava de mentiras. Ao regressar ao estudio, o artista informou-o que Gay já saira, dizendo que tinha de ir a *um sitio* e para Hilliard esperar por ela em Hyde Park Corner. Quando Thompson lhe transmitiu este recado, Hilliard saiu imediatamente. Esperou no local indicado, durante mais de meia hora; dirigiu-se, depois, para casa de Gay e dali para o estudio de Thompson, sem que ninguém o atendesse. Então, não sabendo que fazer, foi dar uma volta sòzinho no automóvel.

*

Mandei buscar o carro e segui para o estudio de Thompson, que era numa cocheira abandonada. A garagem ficava ao lado e, por cima, os aposentos do escultor. Este era solteiro e, ultimamente, não andava bem de finanças — segundo averiguei. Tanta razão tinha ele como Hilliard para matar Miss Mannering. A dificuldade estava, porém em que, para o artista, havia um excelente álibi:

Não saira do estudio entre as cinco horas do dia treze e o meio-dia de catorze, quando lá foi a Policia. Esta comunicou a Sinclair Pallister que o cadáver não se encontrava no edificio, o qual fora cuidadosamente inspeccionado.

—Não o poderia ter destruido? — objectou Sinclair.

—Impossivel!

Contudo, mantinha a esperança de que a *Scotland Yard* se tivesse enganado. Percorri o estudio, rebusquei tudo minuciosamente: sondei o soalho e as paredes e andei na cave durante uma hora, também sem qualquer resultado. A *Scotland Yard* não se enganara. Não havia vestigios do corpo!

Sentei-me á secretária de Thompson e revolvi as gavetas. Encontrei muitas contas por pagar, mas o que mais me interessou foi o seu *diário:*

«Sexta-feira, treze de Abril. Trabalhei nas esculturas para a minha exposição a inaugurar na segunda-feira. Às quinze e trinta, apareceu Gay para os retoques finais. Hilliard veio buscá-la ás dezassete horas. Desejaram-me felicidades e partiram. Gay ia resplandecente com as jóias. Fiz com ela um bom trabalho, parece-me: — a arte que esconde a arte. Ceei pão com queijo, trabalhei até á meia-noite e depois fui-me deitar».

Um tanto enervado, telefonei para a *Scotland Yard:*

—E' o inspector Morton?

—Sou!

—Daqui fala Johnnie! Tem meia hora disponivel?

—Tenho!

—Então vou aí busca-lo!

Dirigimo-nos para a exposição na Galeria Lebraque. Estava quase a fechar. Vimos meia duzia de estátuas de bronze fundido, todas sobre pedestal de mármore; e, ao contrario das outras esculturas expostas, tinham a indicação, no catálogo, de não serem para venda.

Pedi ao encarregado da exposição para alinhá-las, de modo a podermos vê-las melhor.

—Charlie: chegou o grande momento!—exclamei para o inspector—. Estou a agir por palpite, mas disposto a apostar em como tenho razão! Nestes bronzes foi escondido tudo quanto resta de Gay. E num deles, as jóias!

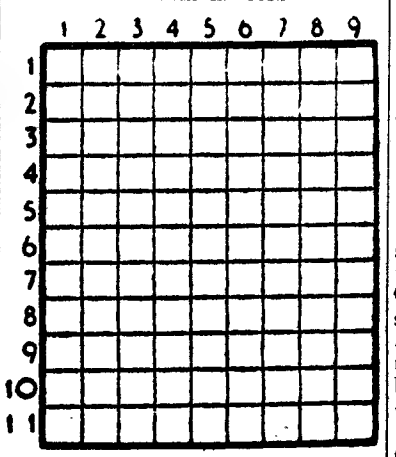
Levámos as estátuas de bronze para a *Scotland Yard* e viu-se, então, que eu tinha acertado.

Walter Thompson foi preso nesse dia, ás oito horas.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3652



HORIZONTAIS: 1 — Republica da América do Sul. 2 — Lago salgado do Turquestão. Nome de mulher. 3 — Muito. Sigas. 4 — Contraíramos matrimónio. 5 — Artigo definido. Um dos grandes generais de Napoleão. Isolado. 6 — Vagar. 7 — Deus dos pastores. Batráquio. 8 — Oferece. Colorido. Senhor. 9 — Jarro (planta). Enfeita. 10 — Vila e concelho do distrito de Coimbra. Dar mios. 11 — Emblema da aviação. Tosta.

VERTICAIS: 1 — Falsa. Ilha do Mar Egeu. Carta de jogar. 2 — Solitárias. Cidade de França. 3 — Navios antigos. Utensílio de padeiro. Altar. 4 — Nome de mulher. Filtras. 5 — Acusado. 6 — Dais uivos. Cidade de Itália. 7 — Estavam. Céu. Brincas. 8 — Macios. Burras. 9 — Em partes iguais. Nome de um astro. Invulgar.

Solução do problema n.º 3651

HORIZONTAIS: 1 — Minerva. 2 — Maria. 3 — Os. Das. Ar. 4 — Aura. Cama. 5 — Reus. Aros. 6 — Má. Dr. 7 — Morna. 8 — Em. Rui. Pé. 9 — Siai. Maia. 10 — Papel. 11 — Suas. Siva.

VERTICAIS: 1 — Coar. Lesas. 2 — Suem. Mi. 3 — Im. Ruam. Apa. 4 — Nadas. Oriás. 5 — Era. Aru. 6 — Risca. Nimes. 7 — Vá. Arda. Ali. 8 — Amor. Pi. 9 — Trás. Seara.

Diz o medico...

(Continuação da 1.ª página)

obtidos a partir do sumo de limão (0,30 por litro de sumo). No de tomate, enlatado e bem conservado, existe perto de quarenta por cento de vitamina C.

Certas variedades de pimentos da Hungria e da nossa África têm quatro vezes mais ácido ascórbico do que o limão ou a laranja (quinhentos gramas em dois mil quilos de pimentos).

Nas amoras da horta e nas framboesas, no limão e na laranja, na couve e nos pimentos verdes, existem quantidades apreciáveis de vitamina C. Estes números são elucidativos: Miligramas de ácido ascórbico por centímetro cúbico de sumo: limão (0,42 a 0,97); laranja (0,42 a 0,70); laranjas azedas (0,35 a 0,59); tangerinas (0,22 a 0,42). Os frutos mais ricos em unidades internacionais de ácido ascórbico são: as laranjas, limões, papaia, tomate, banana, uvas, cerejas, ginjas e morangos saloios. Contam-se entre os menos ricos: o melão, melancia, pêras e pêssegos, goiaba e outros frutos exóticos. Não existe nas gramíneas, leguminosas, frutos gordos como as avelãs, amêndoas e nozes.

Cada cem gramas de frutos frescos contêm: pimento (220 mgr.); laranja (100 mgr.); sumo de laranja (35 mgr.); sumo de limão (65 mgr.); limão (50 mgr.); tomate (33 mgr.); alperce, ameixas e maçãs (10 mgr.); pêssego e uvas (5 mgr); banana (3 mgr.), segundo estatísticas recentemente elaboradas e publicadas pelo professor Javillier.

Verifica-se a existência de ácido ascórbico em todas as parcelas e províncias do corpo humano, nas cortico-suprarrenais, glândulas genitais (masculinas e femininas), lobo anterior da hipófise e noutros tecidos o que prova ser necessária a vitamina C para o normal desenvolvimento e manutenção dos tecidos. Não há crescimento sem a presença, em quantidades razoáveis, deste factor essencial à vida, ao «soma» e ao psiquismo, ao corpo e à alma.

A oxidação, alcalinização do meio, temperatura, condições ecológicas, factores de vária ordem e natureza, tornam a vitamina C a mais instável de todas as conhecidas, e estas já são muitas no vasto arsenal terapêutico que serve o médico e o doente. A oxidação, porém, é, sem dúvida, o factor mais importante.

As batatas com casca, grandes reservatórios de vitamina C, submetidas a uma temperatura de 115º C, durante cinquenta minutos, conservam toda a riqueza vitamínica. A casca da batata é uma verdadeira armadura que suporta os combates mais duros. E tão pouco aproveitada á!

As frutas em conserva encontram-se desprovidas de factor C, mas as de tomate, em meio ácido, rolhas e tampas parafinadas, conservam as percentagens iniciais de vitamina.

A alcalinização do meio ocasiona a destruição de ácido ascórbico, razão por que não se devem cozer legumes, juntando-lhes (como se faz a torto e a direito, na mira de manter a coloração verde) carbonato ou bicarbonato de sódio.

Este deve ser guardado de preterência para tornar inofensivo o alcalóide (plancton-alcalóide?) que em certos locais e em determinadas épocas do ano torna perigosos o berbigão, a amêijoa e o mexilhão (rr Mexilhão). O bicarbonato de sódio neutraliza o veneno, conhecido antigamente por ptomaína tóxica (L. Brieger, 1886; L. Brieger, 1888) e hoje em dia por plancton-alcalóide (N. Sapeika, «Mussel Poisoning», S. A. Medical Journal, vol. XXII: 10, Maio 22, 1948, pp. 337-338 e G. M. Dack, «Food Poisoning», University of Chicago Press, 1943). Os mariscos contêm certos oligoelementos muito úteis e necessários á conservação da saúde. Não esqueçam, porém, o bicarbonato de sódio quando os preparam e cozinham ao natural ou à espanhola...

Desculpem o propositado desvio, necessário para responder a uma pergunta de um leitor amigo do Algarve. Os oligoelementos são tão necessários como as vitaminas!

Os frutos secos (regresso ao assunto inicial) são alimentos mineralizados, ricos em princípios energéticos (açúcares), em vitaminas B1 e B2, além do caroteno. Dividem-se em relação ao factor C, em dois grupos, a saber: 1. Com um a dois miligramas por cem gramas (tâmaras, banana seca de África e do Brasil, castanhas secas, pêra cristalizada, alperces e pêssegos secos; 2. Figos, passas e muitos outros frutos secos, vendidos a retalho, ricos em caroteno e oxicaroteno, isentos de factor C. Os frutos ácidos e verdes, ao contrário, são óptimos reservatórios de ácido ascórbico.

A doença de Barlow (escorbuto infantil, segundo alguns autores) é uma avitaminose produzida pelo leite em pó e pelos leites manipulados e modificados. Sempre que se alimente exclusivamente uma criança com leites industriais, convém alternar tal tipo dietético com sumos de frutos, cenoura ralada ou em sumo, legumes verdes, espinafres e bananas. A anemia do recém-nascido, em muitos casos, não é mais do que uma simples avitaminose C, sucedendo o mesmo à maioria dos síndromes hemorrágicos (Dr.ª Clara Sambaquy, «Nutrição da gestante», Rio de Janeiro, 1958).

Maggi insite na vitaminoterapia e na lacto-proteína concentrada, sem gorduras e cloreto de sódio, isenta de toxinas (suplementos proteícos) no tratamento das úlceras gastrintestinais. Vem a propósito recordar que, nestas situações, devem-se evitar as batatas, feijão verde, massas, além de carne de porco, conservas, enchidos, ervilhas e favas, condimentos e especiarias.

A vitamina C, fornecida ao organismo através dos sumos de frutos, mantém a integridade da função dos capilares e a estrutura do cimento intracelular.

A vitamina C é anti-infecciosa e antianafiláctica, diminuindo a sensibilidade aos choques coloidoclásicos.

Harvier, por exemplo, recomenda os frutos no regime alimentar dos eczematosos e dos asmáticos.

Na América do Norte, país onde as vitaminas têm sido melhor estudadas, protegem-se as conservas de frutas e legumes adicionando-lhes vitaminas A e C. Abertas as latas, as conservas devem ser utilizadas imediatamente e nunca armazenadas nos frigoríficos.

A vitamina K1 existe nos vegetais, couve-flor, repolho, espinafres, tomate e cerejas. Esta vitamina é sintetizada pela flora bacteriana do intestino e absorvida com o auxílio da bílis.

O teor de vitamina K é muito importante no período da gravidez, «sendo conveniente dar à gestante, antes do parto, uma dose complementar de factor anti-hemorrágico».

Os frutos, como já referimos, possuem um valor nutritivo positivo e também uma gama de sabor delicioso. Ricos em glúcidos, em lípidos e em sais minerais e orgânicos, são laxativos, tonicardíacos, diuréticos, hematopoiéticos e anti-hemorrágicos, estimulantes da secreção gástrica, anti-sépticos, anti-infecciosos, alcalinizantes e, ainda, antitóxicos.

Combatem a gota, os reumatismos, o hepatismo, enfim, todas as manifestações do artritismo.

O seu valor alimentar e higiénico impõem-nos na ração diária tanto do homem saudável como do enfermo, que o mesmo é dizer na alegria e na dor, na esperança e no desespero.

Afastam o médico de casa, usava-se dizer noutros tempos... E é bem verdade!...

A. d'E.

PERGUNTE • PERGUNTE • PERGUNTE

A VIDA NA PRÉ-HISTÓRIA

Nas pinturas das cavernas do Paleolítico Superior (sobretudo no período «Madalenense», que se seguiu ao «Aprinhacense» e ao «Solutrense») verificaram-se duas circunstancias dignas de registo:

Primeiro: muitas dessas obras foram pintadas em escaninhos das cavernas, em locais de acesso particularmente difícil e imersos na escuridão; em grande numero de casos o artista, para realizar a sua obra (de uma perfeição de desenho e realismo surpreendentes), teve de se colocar nas mais incómodas posições: deitados de costas, ás cavalitas de alguém, etc.

Que magnífica, ou (para sermos mais modestos nas nossas afirmações) o que pode significar este conjunto de circunstancias? Somos tentados a supor que se trata de uma atitude afim da religiosa, quer dizer «mágica» (nessa altura ainda não se poderá falar na existência de espírito religioso). Parece tratar-se de um ritual praticado em locais a que só os iniciados (os antepassados dos sacerdotes) tinham livre trânsito.

Mas que ritual? Qual o seu fim?

Não produzindo por enquanto alimentos (o que só passará a registar-se com os povos do Neolítico), as sociedades do Paleolítico estão á mercê da abundancia ou da escassez da caça (em especial das renas: há também quem chame ao Paleolítico Superior a Idade das Renas); ora sucede que o homem (tanto o primitivo como o moderno) toma estranhas atitudes quando não consegue dominar o ambiente geográfico em que vive: então, em vez de agir sobre a realidade (por exemplo os animais caçáveis), agem sobre uma figuração desta, sobre uma representação, um símbolo (no caso dos animais, tal símbolo é o animal desenhado: ora figurando o animal com extrema realidade em todos os seus pormenores anatómicos, o primitivo julga conseguir que os seus companheiros caçadores encontrem muitos animais semelhantes aos que desenhou. Em certas ocasiões acontece que o animal, além de ser pintado com magistral realismo, ainda é traspassado por uma seta. Eis a segunda circunstancia digna de reparo a que aludi no princípio destas linhas: fe-

rindo o animal na pintura, o artista (e espécie de sacerdote) supõe que vai facilitar a caça (o tiro certeiro) aos seus colegas.

Com a modificação do clima, quando o ultimo glaciar recuou para o Norte (na Europa), as renas, os bisões e os mamutes seguiram os gelos: e desta maneira desaparece a brilhante civilização do «Madalenense».

Passar-se-á depois um período de adaptação ás novas condições geográficas: os homens das cavernas desaparecem: as sociedades vivem em pequenos grupos dispersos pelas florestas, nas costas marítimas, nas margens dos rios e lagos. E o período Mesolítico (entre as duas idades da pedra — a antiga, Paleolítico; e a nova, Neolítico).

Passado este período intermédio, durante o qual o homem se vai lentamente sedentarizando (nesta altura se registam as primeiras provas de que o homem conseguiu domesticar o primeiro animal — o cão), verifica-se uma grande revolução, a primeira grande revolução da Humanidade. Trata-se, como sabes, do Neolítico.

Que sucede de fundamental no Neolítico? De que revolução se trata?

Nada menos que disto: uma transformação da economia humana que permitiu ao homem o domínio sobre o seu abastecimento em comida. Este imenso progresso foi possível através das seguintes descobertas:

1.ª — Conhecimento de plantas gramíneas comestíveis e selecção das respectivas sementes, ou, se preferirem usar outros termos, a domesticação das gramíneas selvagens (trigo, cevada, etc).

2.ª — Idêntico fenómeno com tubérculos e árvores.

3.ª — A criação de aparelhagem que permitisse as fainas agrícolas: enxós, enxadas, foicinhas (ver a gravura).

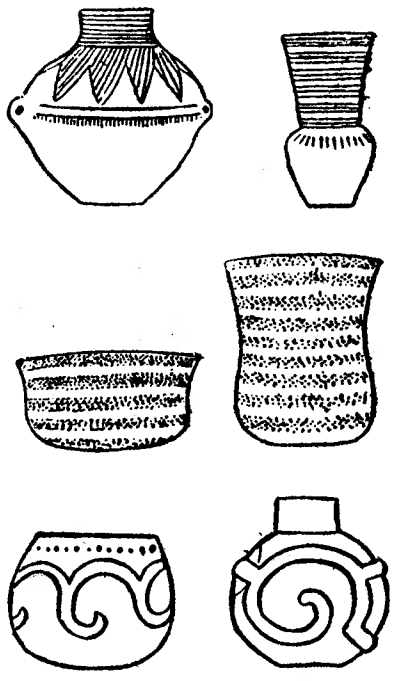
4.ª — Conhecimentos de formas de adubar a terra: deitando fogo ao mato (ainda hoje se pratica o processo das «queimadas») e fertilizando o solo com as cinzas, com estrume humano ou dos animais domesticados.

5.ª — A utilização da água dos rios, o aproveitamento dos terrenos inundados pelas cheias.

Tais são as bases económicas das sociedades do Neolítico — uma actividade mista de agricultura e de pecuária. Claro que antes de se tornar um sedentário agrícola, o homem neolítico praticou a chamada «agricultura de enxada», em que não se encontrava fixo ao solo, mas, pelo contrário, deambulava por aqui e por ali, e apenas se mantinha num local o tempo para colher qualquer coisa que tivesse semeado. Enquanto não descobriu formas de estrumar o solo era compelido a deixar um sítio logo que o terreno, depois de algumas colheitas, se encontrava esgotado.

Como o homem se especializara, dentro da sociedade, nas actividades de caçador e de guerreiro, é á mulher que, desde a noite dos tempos, fica entregue á missão de colher as raizes comestíveis, de plantar, e de estrumar o solo. Admite-

(Continua na ultima página)



Três tipos de ceramica do neolítico

Ao Amigo n.º 222 — Jorge Mário Horta

O MEU AMIGO ARNE

FLASH

Vi-os, durante algum tempo, circularem no mesmo palmo de rua. Olhavam as casas, as pessoas, a travessa á esquerda, como se procurassem orientação. Altos, loiros. Estrangeiros, pensei.

Chegar a uma terra e não conhecer nada. Ninguém. Lançado ás feras. Vertigem. Foi por solidariedade que me aproximei deles.

POR
MANUEL AGRA

Perguntei em inglês o que desejavam. Desejavam saber onde ficava a grande Avenida...

Estar a gente no Calhariz e explicar, onde fica a Avenida da Liberdade, pai do Céu! Em inglês, para maior ajuda! O mais fácil era acompanhá-los até lá.

Assim fiz.

Não tardaram minutos que soubesse a respeito deles que eram Dinamarqueses, tripulantes de um transatlantico em cruzeiro de milionários. O que servia de língua chamava-se Arne...

E antes de chegarmos á grande Avenida, abancámos e bebemos vinho branco. Maravilhoso! Que na terra deles só o provavam pelo Ano Novo e pelas festas de anos...

Estava um dia de Sol. Arne dizia que no seu país havia poucos dias como aquele, assim quente e luminoso. E á medida que eu lhe falava do nosso clima, das nossas flores, das nossas riquezas, Arne traduzia para o seu companheiro. E quando lhe disse que «a maior riqueza do país era o nosso povo» ele sorriu e traduziu imediatamente. E o companheiro sorriu também e acenou repetidas vezes com a cabeça...

Depois de almoçarmos lampreia á moda do Minho, levei-os ao Castelo de S. Jorge. Ficou encantado, o meu amigo Arne. E não queria arredar pé, e não queria que eu deixasse de contar histórias do tempo em que partiam e chegavam caravelas da India e do Brasil. Ali, no castelo, cada pedra gravou uma cena para a Eternidade. Dizemos «abre-te Sésamo» e logo a cena aparece movimentada, inteira, significativa.

Passava das três horas quando descemos. Nos olhos de Arne brilhava uma alegria infantil, presos ainda á luz incomparável... Despediu-se com gestos largos de adeus, que contradiziam a proverbial frieza nórdica. «Não o esquecerei mais...», foram as ultimas palavras.

Todos sabemos como é: muitos projectos, um peito cheio de gratidão. Mas depois a vida, os desencontros, os dias mobilizados para resolver as ninharias quotidianas...

Pois nada assim foi. Recebi hoje um postal do meu amigo Arne. Comovedor. «Escrever-lhe-ei novamente em breve...».

Sonho que o destino há-de ser assim: as pessoas semeiam a Amizade na Terra e dela nascerá a árvore invencível da Paz.

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

Já viram com certeza esta cara em qualquer sítio: é o auto-retrato duma das maiores personalidades da Arte moderna — espírito forte que reivindicou para a Arte a necessidade de ser livre, de exprimir livremente o Artista. A sua vida é, de resto, uma formidável lição de confiança nos destinos do homem. Vivendo na opulência, casado, com filhos — começa a sentir a soar dentro de si o invencível apelo da Arte. Faz as primeiras tentativas; relaciona-se com pintores; alguns encorajam-no; dedica-se ao trabalho ainda como diletante, mas o seu fogo interior começa a ligá-lo com fortes amarras ás preocupações levantadas pelos problemas da Arte. Um dia torna-se-lhe claro que um dos problemas que essa Arte levanta é o da forma de vida que permita a um Pintor ser, na realidade, pintor.

Isto mesmo: vivendo do comércio, das operações bancárias e pintando nas horas será possível a alguém construir uma obra de Arte?

O pintor sabe que não. Corajosamente corta com o passado e dirige-se para uma nova vida. Passa privações de toda a espécie, mas não desiste. Obra atrás de obra liberta-se de influências de outros artistas e cria o seu próprio estilo.

Foi companheiro de Van Gogh, em Arles, mas os seus feitos não permitiam um mutuo entendimento; num dos seus acessos Van Gogh cortou uma das orelhas e o seu companheiro vai-se embora. Uma tentação o persegue: as longínquas ilhas dos mares do Sul. Para lá segue e lá acaba de morrer.

As respostas devem estar em «JUVENIL» até ao próximo dia 16 de Maio, acompanhadas das habituais declarações: nome completo, data de nascimento, morada e indicação dos três artigos que mais lhes agradou no Suplemento desta semana.

No caso de já terem numero de ficheiro devem indicá-lo, a fim de facilitarem o trabalho de identificação dos concorrentes.

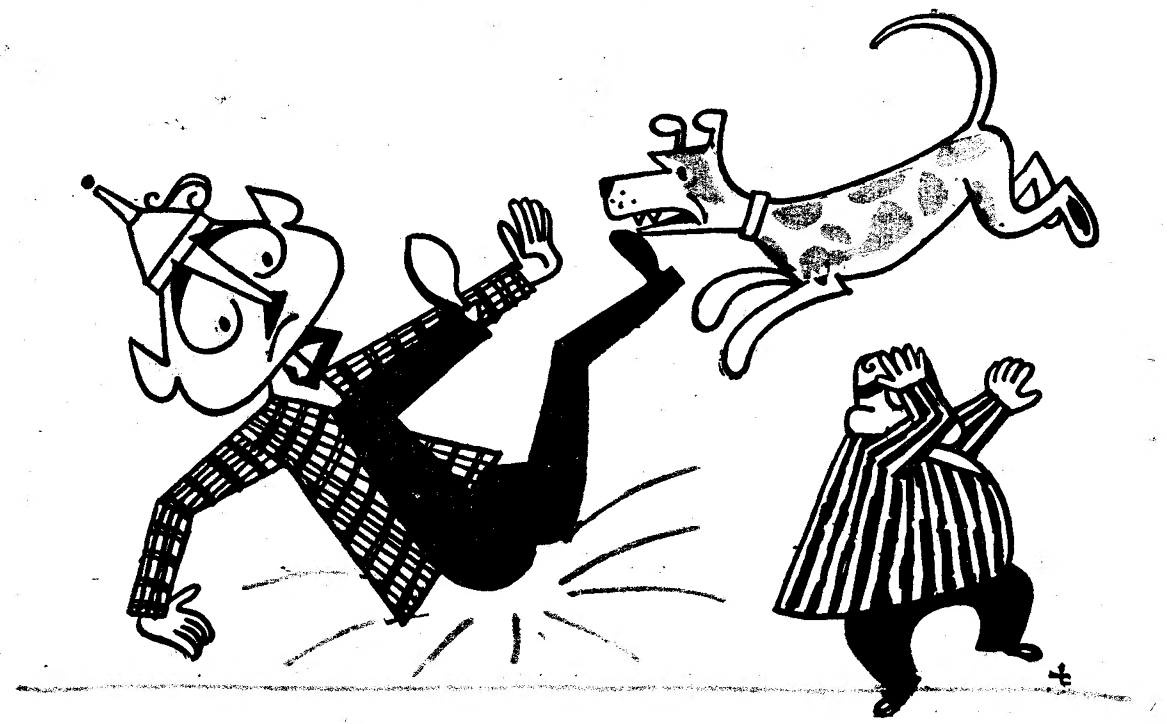
AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

Aqui temos a máquina infernal!

Costuma-se dizer, das pessoais idosas, que «viveram muitos». Esta expressão nem sempre corresponde á verdade. De facto, há gente que chega a velha sem ter conhecido uns instantes de vida intensa — enquanto outros, morrendo jovens, podem dizer que tiveram uma vida plena...

Estas considerações vêm a propósito (parecendo que não) neste capítulo das aventuras do detective Pararraios, a quem a luta contra o crime tanto deve.

O MISTERIO DA BENGALA DE BAMBU (XXII)



No espaço de breves instantes (esta palavra emprega-se aqui num sentido meramente convencional, porque na realidade é práticamente impossível avaliar a fracção de tempo em que tudo aconteceu). Pararraios atravessou a fronteira de alguns países estranhos: o medo (a queda de «Tic-Tac» podia representar a queda da Humanidade no abismo!) a tristeza (via todos os esforços gorados...), a indecisão (que lhe competia agora fazer?) a coragem, o desprezo pela vida, euforia das grandes decisões...

De facto, entre a queda do animal e a do nosso detective interpôs-e uma fracção de tempo práticamente fora de qualquer processo de avaliação. Tudo aconteceu num relampago: o detective viu «Tic-Tac» despenhar-se (ou pressentiu que ia fazê-lo?) viu aproximar-se o camião carregado de peças de tecido, largou-se...

E cairam ambos na carga macia e fofa da camioneta...

A velocidade com que esta se deslocava não deirava que Parraraios se pusesse de pé e alcançasse «Tic-Tac». Se o tentasse fazer, seria imediatamente cuspido, tal a rapidez do veículo que não abrandava, por mais apertada que fosse a curva. «Estranho! Muito estranho», murmurou o detective com aquele sentido raro de descobrir o insólito no banal.

Não tardou a ter a confirmação dos seus receios. Em plena Avenida da India, viu que a camioneta era perseguida por um «jeep» da polícia. Esta lançou alguns tiros de aviso que não surtiram qualquer efeito. Finalmente, os perseguidores resolveram baixar a mira das espingardas e furar os pneus do camião...

Pararraios foi imediatamente reduzido á impotência.

— És o chefe, não? — perguntou-lhe um polícia.

— O cão! Não deixem fugir o cão! Esse cão tem na boca o destino da Humanidade, o destino de nós todos! — foi a resposta de Pararraios.

— Estás a brincar? Estamos pouco dispostos a aturar as tuas brincadeiras, fica sabendo!! Vamos a saber: quem são os teus cumplices?

Em vão Pararraios tentou repor a verdade dos factos.

— Não divagues, não procures fugir á questão! — dizia o chefe da polícia — Responde: para onde levavam a carga?

O detective percebeu que se tratava de uma carga de contrabando, desembarcado algures, perto de Lisboa, para o bojo do camião. Estes factos tornaram-se corriqueiros nos ultimos anos. Em sítios isolados da costa portuguesa, lá onde a Alfandega não exerce apertada vigilancia, barcos, por vezes de grande tonelagem, descarregam preciosas cargas de sedas, tabacos, sabonetes, canetas de tinta permanente e esferográficas, utensílios de uso doméstico e outros artigos de grande consumo nos nossos dias.

«Que fazer? — perguntava a si próprio o detective — «Estes meninos são teimosos e não vão acreditar com muita facilidade que nada tenho a ver com a quadrilha...». Por outro lado, devia tomar uma decisão, pois o tempo urgia. De um momento para o outro, desde que «Tic-Tac» fizesse accionar a alavanca fatal do maquinismo que incessantemente mastigava, a vida podia desaparecer da face da Terra...

De subito teve uma inspiração. Pediu que fosse recebido pelo chefe da Polícia.

— Confessarei tudo — disse — se me entregarem já o cão que seguia na camioneta. Tenho muita estimação nele...

O polícia sorriu:

— Tragam o bicho — ordenou.

Assim fizeram. Foi nesta altura que chegaram ao posto da Polícia Basílio Sopito e a larga companhia de amigos fiéis. Viram esta cena imprevista: Pararraios lutava com o «Tic-Tac», revolviam-se no chão, quer por baixo, quer por cima. O animal recusava-se a abrir a boca. O detective viu-se obrigado a desferir-lhe um violento soco que o deixou prostrado. Então separou-lhe os maxilares, retirou um pequeno cubo de marfim. Segurou-o entre o polegar e o indicador, mostrando-os aos companheiros. E foi com a voz embargada pelo comoção que exclamou:

— Amigos! Aqui temos a máquina infernal!

(Continua)

Gente Nossa

Entre Aveiro e Porto
sempre a trabalhar
— e sempre a sonhar —
serena, tranquila
mora aquela vila
voltada para o mar

Já ouvi dizer
que o seu povo é
o mais liberal
o mais forte e altivo
que há em Portugal

Tendo a vila só
quatro letras juntas
(tão pequena e frágil
palavrinha pouco mansa!)

logo a gente alcança
a realidade então:
que os homens aos palmos
não se medem, não!

A mulher trabalha
sempre tão cuidada
que umas mãos de fada
julgarás que tem
E alta e franzina
forte e delicada
— Eis a ovarina
que conheces bem!

Concurso da semana

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a vila portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado 16 de Maio.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.° 105 I: — «Gente Nossa» — OVAR. II — Gigantes da Humanidade»: RAFAEL.

Vencedores

1 — Amigo n.° 1 — Isabel de Sousa Guerra — (Lisboa).
2 — Amigo n.° 6 — M.ª José Valente Perfeito — Lisboa.
3 — Amigo n.° 225 — Alexandre Alvarenga — Mesão Frio.
4 — Amigo n.° 1571 — M.ª Matilde Magalhães Figueiredo (Lisboa).
5 — Amigo n.° 1584 — Gaëtan Martins Oliveira (Lisboa).
6 — Amigo n.° 1591 — Carlos Alberto Subtil — (Colares).
7 — Amigo n.° 1595 — Helena Rita R. Pereira — (Barreiro).

Prémios

1 — «O velho e o mar», colecção Miniatura.
2 — «O crime dos justos», Colecção Miniatura.
3 — «O crime dos justos», colecção Miniatura.
4 — «Calígula», colecção Miniatura.
5 — «Hiroshima», colecção Miniatura.
6 — «Hiroshima», colecção Miniatura.
7 — «Felicidade», colecção Miniatura.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE RAFAEL:

8 — Amigo n.° 593 — Louise Briar Russel — (Estoril).
8 — «A vida quotidiana no Egipto», por Pierre Montet.
«O crime dos justos», colecção Miniatura.
Todos estes prémios são de «LIVROS DO BRASIL».

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.° 106: I — Concurso «Gente Nossa» — LISBOA. II — «Gigantes da Humanidade»: MIGUEL ANGELO.

Vencedores

1 — Amigo Carlos Manuel Duarte (Porto).
2 — Amigo n.° 365 — M.ª Guilhermina Lobato (Barreiro).
3 — Amigo n.° 583 — José Amado Lopes (Mira d'Aire).
4 — Amigo n.° 976 — Ester Neto Vilão (Barreiro).
5 — Amigo n.° 1133 — António Bandeira (Faro).
6 — Amigo n.° 1492 — António Simões Coutinho (Porto).
7 — Amigo n.° 1593 — Maria Amélia Bastos (Lisboa).

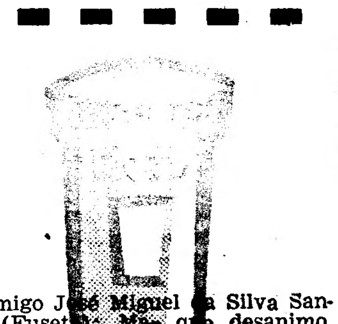
Prémios

1 e 2: «O velho e o mar», colec. Miniatura, LIVROS DO BRASIL.
3 — «Calígula», col. Miniatura (Livros do Brasil).
4 — «O Avesso e o Direito», colec. Miniat. L. do Brasil.
5 — «O Demónio da Rectidão», colecção Miniatura.
6 — «O demónio da Rectidão», col. Miniatura, Livros do Brasil.
7 — «3 contos de encantar», da Clássica Editora.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MIGUEL ANGELO:

8 — Amigo n.° 1939 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).
8 — «A vida quotidiana no tempo de Joana d'Arc», Marcelin Defourneaux, de Livros do Brasil.

DIARIO DE BORDO



Amigo José Miguel da Silva Santos (Fuseta): Mas que desanimo, Amigo! Podes lá ser tu o autor de tal bilhete? Nem quero crer. Porque razão o teu artigo não prestaria, se ganhaste o prémio? O facto de ser o segundo premiado leva-te a desanimar das tuas qualidades? Pelo contrário, Amigo, havia muitos trabalhos, mais longos que o teu, de pessoas mais velhas que tu; e no entanto, tu ganhaste e elas não. Isto não te diz nada? Quanto a deixares de escrever, que asneira! Melhoraste como seria impossível a muitos jovens da tua idade. Como se viéssemos da noite para o dia. E, agora, zás! aqui temos o nosso Amigo convencido que não vale nada, que não sabe escrever, etc., quando já ganhou nem sei quantos prémios. Ai, José Miguel, que o JUVENIL quer amigos valorosos e não desanimados... Espero carta tua, mas vê lá, não desanimes. Tens problemas? Já sabes que me tens ao teu dispor.

A PORTUGALIA vai mandar-te o prémio.

Mmigo n.° 1565 — Benjamin Margarido (Lisboa): Então tu queixas-te de não ser declarado vencedor. quando é certo que acertas em tudo, e dizes que tens livros a receber? Bem vês, se todos que acertam, recebessem prémios, depressa esvaziariamos as livrarias de Lisboa. Entre as respostas certas são sorteados os prémios. Só o prémio especial é atribuido por mérito.

Amigo 1527 — Norberto Duarte da Costa (Lisboa): Não posso dar-te razão. E' na verdade, de lamentar a falta de espaço; mas nunca, para o obter, poderiamos concordar com a ideia de deixar aos mais pequenos as histórias de quadradinhos que dizes se publicam para eles. Quando chegassem á tua idade, julgas que gostariam de ler o Juvenil? Não Amigo, não podemos concordar com essas histórias para as crianças, imbue-lhes o gosto de ler, procova-lhes preguiça mental e muitos outros defeitos que nós tentamos combater, na medida das nossas possibilidades. O tempo nos resolverá o problema. Lembra-te que o JUVENIL começou com duas páginas apenas. E já tem quatro. A paciência pode muito, Amigo, e deve ser uma qualidade da juventude.

ATENÇÃO!!! Amigos premiados sem moradas!

Temos em nosso poder, os livros dos Amigos:

Jaime Teixeira da Silva (Porto); Manuel Pena Costa; António Veiga Esteves (Porto); José Alves; Luís Marques Ribeiro; Maria do Céu Alvares (Cascais). Agradecemos nos enviem as indicações precisas para que recebam os prémios em atraso.

PREMIOS EM ATRASO — Todos os prémios foram enviados, até ao numero 105. Pedimos desculpa da demora e agradecemos a todos os premiados que acusem a sua recepção, imediatamente, a fim de obviar a qualquer extravio. Obrigado.

TROTE

DESTINOS

Depois de vos ter falado acerca da excelente biografia de Jacques Chartenet — «Isabel I, de Inglaterra» — já naquela mesma colecção «DESTINOS», editada por Estudios Cor, Ld.ª saiu uma outra obra de altíssimo interesse.

Trata-se de «A Vida de Liszt» da autoria de Guy de Pourtalés.

Não encontrareis, mais uma vez, uma biografia fantasiosa; o autor não quis aceitar todas aquelas lendas que normalmente crescem, como as urtigas, á beira dos grandes génios: como podereis verificar no final, na lista das obras consultadas por Guy de Pourtalés, houve o cuidado de alicerçar a biografia de Liszt em bases firmes. Entre essas obras encontram-se não apenas as de Liszt (obras literárias, não haja confusão), mas também as de várias personalidades contemporaneas do musico: Berlioz, George Sand, Wagner, etc.

Eis um trabalho sólido que os jovens maiores de 17 anos não deverão desconhecer.

O «Diário de Lisboa» publica-se para ti, aos sábados

«Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados

Os CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

DEPOIS que o cavalo de Gotrum aparecera sózinho no castelo do dono com o misterioso pergaminho pregado na sela, não se passava semana alguma em que o mesmo não sucedesse com um cavaleiro da Távola Redonda. Chegou por fim a altura em que todos os dias desaparecia um cavaleiro. Já o numero se elevava a cinquenta e ninguém conseguia descobrir o mistério. As mães, as esposas, as noivas, as filhas, as irmãs bem cingiam seus

JURO-VOS, SENHORA, DISSE LANÇAROTE

braços amorosos em torno dos cavaleiros para que eles não saíssem pelos caminhos desertos a tentar descobrir tão estranho inigma. Diziam eles:

— Então ficaremos em casa quando o perigo ronda os nossos lares e nem sabemos o que aconteceu aos nossos amigos?

E elas não tinham coragem de aconselhá-los a fugir ao cumprimento da mais bela das virtudes: a solidariedade. Viam-nos, pois, partir numa paisagem de névoa que era filha das lágrimas.

O bom do cavaleiro Lançarote passava os dias no alto da torre maior de Chamalote á espera de mais notícias tristes. Ah! senhor! Quando estaria ele bom das feridas que ganhara na Bretanha!... Tanta era a sua tristeza que quase não comia, nem falava, nem coisíssima nenhuma.

Preocupado, rei Artur chamou um dia o mago Merlim e contou-lhe o que se passava com Lançarote:

— Sabeis, meu amigo, que ele é o cavaleiro que mais estimo entre todos os da Távola Redonda. E' a lealdade, é a bravura, é a bondade em pessoa. Como poderei resignar-me a perdê-lo?

— Eu curá-lo-ei! — foi apenas o que respondeu o mago. E assim aconteceu, de facto: lavou-lhe as feridas com o suco de ervas que só ele conhecia, deu-lhe a beber estranhos elixires e dentro em pouco Lançarote, o maior cavaleiro dos seus tempos, encontrava-se totalmente curado.

Em assim se sentindo, sem perda dum segundo Lançarote do Lago desceu ás cavalariças do castelo de Chamalote — grandes bastantes para darem guarida a todos os corcéis de batalha ou de torneio dos cento e cinquenta cavaleiros da Távola Redonda. Aí encontrou a sua fiel montada: fez-lhe longas festas enquanto baixinho lhe ia dizendo:

— Amigo, cá estou outra vez! Julgavas que me esquecera de ti? Ah! não julgavas, com certeza, pois tu não eras capaz disso.

O cavalo acenou gravemente com a cabeça, de certo por estar de acordo com o seu velho companheiro. Lançarote deu-lhe uma sonora palmada no pescoço e falou-lhe dos caminhos que os esperavam, dos perigos em cada curva de estrada, em cada floresta sombria. E ao mesmo tempo por suas próprias mãos o ia selando. Quando terminou, agarrou-o

POR
TROTE

pela arreata e foi-o trazendo até ao largo pátio, em frente da ponte levadiça. Estavam o rei Artur e a rainha Genebra ao cima das escadas e deram um grande ah! de admiração:

— Que fazeis, Lançarote? Aonde ides?

— Aonde? Pois aonde é o caminho dum cavaleiro da Távola Redonda enquanto não forem descobertos e vingados os seus companheiros desaparecidos?

E por mais rogos que lhe fizesem nada o demoveu: eis o cavaleiro Lançarote lá ao longe — não o vês? lá ao longe, aquele vulto em cuja armadura o sol martela chispas de luz?

Do alto da torre-mor Artur e Genebra já não vêem; o lenço que acenavam emudeceu-lhes no braço morto. Que será do nosso amigo? — pensavam os dois. Nesta altura já o bom cavaleiro trotava a bom trotar e assim prosseguiu por montes e vales e só parava para comer ou para dormir. Comia e dormia como sempre em casa de camponeses; sentava-se á sua lareira; conversava. Sobre que conversava Lançarote? Ora sobre o que havia de ser: sobre o trabalho dos campos — e se as colheitas prometiam ser boas ou más; sobre o senhor das redondezas — podia o caso de não ser um bom cavaleiro e estar a oprimir os pobres: e no fim destas coisas ditas, Lançarote falava então das suas aventuras e de países distantes por onde tinham passado. Era a hora mais bela para os camponeses: que bom saber aquelas coisas novas, e que a terra ia muito mais longe do que os olhos podiam alcançar...

Mas nenhum vivente aparecia que lhe desse notícias dos seus amigos perdidos.

Os dias, as semanas iam correndo e já Lançarote desesperava quando na curva dum caminho lhe surgiu de subito uma donzela de branco que montava um cavalo também branco como sal. A donzela sorriu e disse com uma voz muito fresca:

— Sois um cavaleiro?

— A fé de quem sou, que sim! Conheceis, senhora minha, algumas aventuras nestas paragens?

— Ah! se conheço!... Assim eu encontrasse cavaleiro ousado bastante que as quisesse enfrentar.

— De certo que encontraste, senhora! Por minha honra vos juro. Alguma vez ouviste falar em Lançarote do Lago?

— O da Távola Redonda? Ah! quem mo dera haver ao pé de mim, que uma injustiça, sei eu, seria castigada...

Lançarote pensou se não estaria ali uma armadilha. Fitou a donzela, bem no fundo dos olhos. Olhos tão límpidos, tão leais poderiam alguma vez enganar?

— Lançarote do Lago sou eu — descobriu-se ele, sem mais hesitações.

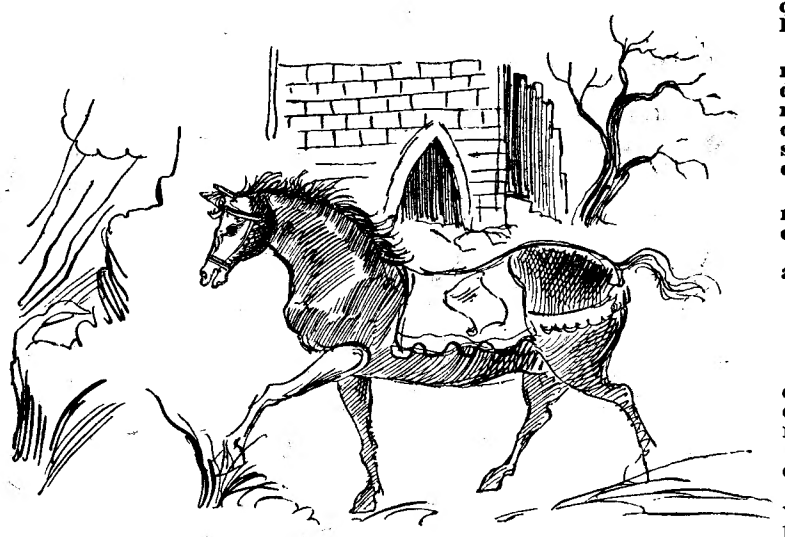
— Vós? Oh! que bem me queria dizer o coração! Então sabei, cavaleiro, que no alto daquele monte que se vê lá ao longe, ali... ali... aquela mancha agoirenta que parece um milhafre... ali, é o castelo de Tarquino Mão-de-Ferro, o mais feio e traidor de todos os fidalgos. Tem presos e sob tortura nada menos que sessenta cavaleiros da Távola Redonda... Quereis lá ir?

— Juro-vos, senhora, disse Lançarote, que é esse destino que me traz desde o Castelo de Chamalote. Tenho corrido léguas e léguas á procura de Tarquino Mão-de-Ferro e sempre em vão. Como hei-de agradecer-vos?

— Nada! — respondeu simplesmente a donzela — Eu indicar-vos-ei o caminho até lá.

E esporeando os cavalos partiram a galope pelas estradas poeirentas...

(Continua)



ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

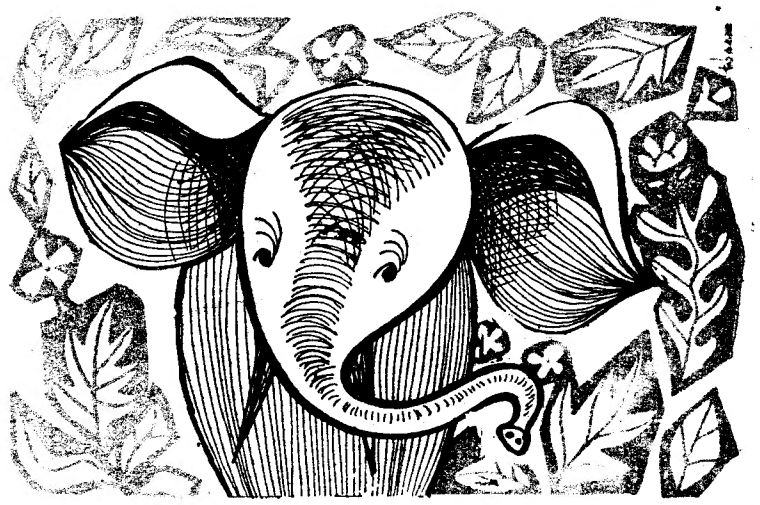
O OUVIDO... E ESTRATEGIA?

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Se quisermos separar os animais em caçadores e caçados, em relação á audição, temos certa dificuldade. Há animais que têm as orelhas bastante adiante e outros, bastante laterais. Mas isto nada, ou muito pouco nos diz, pois quase sempre os animais podem mover as arelhas para diante ou para trás, para os lados.

Contudo, se analizarmos com cuidado podemos concluir: que o gato, caçador nocturno, tem as orelhas bastante voltadas para a frente, a fim de captar os mínimos sons. Mas não as pode voltar tanto para trás como, por exemplo, o cavalo e o coelho. Quase todos os animais caçadores têm orelhas deste tipo, largas na base e portanto de movimentos limitados. E note-se que o cavalo, á primeira vista não precisaria deste tipo de orelhas, móveis em todas as direcções. Mas lembremo-nos de que em tempos idos, o cavalo era um animal... caçado.

Mas, perguntarão vocês, e com razão: se assim é, porque têm os cães de caça as orelhas pendentes que os obriga a voltar de lado a cabeça, para ouvir melhor? E' que o cão de caça tem qualquer coisa de muito especial que domina todos os sentidos: o faro. E quanto mais apurado é o olfato, mais pendentes são as orelhas. E' fácil de imaginar que, para fazer uso de um sentido levado ao apuro do desenvolvimento, estes animais devem abandonar os outros sentidos que só os poderiam perturbar.



O elefante é o animal que possui as maiores orelhas, em geral apertadas contra o cranio, mas que podem mover-se como verdadeiros abanos. Cada uma delas chega a atingir... um metro de diametro! Mas estas enormes orelhas não têm papel idêntico ás dos cães de caça — a abertura do ouvido do elefante não está coberta pelo pavilhão. Por isso, a sua audição não é muito perfeita. Para que quer ele então, uns tais pavilhões? E' que a Natureza é na verdade muito sábia: eles funcionam como as nossas mãos, colocadas por detrás das orelhas, para ouvir melhor... Não julguem que o elefante, poderoso como é, receia os outros animais, mesmo incluindo o homem. Não, o que ele receia é cair nos buracos de onde o seu pesadão corpo não sairia mais. Para evitar este desastre, os seus olhos estão bem na frente da cabeça e a tromba ajuda-o. Então para quê a sua mobilidade? E' que se eles não tivessem a faculdade de as encostar ao cranio, como lhes é normal, depressa as rasgariam nos galhos das árvores.

Vejam agora este tranquilo hipopótamo no fresquinha da água: tem as orelhas pequeninas mesmo por cima dos olhos. E porquê, se ele é tão grande como o grande elefante? E' verdade, mas o «habitat» do hipopótamo é outro; vive na água, a maior parte do seu tempo. Parece dormitar, mas notem que os olhos, o nariz e as orelhas estão cá fora, de modo a dizerem-lhe que o perigo se aproxima.

Pelo contrário, o coelho, animal muito veloz, não tem tempo de ver ou cheirar a proximidade do inimigo. Por isso tem orelhas grandes e patas velozes. As orelhas são extremamente móveis e previnem-no quando lhe é oportuno fugir; as patas fazem o resto. E além disso, as orelhas longas, podem, á distancia, confundir-se com as folhas por entre as quais se esconde.

A coruja é, das aves, a unica que possui orelhas. Nas restantes, estão escondidas entre a plumagem da cabeça. Mas na coruja, quase paressem chifres, com a finalidade de dirigir o som para os ouvidos, aberturas muito grandes em que o tufo de penas serve de pavilhão. Não esqueçamos que, sendo a coruja um animal caçador nocturno (os animais caçados nocturnos são tão silenciosos!...) ela tem necessidade de ouvir o mínimo ruido.

Aquele dia inesquecível...

Raro deve ser o leitor maior de 17 anos que não conheça o nome de James Hilton. Bastantes são já os seus romances traduzidos em português na Colecção «Miniatura» de Livros do Brasil:

ADEUS, MR. CHIPS
APASSIONATA
E AGORA, ADEUS
HORIZONTE PERDIDO
NÃO ESTAMOS SÓS

Pois aquela mesma editora acaba de lançar a porventura melhor obra daquele grande romancista: «Aquele Dia Inesquecível», incluido na sua grande colecção «Dois Mundos». Eis mais um livro cheio de viva poesia que todos os nossos leitores maiores de 17 anos podem ler.

Vencedores dos Concursos

Todos os vencedores de Lisboa e dos arredores podem levantar os seus prémios na Avenida de Roma, 78, 2.º, esq.º, a fim de evitar demoras. Os prémios passarão a ser entregues quatro dias após a publicação dos resultados.

Os vencedores devem munir-se dos respectivos cartões de identidade ou qualquer outro documento que possa identificá-los.

Os leitores da provincia receberão, como até aqui, os prémios pelo correio.

Os prémios em atraso seguiram já todos.

A Crítica do João

Antes que o João começasse a desdobrar os papeis que trazia com os apontamentos para a charla semanal, dise-lhe eu de chofre:

— Ouve lá! Os Amigos só mandam poesia?

— Que ideia! Basta ler-se o Juvenil para se ver a colaboração em prosa.

— E' que...

— Diz...

— E' que tu só criticaste poesia...

— Puro acaso. Hoje, também, começarei ainda por falar dela.

— E de quem se trata?

— Do Luís Teixeira de Ferraz que me remeteu quatro composições: dois sonetos (um deles decalcado num soneto de Antero de Quental) um vilancete (aproveitando um motivo camoniano) e uma outra composição crismada por ele de «Verso moderno».

— Parece que não ficaste muito entusiasmado, tu que te entusiasmas com tanta facilidade...

— Bem. Naturalmente impressionou-me desfavorávelmente aquela ideia de decalcar Antero e Camões.

— Todos nós decalcamos...

— Todos, vírgula. Influências, eu aceito. Mas não aceito que se processem arranjos grosseiros de obras-primas; o Luís Teixeira *deve procurar o seu próprio caminho pelos seus próprios meios.* Se existe algo que o impele para a arte, então deve desenvolver as suas próprias asas. Ainda sou da opinião de que não há asas melhores do que as nossas...

— E' verdade, sim senhor.

— O Luís Ferraz não deve nunca mais confundir a Lianor de Camões com qualquer outra pequena. Tanto mais que quando se resolve a entrar em caminho seu, atinge uma intensidade, uma verdade poética que apreciei. Peço a este amigo que me envie mais produções *suas.*

Pausa. O João volta a remexer nos apontamentos. Bebe mais um golo de refresco e continua:

— Tenho aqui um trabalho do nosso velho Amigo Carlos Alberto de Oliveira Coelho.

— Só um?

— Um só. Como deves calcular, não posso emitir um juizo assente em bases mais ou menos sólidas. Mas se o trabalho não alcança grande responsabilidade, deixa-me no entanto a impressão de que se trata de uma pessoa muito sensível, muito retraída, uma pessoa que *vê* coisas que outras não vêem, que tem o gosto e o amor da natureza e das coisas simples. Que se trata, em suma e ainda, de um poeta. Ora escuta estas linhas:

«...Passeio lentamente de um lado para o outro. Dou uns passos para a ribeira, as folhas rangem debaixo das minhas botas. Estremeço. Esqueci-me que a noite é tão viva como o dia. Que durante a noite as coisas inanimadas se tornam mais reais. Esquecia-me que aquelas folhas são também seres vivos que gozam a existência...».

Por aqui se vê que o Carlos Alberto escreve com elegancia, que sente gosto em escrever.

— É. E depois?

— Depois a personagem segue a ribeira, descreve episódios com temas romanticos, a casa em ruínas onde aparecem fantasmas, a clareira onde ás fadas se juntam...

— ...Ouve-se o canto dos Nibelungos...

— Tanto não digo. Uma fada acaba por se incorporar no ser de Carlos Alberto. É a sua alma. Como vês, puro romantismo.

— Eu também sou muito romantico.

Ia a contar ao João as minhas aventuras romanticas mas um olhar seu gelou-me:

— Não sejas pateta e ouve o resto ...

— Pois não oiço. Fica para a semana. E' a minha vingança...

MARIO CASTRIM

COLABORADORES

Criticaremos nesta secção todos os trabalhos originais enviados pelos nossos leitores de idade não superior a vinte anos.

A colaboração pode ser acompanhada de uma fotografia (de quaisquer dimensões) do autor, e deve ser dirigida a CRITICA DO JOÃO, «Diário de Lisboa Juvenil», Rua Luz Soriano, 44.

MARIA JÚLIA

Conto de Agostinho de Brito Macedo (19 anos)

O rapaz entrou na aula e sentou-se. O professor lembrou-lhe que a entrada era ás nove. Chegava atrasado no segundo dia de aulas. No primeiro não tinha ido. O professor recomeçou a explicação. O rapaz olhou em volta e viu o «Sardento», que olhava com a boca ligeiramente aberta para os numeros que o professor fazia no quadro. Viu todos os colegas. Conheceu uns, outros eram novos alunos.

—Perceberam?—terminou o professor.

O rapaz olhou o quadro e viu a demonstração que lá estava. Fez que sim com a cabeça. Tinha percebido... só logo é que a iria esperar...

—Bem, por hoje é tudo — sorriu o professor — isto agora é simples. Depois complica-se um pouco. E' preciso é que estudem desde o princípio...

Lembrou-se do emprego onde tinha de ir todas as tardes. Como poderia estudar desde o princípio?

O «Sardento» continuava de boca aberta. O professor começou a conversar com os alunos. O rapaz levantou-se quando o professor falou para ele... Faltava ainda tanto para falar com ela...

—Pode estar sentado. Então essas férias?

—Extraordinárias... — respondeu o rapaz, já sentado.

—Ah! Para onde foi?

—Fiquei em Lisboa...

O professor não percebeu bem. Mudou de aluno. Mas o rapaz ficou contente ao lembrar-se das suas férias... Tinha ido buscá-la todas as manhãs... Ele amava-a...

.....

Eram duas horas. O rapaz entrou no escritório. Daí a pouco iniciou o seu trabalho diário.

—Boa tarde — disse o chefe da secção ao chegar.

—Boa tarde — respondeu o rapaz.

—Começou o mau tempo... Não estava já a pingar quando chegou?

—Sim... Parece-me que sim...

O chefe sentou-se á sua secretária. Preparou-se para começar a trabalhar.

—Passe-me aí esès papéis, por favor.

O rapaz recomeçou a escrever.

Foram chegando pouco a pouco todos os restantes empregados. Todos menos um, que estava doente. O chefe telefonou para casa dele e ficou a saber que ele já viria no dia seguinte... Nunca mais eram sete horas... As letras das máquinas de escrever batiam nas folhas de papel em ritmo rapidíssimo. O rapaz continuava a escrever á mão... Como ele gostava dela...

—E' capaz de procurar esta ficha? — ordenou o chefe.

—Com certeza.

O rapaz entregou-lhe a ficha... Ela estaria mais uma vez á espera dele...

—Pode pô-la no lugar.

Colocou a ficha no seu lugar. As sete horas foram-se aproximando... Daí a pouco estaria com ela... O rapaz arrumou todos os papéis, que tinha em cima da secretária...

Eram sete horas... Como todas as tardes eel foi buscá-la ao emprego...

...Ela amava-o...

.....

...Um dia casaram-se...

AMIGO N. 1282

SOLIDÃO

Estou só
sob a árvore frondosa.
Estou deitada á sombra.
Tenho os olhos cerrados
e sonho.
Sonho que o Mundo é bom
e não há guerras, só há paz.
Assim como é bom, viver!
Onde não há pobreza
todos vivem e são felizes
e até os animais estão contentes
por terem a liberdade que adoram.
Sonho que o Mundo é livre!
Já não estou só.
Mas acordo...

ANA MARIA CANHÃO (17 anos)

Colaboração dos leitores

O «Juvenil» orgulha-se de contar entre os seus colaboradores um grande numero de Amigos dedicados.

Temos muito prazer em publicar essa colaboração visto desejarmos que este Suplemento seja, cada vez mais, obra dos seus jovens leitores espalhados por todo o País.

Enviem-nos, pois, os trabalhos literários a que se dedicarem — poemas, contos, reportagens, críticas, ensaios, biografias, relatos históricos, etc. Não é preciso dactilografá-los. A unica condição é não ultrapassarem os trabalhos, em prosa, as 800 palavras.

ATENÇÃO!

Mais uma vez pedimos aos amigos que não se esqueçam de, ao enviarem as suas respostas para o concurso, de nos indicar:

1 — O nome completo
2 — A data do nascimento
3 — A morada
4 — Se estudam, em que curso e ano.
5 — Os três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil».

Estas recomendações tanto dizem respeito ao concurso «Gente nossa» como ao concurso «Gigantes da Humanidade».

VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

POR
NATÁLIA DA FONSECA

As palvras são pessoas muito viajadas.

Nascem num país mas não se ficam por aí. A's vezes dão a volta ao Mundo. E o mais engraçado é que por onde passam deixam cria...

A língua portuguesa tem palavras que correram mundo. Por exemplo: *auto-de-fé, aldeia, banana, cobra, marmelada, coco,* e muitas outras.

Com algumas acontece até uma coisa muito curiosa. Vejamos esta palavra portuguesa *feitiço.* Deu uma filha francesa, *fétiche.* Pois agora somos nós próprios que empregamos o francês *fétiche,* esquecendo-nos da palavra que lhe deu origem e que é nossa...

E' bem certo que santos de ao pé da porta não fazem milagres...

Vais ficar admirado quando souberes de onde vêm as palavras *estibordo* e *bombordo.*

A' primeira vista parece que estas palavras não deviam ter outro berço senão a terra lusitana, a terra de Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Gil Eanes e tantos outros milhares, milhões de portugueses que há tantos séculos labutam no mar.

Enganamo-nos. O berço delas é outro bem diferente. Vejam lá se adivinham...

Não? Então vejam: *estibordo* nasceu nos países do norte da Europa...

Em dinamarquês, *styri* significa leme. *Styorn-bordhi* significava o lado onde, nos barcos estava colocado o leme, isto é, á direita.

Nos nossos tempos o leme já não está colocado á direita, mas estibordo continua a designar o lado direito do navio quando se olha da ré para a proa.

São tão poderosas as palavras que sobrevivem até ás situações e objectos para que foram criadas.

Vejamos as transformações que o dinamarquês veio sofrendo no caminho que percorreu até chegar a Portugal:

Em francês — *estribord*
Em inglês — *starboard*
Em castelhano — *estribordo*

Finalmente em português primeiro deu *estribordo* e depois *estibordo.*

Quem diria! Nascida num país longínquo, a Dinamarca, uma palavra que há tantos anos anda entre nós na boca do mundo...

A palavra *bombordo,* que durante muito tempo se julgou que fosse de origem lusitana (e parece que há ainda muitas pessoas que o afirmam) está demonstrado que andou menos caminho do que a sua irmã do mesmo barco. *Bombordo* veio-nos da Inglaterra, também um país de marinheiros. Vejamos algumas formas que foi tomando noutras línguas durante a sua longa e proveitosa viagem:

Em inglês — *backboard.*
Em francês — *babord.*
Em castelhano — *babordo.*

Na língua portuguesa vestiu-se de maneira já nossa conhecida: *bombordo.* Designa o lado esquerdo do navio quando se olha da ré para a proa.

E embora todas as palavras sejam grandes amigas de viajar, aposto que nenhumas viajaram tanto como *estibordo* e *bombordo.* E' que não há barco nenhum onde elas não embarquem...

A vida na pré-história

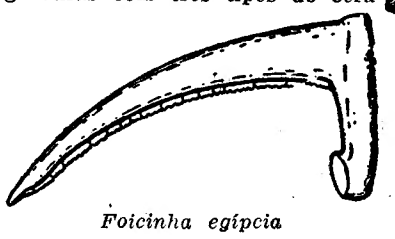
(Continuação da 1.ª página)

-se, pois, que as grandes descobertas relacionadas com a agricultura teriam sido feitas pelas mulheres, o que te prova, amigo Jorge, que o sexo «fraco» é tão capaz de assumir grandes tarefas como o homem...

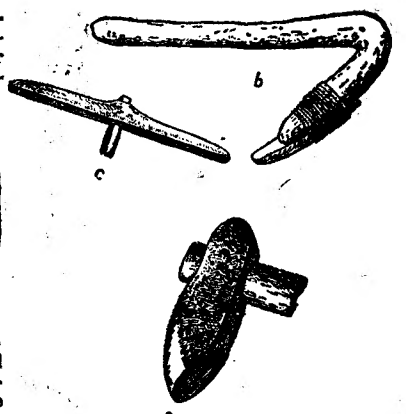
A' mulher se deve, também, segundo as melhores presunções, outro grande invento: a olaria (ver gravuras com três tipos de cerâmica neolítica). O fabrico de vasos de barro, veio tornar possível um novo tipo de alimentação humana (a cozedura e o guizado) e ao mesmo tempo forneceu condições para que os alimentos e as matérias-primas alimentícias pudessem ser conservadas durante bastante tempo em recipientes.

Todas estas modificações servem de prefácio ás grandes civilizações do Nilo, do Eufrates, do Ganges, do Iang-Tsé, etc.

TROTE



Foicinha egípcia



Machado e enxadas do neolítico